

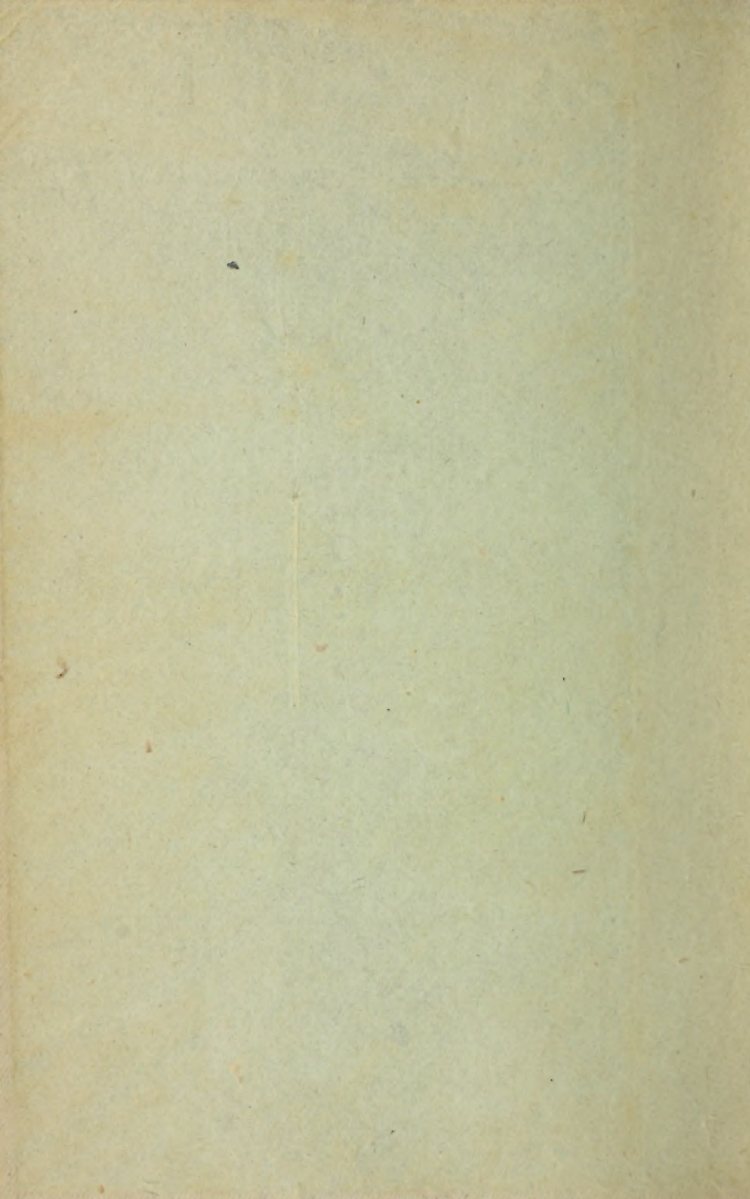
3 1761 07048064 5

Herculano

Lendas e Narrativas

PQ
9261
H5L4
1918
t.1





40.00

2 mts

Lendas e histórias

Lendas e Narrativas

Leucas e Narrativas

Lendas

E

Narrativas

POR

A. HERCULANO

13.^a EDIÇÃO

TOMO I

Edição definitiva conforme com as edições da vida do autor,
dirigida por

DAVID LOPES

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

PARIS

96 - Boulevard du Montparnasse - 96
(Livraria Aillaud)

LISBOA

73 - Rua Garrett - 75
(Livraria Bertrand)

Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

166 - Rua do Ouvidor - 166

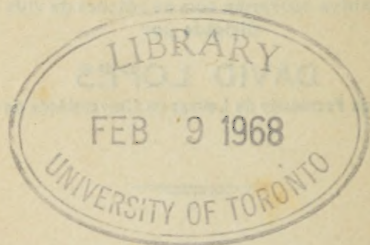
S. PAULO

65 - Rua de S. Bento - 65

BELLO HORIZONTE

1055 - Rua da Bahia - 1055

1918



PQ
9261
H5L4
1918
t.1

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Os breves romances e narrativas contidos neste volume foram impressos, em epochas mais ou menos remotas, nas duas publicações periodicas o *Panorama* e a *Illustração*, bem como o foram nestes ou em outros jornaes os que têm de formar o segundo volume das *Lendas e Narrativas*, collecção que, se trabalhos mais arduos o consentirem, será continuada com alguns outros, apenas esboçados ou ineditos, no todo ou em parte, que ainda restam entre os manuscriptos do auctor. Corrigindo-os e publicando-os de novo, para se ajunctarem a composições mais extensas e menos imperfeitas que já viram a luz publica em volumes separados, elle quiz apenas preservar do esquecimento, a que por via de regra

são condemnados, mais cedo ou mais tarde, os escriptos inseridos nas columnas das publicações periodicas, as primeiras tentativas do romance historico que se fizeram na lingua portuguesa. Monumentos dos esforços do auctor para introduzir na litteratura nacional um genero amplamente cultivado nestes nossos tempos em todos os paizes da Europa, é este o principal ou, talvez, o unico merecimento delles; o titulo de que podem valer-se para não serem entregues de todo ao esquecimento. A singeleza da invenção, a pouca firmeza nos contornos de alguns caractéres, o menos bem travado do dialogo, imperfeições que nem sempre foi possivel remediar nesta nova edição, revelam a mão inexperiente. Na historia dos progressos litterarios de Portugal, desde que a liberdade politica trouxe a liberdade do pensamento, e que o engenho pôde apparecer á luz do dia sem os anjinhos de uma censura tão absurda na sua indole, como estúpida na sua applicação e esterilisadora nos seus effeitos; nessa historia, dizemos, esta nova edição deve ser julgada principalmente com attenção

ao seu motivo, á prioridade das composições nella insertas e á precisão em que, ao escrevê-las, o auctor se via de crear a substancia e a fôrma; porque para o seu trabalho faltavam absolutamente os modelos domesticos.

A critica para ser justa não ha-de, porém, attender só a essas circumstancias; ha-de considerar, tambem, o resultado de taes tentativas, que, a principio, é licito suppôr inspiraram outras analogas, como por exemplo *Os Irmãos Carvajales* e *O que foram Portugueses* do sr. Mendes Leal, e gradualmente incitaram a maioria dos grandes talentos da nossa litteratura a emprehenderem composições analogas de mais largas dimensões e melhor delineadas e vestidas. Todos conhecem o *Arco de Sanct'Anna*, cujo ultimo volume acaba de imprimir o primeiro poeta portugûês deste seculo, o *Um anno na Corte* do sr. Corvo, cuja publicação se aproxima do seu termo, e o *Odio velho não cansa* do sr. Rebello da Silva, ensaio que, se as eloquencias parvoas e semsabores dos discursos academicos não tivessem tornado indecentes as allusões mythologicas, se

poderia comparar ao combate com o leão de Citheron, que revelou á Grecia no moço Hercules o futuro semi-deus; porque no *Odio velho* começa a manifestar-se o auctor da *Mocidade de D. João V*, romance de que já se imprimiram algumas paginas admiraveis, mas que na parte inedita, que é quasi tudo, nos promete um émulo de Walter-Scott. Emfim, *O conde de Castella* do sr. Oliveira Marreca, vasta concepção, postoque ainda incompleta, foi, porventura, inspirado pelo exemplo destas fracas tentativas e das que, em dimensões maiores, o auctor empreendeu no *Eurico* e no *Monge de Cistér*. Character grave e austero, digno dos tempos antigos e que a Providencia collocou em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos generos de corrupções, como condemnação muda; homem, sobretudo, de sciencia e consciencia, o sr. Marreca trouxe estes seus dotes eminentes para o campo do romance historico, onde ninguem, talvez, como elle poderia fazer a Portugal o serviço que Du-Monteil fez á França, isto é, popularisar o estudo daquella parte da vida publica e pri-

vada dos seculos semi-barbaros que não cabe no quadro da historia social e politica.

Taes foram, entre outros, os mais importantes resultados da introducção do genero. No meio deste amplo desenvolvimento de uma litteratura nova no paiz, o auctor das seguintes paginas merecerá, talvez, desculpa de recordar que estes ensaios, inferiores ás publicações que se lhes seguiram, foram a sementinha d'onde proveio a floresta. Seja-lhe, pois, licito consolar-se na sua inferioridade com haver precedido na ordem dos tempos aquelles que, na affeição do publico, devem, provavelmente, fazê-lo esquecer. Persuadido de ter por isso direito á indulgencia, resolveu-se a transportar para o livro aquillo que, considerado em si, não mereceria, talvez, saír nunca das columnas do fugitivo jornal, salvando assim, não escriptos cuja apreciação exija largas paginas na historia litteraria, mas um marco humilde e tosco, que, nesta especie de litteratura, indique o ponto d'onde se partiu.

ADVERTENCIA DA SEGUNDA EDIÇÃO

A advertencia que precedia a anterior edição deste livro e que deixamos reproduzida explica sobejamente porque as primeiras tentativas de um genero de escriptos que só muito tarde foi cultivado em Portugal se publicaram em volumes, quando, talvez, não devessem sair das columnas dos jornaes onde viram a luz publica. Considerámo-los então e consideramo-los agora apenas como balisas no campo da nossa historia litteraria, balisas que nos parecem ainda mais toscas actualmente; porque, ao passo que a reflexão e o tempo nos amaduram o espirito, os defeitos de composição e de estylo cada vez se vão avolumando mais aos olhos da nossa consciencia retrospectiva. Reputando-os, todavia, hoje, como ha

oito annos, simples marcos milliarios, a presente edição absolve-se pelos mesmos titulos porque devia ser absolvida a edição anterior.

Esperavamos, e dissemo-lo sinceramente, que estas desordenadas tentativas esqueceriam em breve offuscadas pelas brilhantes composições que começavam a avultar no caminho que havíamos aberto. O publico entendeu de outro modo. Sem deixar de apreciar o melhor, não esqueceu estes mal delineados esboços, que ficaram na sua memoria, como nos ficam para a saudade os dias do nosso balbuciar infantil.

Quinze a vinte annos são decorridos desde que se deu um passo, bem que debil, decisivo, para quebrar as tradições do *Allivio de Tristes* e do *Feliz Independente*, tyrannos que reinavam sem émulos e sem conspirações na provincia do romance portugûês. Nestes quinze ou vinte annos creou-se uma litteratura, e pôde dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e Narrativas* até o livro *Onde está a Felicidade?* que vasto espaço transposto!

E, todavia, apesar do immenso talento que se revela nas mais recentes composições, quem sabe se, entre os nomes que despontam apenas nos horisontes litterarios, não virá em breve algum que offusque os que nos deixaram para nós sómente um bem modesto lugar?

Oxalá que assim seja. Os que nos venceram nesta lucta gloriosa saberão resignar-se, como nós nos resignámos.

Ajuda, maio de 1858.

O ALCAIDE DE SANTAREM

(950-961)

I

O Guadamellato é uma ribeira que, descendo das solidões mais agras da Serra Morena, vem, através de um territorio montanhoso e selvatico, desaguar no Guadalquivir, pela margem direita, pouco acima de Cordova. Houve tempo em que nestes desvios habitou uma densa população: foi nas eras do dominio sarraceno em Hespanha. Desde o governo do amir Abul-Khatar o districto de Cordova fora distribuido ás tribus arabes do Yemem e da Syria, as mais nobres e mais numerosas entre todas as raças da Africa e da Asia que tinham vindo residir na Peninsula, por occasião da conquista ou depois della. As familias que se estabeleceram naquellas encostas meridionaes das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos conservaram por mais tempo os habitos erradios dos povos pastores. Assim, no meado do decimo seculo, postoque esse districto fosse assás povoado, o seu as-

pecto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por aquelles cabeços e valles vestigios alguns de cultura, nem alvejava um unico edificio no meio das collinas rasgadas irregularmente pelos algares das torrentes ou cubertas de selvas bravias e escuras. Apenas, um ou outro dia, se enxergava na extrema de algum almargem virente a tenda branca do pégureiro, que no dia seguinte não se encontraria alli, se, porventura, se buscasse.

Havia, comtudo, povoações fixas naquelles ermos; havia habitações humanas, porém não de vivos. Os arabes collocavam os cemiterios nos logares mais saudosos dessas solidões, nos pendores meridionaes dos outeiros, onde o sol, ao pôr-se, estirasse de soslaio os seus ultimos raios pelas lageas lisas das campas, por entre os raminhos floridos das sarças açoutadas do vento. Era alli que, depois do vaguear incessante de muitos annos, elles vi-nham deitar-se mansamente uns ao pé dos outros, para dormirem o longo somno sacudido sobre as suas palpebras das azas do anjo Azrael.

A raça arabe, inquieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra familia humana, gostava de espalhar na terra aquelles padrões, mais ou

menos sumptuosos, do captiveiro e da immobildade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independencia illimitada durante a vida.

No recosto de um teso, elevado no extremo de extensa gandra que subia das margens do Guadamellato para o nordeste, estava assentado um desses cemiterios pertencentes á tribu Yemenita dos Benu-Homair. Subindo pelo riò viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas, como vasto estendal, e tres unicas palmeiras, plantadas na coroa do outeiro, lhe tinham feito dar o nome de cemiterio Al-tamarah. Transpondo o cabeço para o lado oriental, encontrava-se um desses brincos da natureza, que nem sempre a sciencia sabe explicar; era um cubo de granito de desconforme dimensão, que parecia ter sido posto alli pelos esforços de centenaes d'homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta especie de atalaia natural descortinavam-se para todos os lados vastos horisontes.

Era um dia á tarde: o sol descia rapidamente, e já as sombras principiavam do lado do leste a empastar a paisagem ao longe em negrumes confusos. Assentado na borda do rochedo quadrangular, um arabe dos Benu-

Homair, armado da sua comprida lança, volvia olhos attentos, ora para o lado do norte, ora para o de oeste: depois, sacudia a cabeça com um signal negativo, inclinando-se para o lado opposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam alli, tambem, assentados em diversas posturas e em silencio, o qual só era interrompido por algumas palavras rapidas, dirigidas ao da lança, a que ele respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça.

«Al-barr, — disse, por fim, um dos sarracenos, cujo trajo e gesto indicavam uma grande superioridade sobre os outros — parece que o kayid de Chantaryn¹ esqueceu a sua injuria, como o wali de Zarkosta² a sua ambição d'independencia. Até, os partidarios de Hafsun, esses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos por meu pae, não podem acreditar que Abdallah realise as promessas que me induziste a fazer-lhes.»

«Amir Al-melek,³ — replicou Al-barr — ainda não é tarde: os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto. Não

¹ Santarem.

² Governador do districto de Saragoça.

³ Principe Real.

creias que a ambição e a vingança adormeçam tão facilmente no coração humano. Dize, Al-athar, não te juraram elles pela sancta Kaaba¹ que os enviados com a noticia da sua rebelião e da entrada dos christãos chegariam hoje a este logar aprazado, antes de anoitecer?

«Juraram — respondeu Al-athar — ; mas que fé merecem homens que não duvidam de quebrar as promessas sollemnes feitas ao khalifa e; além disso, de abrir o caminho aos infiéis para derramar o sangue dos crentes? Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxalá que falhassem as esperanças que pões nos teus occultos alliados. Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Kórtoba², e não houvera de ser o suppedaneo do throno que ambicionas o tumulo de teu irmão!»

Al-athar cubriu a cara com as mãos, como se quizesse esconder a sua amargura. Abdallah parecia commovido por duas paixões oppostas. Depois de se conservar algum tempo em silencio, exclamou:

¹ O famoso templo de Mekka.

² Cordova.

«Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso. Meu irmão Al-hakem acaba de ser reconhecido successor do khalifado: eu proprio o acceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter comvosco. Se o destino assim o quer, faça-se a vontade de Deus! Al-barr, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma kassidéh¹ que não soubeste acabar, como aquella que debalde tentaste repetir na presença dos embaixadores do Frandjat², e que foi causa de caíres no desagrado de meu pae e de Al-hakem e de conceberes esse odio que alimentas contra elles, o mais terrivel odio deste mundo, o do amor proprio offendido.»

Ahmed Al-athar e o outro arabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abdallah. Os olhos, porém, de Al-barr faiscaram de co-lera.

«Pagas mal, Abdallah — disse elle com a voz presa na garganta — os riscos que tenho corrido para te obter a herança do mais bello

¹ Poema de trinta versos, muito usado entre os arabes, e que correspondia de certo modo ás nossas odes.

² Os reinos christãos dos Pyrenéus.

e poderoso imperio do Islam. Pagas com alluções affrontosas aos que jogam a cabeça com o algóz para te pôr na tua uma coroa. És filho de teu pae!... Não importa. Só te direi que é já tarde para o arrependimento. Pensas, acaso, que uma conspiração sabida de tantos ficará occulta? No ponto a que chegaste, retrocedendo é que has-de encontrar o abysmo!

No rosto de Abdallah pintava-se o descontentamento e a incerteza. Ahmed ía a falar, talvez para ver de novo se divertia o principe da arriscada empreza de disputar a coroa a seu irmão Al-hakem. Um grito, porém, do atalaia o interrompeu. Ligeiro como relampago, um vulto saíra do cemiterio, galgara o cabeça e se aproximara sem ser sentido: vinha envolto num albornoz escuro, cujo capuz quasi lhe encubria as feições, vendo-se-lhe apenas a barba negra e revolta. Os quatro sarracenos poseram-se em pé de um pulo e arrancaram as espadas.

Ao ver aquelle movimento, o que chegara não fez mais do que estender para elles a mão direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: então as espadas baixaram-se, como se corrente electrica tivesse adormecido os braços dos quatro sarracenos. Al-barr exclamou:

mara: — «Al-muulin ¹ o propheta ! Al-muulin o sancto ! . . . »

«Al-muulin o peccador — interrompeu o novo personagem — ; Al-muulin, o pobre fakih ² penitente e quasi cego de chorar as proprias culpas e as culpas dos homens, mas a quem Deus, por isso, illumina, ás vezes, os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos corações. Li no vosso, homens de sangue, homens de ambição ! Sereis satisfeitos ! O Senhor pesou na balança dos destinos a ti, Abdallah, e a teu irmão Al-hakem. Elle foi achado mais leve. A ti o throno ; a elle o sepulchro. Está escripto. Vai ; não pares na carreira, que não te é dado parar ! Volta a Kóρθoba. Entra no teu palacio Merwan ; é o palacio dos khalifas da tua dynastia. Não foi sem mysterio que teu pae t'o deu por morada. Sobe ao sotam ³ da torre. Ahi acharás cartas do kayid de Chantaryn e del-

¹ Muulin significa o triste.

² *Fakih* ou *faqir*, especie de frade mendicante entre os mussulmanos.

³ *Sotuko* — O andar mais alto. Os nossos escriptores tomavam esta palavra num sentido evidentemente errado, servindo-se della para indicar o aposento inferior ou terreo.

las verás que nem elle, nem o wali de Zarkosta, nem os Benu-Hafsun faltam ao que te juraram !»

«Sancto fakih — replicou Abdallah, credulo, como todos os mussulmanos daquelles tempos de fé viva, e visivelmente perturbado — creio o que dizes, porque nada para ti é occulto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a tua intelligencia sublime. Asseguras-me o triumpho; mas o perdão do crime podes tu assegurar-lo?»

«Verme, que te crês livre! — atalhou com voz solemne o fakih. — Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, não são mais do que frageis instrumentos nas mãos do destino, e que te crês auctor de um crime! Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, pede ella, acaso, a Deus perdão do seu peccado? Atomo varrido pela colera de cima contra outro atomo, que vais anniquilar, pergunta, antes, se nos thesouros do Misericordioso ha perdão para o orgulho insensato!»

Fez então uma pausa. A noite descia rapida. Ao lusco-fusco ainda se viu saír da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova. Nesta postura, a figura do fakih fasci-

nava. Coando pelos labios as syllabas, elle repetiu tres vezes :

«Para Merwan !»

Abdallah abaixou a cabeça e partiu vagarosamente, sem olhar para trás. Os outros sarracenos seguiram-no. Al muulin ficou só.

Mas quem era este homem ? Todos o conheciam em Cordova ; se vivesseis, porém, naquella epocha e o perguntasseis nessa cidade de mais de um milhão de habitantes, ninguem vo-lo saberia dizer. Era um mysterio a sua patria, a sua raça, d'onde viera. Passava a vida pelos cemiterios ou nas mesquitas. Para elle o ardor da canicula, a neve ou as chuvas do inverno eram como se não existissem. Raras vezes se via que não fosse lavado em lagrymas. Fugia das mulheres, como de um objecto de horror. O que, porém, o tornava geralmente respeitado ou, antes, temido, era o dom de prophecia, o qual ninguem lhe disputava. Mas era um propheta terrivel, porque as suas predicções recaíam unicamente sobre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do imperio os christãos faziam alguma correria ou des-

truíam alguma povoação, elle annunciava publicamente o successo nas praças de Cordova. Qualquer membro da familia numerosa dos Benu-Umeyyas caía debaixo do punhal de um assassino desconhecido, na mais remota provincia do imperio, ainda das do Moghreb ou Mauritania, na mesma hora, no mesmo instante, ás vezes, elle o pranteava, redobrando os seus choros habituaes. O terror que inspirava era tal que, no meio de um tumulto popular, a sua presença bastava para fazer cair tudo em mortal silencio. A imaginação exaltada do povo tinha feito d'elle um sancto, sancto como o islamismo os concebia; isto é, como um homem cujas palavras e cujo aspecto gelavam de terror.

Ao passar por elle, Al-barr apertou-lhe a mão, dizendo-lhe em voz quasi imperceptivel :

«Salvaste-me!»

O fakih deixou-o affastar e, fazendo um gesto de profundo desprezo, murmurou :

«Eu?! Eu teu cumplice, miseravel?!»

Depois, alevantando ambas as mãos abertas para o ar, começou a agitar os dedos rapidamente e, rindo com um rir sem vontade, exclamou :

«Pobres titeres!»

Quando se fartou de representar com os dedos a idéa de escarneo que lhe sorria lá dentro, dirigiu-se, ao longo do cemiterio, tambem para as bandas de Cordova, mas por diverso atalho.

II

Nos paços de Azzahrat, o magnifico alcassar dos khalifas de Cordova, ha muitas horas que cessou o estrepito de uma grande festa. O luar de noite serena d'abril bate pelos jardins, que se dilatam desde o alcassar até o Guad-al-kebir, e alveja trémulo pelas fitas cinzentas dos caminhos tortuosos, em que parecem enredados os bosquesinhos de arbustos, os macissos de arvores silvestres, as veigas de boninas, os vergeis embalsamados, onde a lorangeira, o limoeiro e as demais arvores fructíferas, trazidas da Persia, da Syria e do Cathay, espalham os aromas variados das suas flores. Lá ao longe, Cordova, a capital da Hespanha mussulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que Abdu-r-rahman III, o illustre khalifa, véla pela segurança do imperio. A vasta cidade repousa profundamente, e o ruído mal distincto que parece revoar por cima della é apenas o respiro lento

dos seus largos pulmões, o bater regular das suas robustas arterias. Das almadenas de seiscentas mesquitas não soa uma unica voz de almuaden, e os sinos das egrejas mosarabes guardam tambem silencio. As ruas, as praças, os azokes ou mercados estão desertos. Sómente o murmurio das novecentas fontes ou banhos publicos, destinados ás abluções dos crentes, ajuda o zumbido nocturno da sumptuosa rival de Bagdad.

Que festa fora esta que expirara algumas horas antes de nascer a lua e de tingir com a brancura pallida da sua luz aquelles dois vultos enormes de Azzahrat e de Cordova, que olham um para o outro, a cinco milhas de distancia, como dois phantasmas gigantes envoltos em largos sudarios? Na manhan do dia que findara, Al-hakem, o filho mais velho de Abdu-r-rahman, fora associado ao throno. Os walis, wasires e khatebs da monarchia dos Benu-Umeyyas tinham vindo reconhecê-lo Wali-al-ahdi; isto é, futuro khalifa do Andalús e do Moghreb. Era uma idéa, affagada longamente pelo velho principe dos crentes, que se realisara, e o jubilo de Abdu-r-rahman havia-se espraiado numa dessas festas, por assim dizer fabulosas, que só sabía dar no seculo decimo a corte mais pulida da Europa, e talvez

do mundo, a do soberano sarraceno de Hespanha.

O palacio Merwan, juncto dos muros de Cordova, distingue-se á claridade duvidosa da noite pelas suas fórmulas macissas e rectangulares, e a sua cor tiszada, bafo dos seculos que entristece e sanctifica os monumentos, contrasta com a das cupulas aereas e douradas dos edificios, com a das almadenas esguias e leves das mesquitas e com a dos campanarios christãos, cuja tez docemente pallida suavisa, ainda mais, o brando raio de luar que se quebra naquelles estreitos pannos de pedra branca, d'onde não se reflecte, mas cai na terra preguiçoso e dormente. Como Azzahrat e como Cordova, calado e apparentemente tranquillo, o palacio Merwan, a antiga morada dos primeiros khalifas, suscita idéas sinistras, emquanto o aspecto da cidade e da villa imperial unicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. Não é só a negridão das suas vastas muralhas a que produz essa abertura de coração que experimenta quem o considera assim solitario e carrancudo; é, tambem, o clarão avermelhado que resumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua torre albarran, a maior de todas as que o cercam, a que atalaia

a campanha. Aquella luz, no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da torre, é como um olho de demonio, que contempla colerico a paz profunda do imperio e que espera ancioso o dia em que renasçam as luctas e as devastações de que por mais de dois seculos fora theatro o solo ensanguentado da Hespanha.

Alguem vêla, talvez, no paço de Merwan. No de Azzahrat, postoque nenhuma luz bruxuleie nos centenares de varandas, de miradouros, de porticos, de balcões que lhe arrendam o immenso circuito, alguem vêla por certo.

A sala denominada do Khalifa, a mais espaçosa entre tantos aposentos quantos encerra aquelle rei dos edificios, devera a estas horas mortas estar deserta, e não o está. Dous lampadarios de muitos lumes pendem dos artesões primorosamente lavrados, que, cruzando-se em angulos rectos, servem de moldura ao almofadado de azul e ouro que reveste as paredes e o tecto. A agua de fonte perenne murmura, caíndo num tanque de marmore construido no centro do aposento, e no topo da sala ergue-se o throno de Abdu-r-rahman, alcatifado dos mais ricos tapetes do paiz de Fars. Abdu-r-rahman está ahi sósinho. O khalifa passeia de um para outro lado, com olhar

inquieta, e de instante a instante pára e escuta, como se esperasse ouvir um ruído longínquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva anciedade; porque o unico ruído que lhe fere os ouvidos é o dos proprios passos sobre o xadrez variegado que forma o pavimento da immensa quadra. Passado algum tempo, uma porta, escondida entre os brocados que forram os lados do throno, abre-se lentamente, e um novo personagem apparece. No rosto de Abdu-r-rahman, que o vê aproximar, pinta-se inquietação ainda mais viva.

O recém-chegado offerecia notavel contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do logar em que se introduzia e com o aspecto magestoso de Abdu-r-rahman, ainda bello, apesar dos annos e das cans que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de marmore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou tunica era de lan grosseiramente tecida, o cincto uma corda de esparto. Devisava-se-lhe, porém, no despejo do andar e na firmeza dos movimentos que nenhum espanto produzia nelle aquella magnificencia. Não era velho; e, todavia, a sua tez tostada pelas injurias do tempo estava sulcada de rugas, e uma orla vermelha circula-

va-lhe os olhos, negros, encovados e reluzentes. Chegando ao pé do khalifa, que ficara immovel, cruzou os braços e pôs-se a contemplá-lo calado. Abdu-r-rahman foi o primeiro em romper o silencio:

«Tardaste muito e foste menos pontual do que costumas, quando annuncias a tua vinda a hora fixa, Al-mulin! Uma visita tua é sempre triste, como o teu nome. Nunca entraste a occultas em Azzahrat, senão para me saciares de amargura: mas, apesar disso, não deixarei de abençoar a tua presença, porque Al-ghafir — dizem-no todos e eu o creio — é um homem de Deus. Que vens annunciar-me, ou que pretendes de mim?»

«Amir Al-muminin¹, que póde pretender de ti um homem cujos dias se passam á sombra dos tumulos, pelos cemiterios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o portico de um templo; cujos olhos tem queimado o choro, e que não esquece um instante que tudo neste desterro, a dor e o goso, a morte e a vida, está escripto lá em cima? Que venho annunciar-te? . . . O mal; porque só mal ha na terra para o homem que vive, como tu, como

¹ *Principe dos crentes*, titulo correspondente ao de khalifa

eu, como todos, entre o appetite e o rancor; entre o mundo e Eblis; isto é, entre os seus eternos e implacaveis inimigos!»

«Vens, pois, annunciar-me uma desventura?!... Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta annos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; todas as minhas ambições têm sido satisfeitas; todos os meus desejos realisados; e, todavia, nesta longa carreira de gloria e prosperidade, só fui inteiramente feliz quatorze dias da minha vida ¹. Pensava que este fosse o decimo-quin- to. Devo, acaso, apagá-lo do registo em que conservo a memoria delles e em que já o tinha escripto?»

«Pódes apagá-lo — replicou o rude fakih—: pódes, até, rasgar todas as folhas brancas que restam no livro. Khalifa! vês estas faces sulcadas pelas lagrymas? vês estas palpebras requeimadas por ellas? Duro é o teu coração, mais que o meu, se, em breve, as tuas palpebras e as tuas faces não estão semelhantes ás minhas.»

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pallido de Abdu-r-rahman: os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, to-

¹ Historico.

maram a terrível expressão que elle costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar esse que, só por si, fazia recuar os inimigos. O fakih não se moveu, e pôs-se também a olhar fito para elle.

«Al-muu-lin, o herdeiro de Benu Umeyyas pôde chorar arrependido dos seus erros diante de Deus; mas quem disser que ha neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lagryma, diz-lhe elle que mentiu!»

Os cantos da boca de Al-ghafir encrespavam-se com um quasi imperceptivel sorriso. Houve um largo espaço de silencio. Abdu-rahman não o interrompeu: o fakih proseguiu:

«Amir Al-muminin, qual de teus dous filhos amas tu mais? Al-hakem, o successor do throno, o bom e generoso Al-hakem, ou Abdallah, o sabio e guerreiro Abdallah, o idolo do povo de Kóρθoba!»

«Ah—replicou o khalifa, sorrindo—já sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde e que eu havia de sabê-la... Os christãos passaram a um tempo as fronteiras do norte e as do oriente. Meu velho tio Al'moddfafer já depôs a espada victoriosa, e crês necessario expôr a vida de um delles aos golpes dos infiéis. Vens prophetisar-me a morte

do que partir. Não é isto? Fakih, creio em ti, que és acceto ao Senhor; mas ainda creio mais na estrella dos Benu-Umeyyas. Se eu amasse um mais do que outro, não hesitaria na escolha; fora esse que eu mandara não á morte, mas ao triumpho. Se, porém, essas são as tuas previsões, e ellas têm de realisar-se, Deus é grande! Que melhor leito de morte posso eu desejar a meus filhos do que um campo de batalha, em al-djihed ¹ contra os infieis?»

Al-ghafir escutou Abdu-r-rahman sem o menor signal de impaciencia. Quando elle acabou de falar, repetiu tranquillamente a pergunta:

«Khalifa, qual amas tu mais dos teus dous filhos?»

«Quando a imagem pura e sancta do meu bom Al-hakem se me representa no espirito, amo mais Al-hakem: quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a fronte vasta e intelligente do meu Abdallah, amo-o mais a elle. Como te posso eu, pois, responder, fakih?»

«E, todavia, é necessario que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um e outro. Um delles deve morrer na proxima noite, obscura-

¹ Guerra sancta.

mente, nestes paços, aqui mesmo, talvez, sem gloria, debaixo do cutello do algoz ou do punhal do assassino.»

Abdu-r-rahman recuara ao ouvir estas palavras: o suor começou a descer-lhe em bagas da fronte. Bem que tivesse mostrado uma firmeza fingida, sentira apertar-se-lhe o coração desde que o fakih começara a falar. A reputação d'illuminado de que gosava Al-muulin, o character supersticioso do khalifa e, mais que tudo, o haverem-se verificado todas as negras prophcias que num longo decurso de annos elle lhe fizera, tudo contribuia para atterrar o principe dos crentes. Com voz trémula replicou:

«Deus é grande e justo. Que lhe fiz eu para me condemnar no fim da vida a perpetua afflicção, a ver correr o sangue de meus filhos queridos, ás mãos da deshonna ou da perfidia?»

«Deus é grande e justo—interrompeu o fakih.—Acaso, nunca fizeste correr injustamente o sangue? Nunca, por odio brutal, despedaçaste de dor nenhum coração de pae, de *irmão*, de amigo?»

Al-muulin tinha carregado na palavra *irmão*, com um accento singular. Abdu-r-rahman, possuido de mal refreado susto, não attentou por isso.

«Posso eu acreditar tão estranha, direi antes, tão incrível prophesia—exclamou elle por fim—sem que me expliques o modo como se deve realisar esse terrivel successo? Como hade o ferro do assassino ou do algoz vir, dentro dos muros de Azzahrat, verter o sangue de um dos filhos do khalifa de Kóρθoba, cujo nome, seja-me licito dizê-lo, é o terror dos christãos e a gloria do islamismo?»

Al-muulin tomou um ar imperioso e solemne, estendeu a mão para o throno e disse:

«Assenta-te, khalifa, no teu throno e escuta-me; porque, em nome da futura sorte do Andalús, da paz e da prosperidade do imperio e das vidas e do repouso dos mussulmanos, eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Successor do propheta, iman ¹ da divina religião do koran, escuta-me; porque é obrigação tua ouvir-me.»

O tom inspirado com que Al-muulin falava, a hora de alta noite, o negro mysterio que encerravam as palavras do fakih tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abdu-r-rahman. Machinalmente subiu ao thro-

¹ Pontifice. Os khalifas reuniam em si o summo imperio e o summo pontificado.

no, encruzou-se em cima da pilha de coxins em que elle rematava, e, encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz presa: — «Pódes falar, Suleyman-ibn-Abd-al-ghafir!»

Tomando então uma postura humilde e cruzando os braços sobre o peito, Al-ghafir, o triste, começou da seguinte maneira a sua narrativa:

III

«Khalifa! — começou Al-muulin—tu és grande; tu és poderoso. Não sabes o que é a affronta ou a injustiça cruel que esmaga o coração nobre e energico, se este não póde repelli-la e, sem demora, com o mal ou com a affronta, vingá-la á luz do sol! Tu não sabes o que então se passa na alma desse homem, cujo inteiro desaggravo consiste em deixar fugir alguma lagryma furtiva, e que até, ás vezes, é obrigado a beijar a mão que o feriu nos seus mais sanctos affectos. Não sabes o que isto é; porque todos os teus inimigos têm caído diante do alfange do almogaure ou deixado despenhar a cabeça de cima do cepo do algoz. Ignoras, por isso, o que é o odio; o que são essas solidões tenebrosas por onde o resentimento que não póde vir ao gesto se dilata e vive, á espera do dia da vingança. Dirto-hei eu. Nessa noite immensa, em que se envolve o coração chagado, ha uma luz san

guinolenta que vem do inferno e que alumia o espirito vagabundo. Ha ahi terriveis sonhos, em que o mais rude e ignorante descobre sempre um meio de desaggravo. Imagina como será facil aos altos entendimentos encontrá-lo! É por isso que a vingança, que parecia morta e esquecida, apparece, ás vezes, inesperada, tremenda, irresistivel, e morde-nos, surgindo debaixo dos pés, como a vibora, ou despedaça-nos, como o leão pulando d'entre os juncões. Que lhe importa a ella a magestade do throno, a sanctidade do templo, a paz domestica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distancias, calculou as difficuldades, meditou no silencio e riu-se de tudo isso!»

E Al-ghafir o triste desatou a rir ferozmente. Abdu-r-rahman olhava para elle espantado.

«Mas — proseguiu o fakih — ás vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de animo tenaz e forte, possuido, tambem, de alguma idéa occulta e profunda, que se alevante e rompa a trama urdida das trévas. Este homem no caso presente, sou eu. Para bem? Para mal? — Não sei; mas sou! Sou eu que venho revelar-te como se prepara a ruina do teu throno e a destruição da tua dynastia.»

«A ruina do meu throno e a destruição da minha dynastia? — gritou Abdu-r-rahman, pon-

do-se em pé e levando a mão ao punho da espada.—Quem, a não ser algum louco, imagina que o throno dos Benu-Umeyyas póde, não digo desconjunctar-se, mas apenas vacillar debaixo dos pés de Abdu-r-rahman? Quando, porém, falarás emfim claro, Al-muulin?»

E a colera e o despeito faiscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o fakih proseguiu:

«Esqueces-te, khalifa, da tua reputação de prudencia e longanimidade. Pelo propheta! Deixa divagar um velho tonto, como eu... Não!... Tens razão... Basta! O raio que fulmina o cedro desce rapido do céu. Quero ser como elle... Amanhan, a estas horas, teu filho Abdallah ter-te-ha já privado da coroa para a cingir na propria frente, e o teu successor Al-hakem terá perecido sob um punhal d'assassino. Ainda te encolerisas? Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?»

«Infame!—exclamou Abdu-r-rahman.—Hypocrita, que me tens enganado! Tu ousas calumniar o meu Abdallah? Sangue! Sangue ha-de correr, mas é o teu. Crias que, com essas visagens d'inspirado, com esses trajos de penitencia, com essa linguagem dos sanctos, poderias quebrar a affeição mais pura, a de um pae? Enganas-te, Al-ghafir! A minha re-

putação de prudente, verás que é bem merecida.»

Dizendo isto, o khalifa ergueu as mãos, como quem ía a bater as palmas. Al-muulin interrompeu-o rapidamente, mas sem mostrar o menor indicio de perturbação ou de terror.

«Não chames ainda os eunuchos; porque assim é que dás provas de que não a merecias. Conheces que me seria impossivel fugir. Para matar ou morrer sempre é tempo. Escuta, pois, o infame, o hypocrita, até o fim. Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abdallah? Bem sabes que elle é incapaz de mentir a seu amado pae, a quem deseja longa vida e todas as prosperidades possiveis.»

O fakih desatara de novo num rir trémulo e hediondo. Metteu a mão no peitilho da aljarabia e tirou, uma a uma, muitas tiras de pergaminho: pô-las sobre a cabeça e entregou-as ao khalifa, que começou a ler com avidez. A pouco e pouco, Abdu-r-rahman foi empallidecendo, as pernas vergaram-lhe e, por fim, deixou se cair sobre os cochins do throno e, cubrindo a cara com as mãos, murmurou:— «Meu Deus! porque te mereci isto!»

Al-muulin fitara nelle um olhar de girifalte, e nos labios vagueava-lhe um riso sardonico e quasi imperceptivel.

Os pergaminhos eram varias cartas dirigidas por Abdallah aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Benu-Hafsun, e a diversos cheiks berebéres, dos que se haviam domiciliado na Hespanha, conhecidos pelo seu pouco affecto aos Benu-Umeyyas. O mais importante, porém, de tudo era uma extensa correspondencia com Umeyya-ibn-Ishak, guerreiro celebre e antigo alcaide de Santarem, que, por graves offensas, passara ao serviço dos christãos de Oviedo com muitos cavalleiros illustres da sua clientela. Esta correspondencia era completa de parte a parte. Por ella se via que Abdallah contava, não só com os recursos dos mussulmanos seus parciaes, mas tambem com importantes soccorros dos infiéis por intervenção de Umeyya. A revolução devia rebentar em Cordova pela morte de Al-hakem e pela deposição de Abdu-r-rahman. Uma parte da guarda do alcassar de Azzahrat estava comprada. Albarr, que figurava muito nestas cartas, seria o hadjeb ou primeiro ministro do novo khalifa. Allí se viam, emfim, os nomes dos principaes conspiradores e todas as circumstancias da empreza eram explicadas ao antigo alcaide de Santarem, com aquella individuação que nas suas cartas elle constantemente exigia. Al-muulin falara verdade: Abdu-r-rahman via

despregar diante de si a longa teia da conspiração, escripta com letras de sangue pela mão do seu proprio filho.

Durante algum tempo o khalifa conservou-se, como a estatua da dor, na postura que tomara. O fakih olhava fito para elle com uma especie de cruel complacencia. Al-muulin foi o primeiro que rompeu o silencio; o principe Benu-Umeyya, esse parecia ter perdido o sentimento da vida.

«É tarde — disse o fakih. — Chegará em breve a manhan. Chama os eunuchos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas portas de Azzahrat deve dar testemunho da promptidão da tua justiça. Elevei ao throno de Deus a ultima oração e estou apparelhado para morrer, eu o hypocrita, eu o infame, que pretendia lançar sementes de odio entre ti e teu virtuoso filho. Khalifa, quando a justiça espera, não são boas horas para meditar ou dormir.»

Al-ghafir retomava a sua habitual linguagem, sempre ironica e insolente, e ao redor dos labios vagueava-lhe de novo o riso mal reprimido.

A voz do fakih despertou Abdu-r-rahman das suas tenebrosas cogitações. Pôs-se em pé. As lagrymas haviam corrido por aquellas faces; mas estavam enxutas. A procella de pai-

xões encontradas tumultuava lá dentro; mas o gesto do príncipe dos crentes recobrou apparente serenidade. Descendo do throno, pegou na mão mirrada de Al-muulin e, apertando-a entre as suas, disse:

«Homem que guias teus passos pelo caminho do céu, homem acceto ao propheta, perdoa as injurias de um insensato! Cria ser superior á fraqueza humana. Enganava-me! Foi um momento que passou. Possas tu esquecê-lo! Agora estou tranquillo... bem tranquillo... Abdallah, o traidor que era meu filho, não concebeu tão atroz designio. Alguem lh'o inspirou: alguem verteu naquelle animo suberbo as vans e criminosas esperanças de subir ao throno por cima do meu cadaver e do de Al-hakem. Não desejo sabê-lo para o absolver; porque elle já não póde evitar o destino fatal que o aguarda. Morrerá; que antes de ser pae fui khalifa, e Deus confiou-me no Andalús a espada da suprema justiça. Morrerá; mas hão-de acompanhá-lo todos os que o precipitaram no abysmo.»

«Ainda ha pouco te disse — replicou Al-ghafir — o que póde inventar o odio que é obrigado a esconder-se debaixo do manto da indifferença e, até, da submissão. Al-barr, o orgulhoso Al-barr, que tu offendeste no seu

amor proprio de poeta, que expulsaste de Azzahrat, como um homem sem engenho nem saber, quiz provar-te que, ao menos, possuia o talento de conspirador. Foi elle que preparou este terrivel successo. Has-de confessar que se houve com destreza. Só numa cousa não: em pretender associar-me aos seus designios. Associar-me?... não digo bem... fazer-me seu instrumento... A mim!... Queria que eu te apontasse ao povo como um impio pelas tuas allianças com os amires infiéis de Frandjat. Fingi estar por tudo, e chegou a confiar plenamente na minha lealdade. Tomei a meu cargo as mensagens aos rebeldes do oriente e a Umeyya-ibn-Ishak, o alliado dos christãos, o antigo kayid de Chantaryn. Foi assim que pude colligir estas provas da conspiração. Loucos! As suas esperanças eram a miragem do deserto... Dos seus alliados, apenas os de Zarkosta e os das montanhas de Al-kibla não foram um sonho. As cartas de Umeyya, as promessas do amir nazareno de Djalikia ¹, tudo era feito por mim. Como eu enganei Albarr, que bem conhece a letra de Umeyya, esse é um segredo que, depois de tantas re-

¹ Os arabes designavam os reis de Oviedo e Leão pelo titulo de reis de Galliza.

velações, tu deixarás, khalifa, que eu guarde para mim... Oh, os insensatos! os insensatos!»

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolução que ameaçava trazer á Hespanha mussulmana todos os horrores da guerra civil devia rebentar dentro de poucas horas, talvez. Era necessario affogá-la em sangue. O longo habito de reinar, juncto ao character energico de Abdu-r-rahman, fazia com que, nestas crises, elle desenvolvesse de modo admiravel todos os recursos que o genio amestrado pela experiencia lhe suggeria. Recalcando no fundo do coração a cruel lembrança de que era um filho que ía sacrificar á paz e á segurança do imperio, o khalifa despediu Al-muulin e, mandando immediatamente reunir o diwan, deu largas instrucções ao chefe da guarda dos slavos. Ao romper da manhan todos os conspiradores que residiam em Cordova estavam presos, e muitos mensageiros tinham partido, levando as ordens de Abdu-r-rahman aos walis das provincias e aos generaes das fronteiras. Apesar das lagrymas e rogos do generoso Al-hakem, que luctou tenazmente por salvar a vida de seu irmão, o khalifa mostrou-se inflexivel. A cabeça de Abdallah caíu aos pés

do algoz na propria camara do principe no palacio Merwan. Al-barr, suicidando-se na masmorra em que o tinham lançado, evitou assim o supplicio.

O dia immediato á noite em que se passou a scena entre Abdu-r-rahman e Al-ghafir que tentámos descrever foi um dia de sangue para Cordova e de lucto para muitas das mais illustres familias.

IV

Era pelo fim da tarde. Numa alcova do palacio de Azzahrat via-se reclinado um velho sobre as almofadas persas de um vasto almatah ou camilha. Os seus ricos trajos, orlados de pelles alvissimas, faziam sobresaír as feições enrugadas, a pallidez do rosto, o encoçado dos olhos, que lhe davam ao gesto todos os symptomas de cadaver. Pela immobildade dir-se-ia que era uma destas mumias que se encontram pelas catacumbas do Egypto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuarias e inteiriçadas dentro dos sarcophagos de pedra. Um unico signal revelava a vida nessa grande ruina de um homem grande; era o movimento da barba longa e ponteaguda que se lhe estendia, como um cone de neve pendurado sobre o peitilho da tunica de precioso tiraz. Abdu-r-rahman, o illustre khalifa dos mussulmanos do occidente, jazia ahi e falava com outro velho, que,

em pé defronte delle, o escutava attentamente; mas a sua voz saía tão fraca e lenta que, apesar do silencio que reinava no aposento, só na curta distancia a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do khalifa.

O seu interlocutor é uma personagem que o leitor conhecerá apenas reparar no modo como está trajado. A sua vestidura é uma aljarabia de burel cingida de uma corda de esparto. Ha muitos annos que nisto cifrou todos os commodos que accieita á civilisação. Está descalço, e a grenha hirsuta e já grisalha cai-lhe sobre os hombros em madeixas revoltas e emmaranhadas. A sua tez não é pallida, os seus olhos não perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abdu-r-rahman. Naquelle, coriacea e crestada, domina a cor mixta de verdenegro e amarello do ventre de um crocodilo; nestes, cada vez que os volve, fulgura a centelha de paixões ardentes que lhe sussurram dentro d'alma, como a lava prestes a jorrar do vulcão que ainda parece dormir. É Al-muulin, o sancto fakih, que vimos salvar, onze annos antes, o khalifa e o imperio da intentada revolução de Abdallah.

Tinham, de feito, passado onze annos desde os terriveis successos acontecidos naquella

noite em que Al-muulin descobrira a conspiração que se urdia, e desde então nunca mais se vira Abdu-r-rahman sorrir. O sangue de tantos mussulmanos vertido pelo ferro do algoz e, sobretudo, o sangue de seu proprio filho descera como a maldicção do propheta sobre a cabeça do principe dos crentes. Entregue a melancholia profunda, nem as novas de victorias, nem a certeza do estado florente do imperio o podiam distrahir della, senão momentaneamente. Encerrado, durante os ultimos tempos da vida, no palacio de Azzahrat, a maravilha de Hespanha, abandonara os cuidados do governo ao seu successor Al-hakem. Os gracejos da escrava Nuirat-eddia, a conversação instructiva da bella Ayecha, e as poesias de Mozna e de Sofyia eram o unico allivio que adoçava a existencia aborrida do velho leão do islamismo. Mas, apenas Al-ghafir o triste se apresentava perante o khalifa, elle fazia retirar todos e ficava encerrado horas e horas com este homem, tão temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, prégadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abdu-r-rahman parecia inteiramente dominado pelo rude fakih, e, ao vê-lo, qualquer poderia ler no rosto do velho principe os sen-

timentos oppostos do terror e do affecto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquelle homem, e a outra metade o repellisse com repugnancia invencivel. O mysterio que havia entre ambos ninguem o podia entender.

E, todavia, a explicação era bem simples : estava no character extremamente religioso do khalifa, na sua velhice e no seu passado de principe absoluto, situação em que são faceis grandes virtudes e grandes crimes. Habitudo á lisonja, a linguagem aspera e altivamente sincera de Al-muulin tivera, a principio, o attractivo de ser para elle inaudita ; depois, a reputação de virtude de Al-ghafir, a crença de que era um propheta, a maneira por que, para o salvar e ao imperio, arrostara com a sua colera e provara desprezar completamente a vida, tudo isto fizera com que Abdu-r-rahman visse nelle, como o mais credulo dos seus subditos, um homem predestinado, um verdadeiro sancto. Sentindo avizinhar a morte, Abdu-r-rahman tinha sempre diante dos olhos que esse fakih era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o throno de Deus. Cifrava-se nelle a esperança de um futuro incerto, que não podia tardar, e, assim, o espirito do monarcha, enfraque-

cido pelos annos, estudava anciosamente a minima palavra, o menor gesto de Al-muulin; prendia-se ao monge mussulmano, como a hera antiga ao carvalho em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vai trepando para o céu. Mas, ás vezes, Al-ghafir repugnava-lhe. No meio das expansões mais sinceras, dos mais ardentes vôos de piedade profunda, de confiança inteira na misericordia divina, o fakih fitava de repente nelle os olhos scintillantes e, com sorriso diabolico, vibrava uma phrase ironica, insolente e desanimadora, que ía gelar no coração do khalifa as consolações da piedade e despertar remorsos e terrores ou completa desesperação. Era um jogo terrivel em que se deleitava Al-muulin, como o tigre com o palpitar dos membros da rez que se lhe agita moribunda entre as garras sanguentas. Nessa lucta infernal em que lhe trazia a alma estava o segredo da attracção e da repugnancia que, ao mesmo tempo, o velho monarcha mostrava para com o fakih, cujo apparecimento em Azzahrat cada vez se tornara mais frequente e, agora, se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rapidamente do lado do oeste e deixavam, de quando em quando, passar um raio affogueado

do sol que se punha. O vento tepido, humido e violento fazia ramalhar as arvores dos jardins que circumdavam os aposentos de Abdurrahman. As folhas, retinctas já de verde amarellado e mortal, desprendiam-se das franças das romeiras, dos sarmentos das videiras e dos ramos dos choupos em que estas se enredavam, e, remoinhando nas correntes da ventania, íam, íam, até rastejar pelo chão e empear na grama secca dos prados. O khalifa, exausto, sentia aquelle cicó da vegetação moribunda chamá-lo, tambem, para a terra, e a melancholia da morte pesava-lhe sobre o espirito. Al-muulin, durante a conversação daquella tarde, havia-se mostrado, contra o seu costume, severamente grave, e nas suas palavras havia o que quer que fosse accorde com a tristeza que o rodeava :

«Conheço que se aproxima a hora fatal — dizia o khalifa. Nestas veias em breve se gellará o sangue; mas, sancto fakih, não me será licito confiar na misericordia de Deus? Derramei o bem entre os mussulmanos, o mal entre os inféis, fiz emmudecer o livro de Jesus perante o de Mohammed, e deixo a meu filho um throno firmado no amor dos subditos e na veneração e no temor dos inimigos da dynastia dos Benu-Umeyyas. Fiz

quanto a um homem era dado fazer pela gloria do Islam. Que mais pretendes? — Porque, não tens nos labios para o pobre moribundo, senão palavras de terror? — Porque, ha tantos annos, me fazes beber, gole a gole, a taça da desesperação?»

Os olhos do fakih, ao ouvir estas perguntas, brilharam com desusado fulgor, e um daquelles sorrisos diabolicos, com que costumava fazer gelar todas as ardentes idéas mysticas do principe, lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarcha, onde, de feito, já vagueavam as sombras da morte: depois, dirigiu-se á porta da camara, assegurou-se bem de que não era possivel abrirem-na exteriormente e, voltando para ao pé do almatrah, tirou do peitilho um rolo de pergaminho e começou a ler em tom de indizível escarneo:

«Resposta de Al-ghafir, o triste, ás ultimas perguntas do poderoso Abdu-r-rahman, oitavo khalifa de Cordova, o sempre vencedor, justiceiro e bemaventurado entre todos os principes da raça dos Benu-Umeyyas. Capitulo avulso da sua historia.»

Um rir prolongado seguiu a leitura do titulo do manuscripto. Al-muulin continuou:

«No tempo deste celebre, virtuoso, illustrado

e justiceiro monarcha havia no seu diwan um wasir, homem sincero, zeloso da lei do propheta e que não sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciencia. Chamava-se Mohammed-ibn-Ishak, e era irmão de Umeyya-ibn-Ishak, kayid de Chantaryn, um dos guerreiros mais illustres do Islam, segundo diziam.»

«Ora esse wasir caíu no desagrado de Abdu-r-rahman, porque lhe falava verdade e rebatia as adulações dos seus lisongeiros. Como o khalifa era generoso, o desagrado para com Mohammed converteu-se em odio, e como era justo, o odio breve se traduziu numa sentença de morte. A cabeça do ministro caíu no cadafalso, e a sua memoria passou á posteridade manchada pela calúnia. Todavia, o principe dos fiéis sabia bem que tinha assassinado um innocente.»

As feições transtornadas de Abdu-r-rahman tomaram uma expressão horrivel de angustia; quiz falar mas apenas pôde fazer um signal, como que pedindo ao fakih que se calasse. Este proseguiu:

«Parece-me que o ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado te allivia e revoca á vida. Continuarei. Podesse eu prolongar *assim* os teus dias, clementissimo khalifa!»

«Umeyya, o kayid, quando soube da morte ignominiosa do seu querido irmão, ficou como insensato. Á saudade ajunctava-se o horror do ferrete posto sobre o nome, sempre immaculado, da sua familia. Dirigiu as supplicas mais vehementes ao principe dos fiéis para que, ao menos, rehabilitasse a memoria da pobre victima; mas soube-se que, ao ler a sua carta, o virtuoso principe desatara a rir... Era, conforme lhe relatou o mensageiro, deste modo que elle ria.»

E Al-muulin aproximou-se de Abdu-r-rahman e soltou uma gargalhada. O moribundo arrancou um gemido.

«Estás um pouco melhor... não é verdade, invencivel khalifa? Prosigamos. Umeyya, quando tal soube, calou-se. O mesmo mensageiro que chegara de Kóρθoba partiu para Oviedo. O rei christão de Al-djuf não se riu da sua mensagem. D'ahi a pouco, Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades mussulmanas até o Tejo haviam aberto as portas ao rei franco, por ordem do kayid de Chantaryn. Com um numeroso esquadrão de amigos leaes, este ajudou a devastar o territorio mussulmano do Gharb até Merida. Foi uma esplendida festa; um sacrificio digno da memoria de seu irmão. Seguiram-se muitas

batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes. Pouco a pouco, porém, Umeyya começou a reflectir. Era Abdu-r-rahman quem o offendera. Para que tanto sangue vertido? A sua vingança fora a de uma besta-fera; fora estúpida e van. Ao khalifa, quasi sempre victorioso, que importava os que por elle pereciam? O kayid de Chantaryn mudou então de systema. A guerra publica e inutil converteu-a em perseguição occulta e efficaz: á força oppôs a destreza. Fingiu abandonar os seus alliados e sumiu-se nas trévas. Esqueceram-se delle. Quando tornou a apparecer á luz do dia ninguem o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabellos caíam-lhe desordenados sobre os hombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lh'as tisonado o sol dos desertos. Correrá o Andalús e o Moghreb; espalhara por toda a parte os thesouros da sua familia e os proprios thesouros até o ultimo dirhem, e em toda a parte deixara agentes e amigos fiéis. Depois veio viver nos cemiterios de Kórtoba, juncto dos porticos suberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que pudesse offerecer-lhe a amargura e as angustias em troca do sangue de Mohammed-ibn-Ishak. O guerreiro chamou-se desde

esse tempo Al-ghafir, e o povo denominava-o Al-muulin, o sancto fakih. . . »

Como sacudido por uma corrente electrica, Abdu-r-rahman dera um pulo no almatrah ao ouvir estas ultimas palavras e ficara assentado, hirto e com as mãos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos labios, e só pôde murmurar, já quasi inintelligivelmente:

«Maldicto!»

«Boa cousa é a historia — proseguiu o seu algoz, sem mudar de postura — quando nos recordamos do nosso passado, e não achamos lá para colher um unico espinho de remorsos! É o teu caso, virtuoso principe! Mas sigamos ávante. O sancto fakih Al-muulin foi quem instigou Al-barr a conspirar contra Abdu-r-rahman; quem perdeu Abdallah; quem delatou a conspiração; quem se apoderou do teu animo credulo; quem te puniu com os terrores de tantos annos; quem te acompanha no trance derradeiro, para te lembrar juncto ás portas do inferno que, se foste o assassino de seu irmão, tambem o foste do proprio filho; para te dizer que, se cubriste o seu nome de ignominia, tambem ao teu se ajunctará o de tyranno. Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso de ha dez annos. Ouve, ouve, khalifa!»

Al-ghafir, ou antes Umeyya, levantara gradualmente a voz e estendia os punhos cerrados para Abdu-r-rahman, cravando nelle os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarcha tinha os seus abertos e parecia, tambem, olhar para elle, mas perfeitamente tranquillo. A quem houvesse presenciado aquella tremenda scena não seria facil dizer qual dos dous tinha mais horrendo gesto.

Era um cadaver o que estava diante de Umeyya: o que estava diante do cadaver era a expressão mais energica da atrocidade de coração vingativo.

«Oh, se não ouviria as minhas derradeiras palavras! . . .» — murmurou o fakih, depois de ter conhecido que o khalifa estava morto. Pôs-se depois a scismar largo espaço; as lagrymas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces rugosas. — «Um anno mais de tormentos, e ficava satisfeito! — exclamou por fim. — Podéra eu dilatar-lhe a vida!»

Dirigiu-se então para a porta, abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunuchos, as mulheres e o proprio Al-hakem, inquieto pelo estado de seu pae, precipitaram-se no aposento. Al-muulin parou no limiar da porta, voltou-se para trás e, com voz lenta e grave, disse:

«Orai ao propheta pelo repouso do khalifa.»

Houve quem o visse saír; quem, á luz baça do crepusculo, o visse tomar para o lado de Cordova com passos vagarosos, apesar das lufadas violentas de oeste, que annunciavam uma noite procellosa. Mas nem em Cordova, nem em Azzharat, ninguem mais o viu desde aquelle dia.

ARRHAS POR FORO D'HESPANHA

(1371-2)

A arraya miuda

O sino das ave-marias ou da *oração* tinha dado na torre da sé a ultima badalada, e pelas frestas e portas dessa multidão de casas que, apinhadas á roda do castello e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cinta das muralhas primitivas de Lisboa, pareciam mal caberem nellas, viam-se fulgurar, aqui e acolá, as luzes interiores, emquanto as ruas, tortuosas e immundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trévas. Era chegada a hora dos terrores; porque durante a noite, naquelles bons tempos, a estreita senda de bosque deserto não era mais triste, temerosa e arriscada do que a propria rua-nova, a mais opulenta e formosa da capital. O que, porém, havia ahi desacostumado e estranho eram o completo silencio e a escuridão profunda em que jazia sepultado o paço d'apar S. Martinho, onde então residia elrei D. Fer-

nando, ao mesmo tempo que pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas, que indicavam terem sido agitadas as ondas populares pelo vento de Deus e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente caído na calmaria e somnolencia que vem após a procella.

E assim era, com effeito, como o leitor poderá averiguar por seus proprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado, quizer entrar comnosco na mui afamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sair da sé, na rua que sobe para os paços da alcaçova, sete ou oito portas acima dos paços do concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovês que viera a Portugal ainda impubere, como pagem d'armas do famoso almirante Lançarote Peçanha, e que havia annos abandonara o serviço marítimo para se dar á mercancia, era a mais celebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e pela bondade dos liquidos encerrados nas cubas monumentaes que a pejavam, mas tambem porque, em um aposento mais retirado e interior, uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos ou escabellos offereciam todo o commodo aos tavolageiros de profissão para perderem ou

ganharem ahi, em noites de jogo infrene, os bellos alfonsins e maravedis de ouro ou as estimadas dobras de D. Pedro I, o qual, ao contrario dos seus antecessores e successores, julgara ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso, do que roubando-lhe o valor intrinseco e augmentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo do seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas nevoas sobre os olhos do corregedor da corte e de todos os saões, algozes e mais familia da nobre raça dos alguazis sobre a illegalidade de semelhante estabelecimento industrial. O elixir que elle empregara para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nós qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alchimia, porque se vê que elle existe em mãos abençoadas, produzindo, ainda hoje, repetidos milagres, em tudo analogos á este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da *Porta-do-Ferro*, conhecida vulgarmente por tal nome em consequencia da vizinhança desta porta da antiga cerca, onde os ruídos vagos e incertos que sussurravam pelas ruas da cidade soavam mais alta e distinctamente, como em sorvedouro marinho as ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da vora-

gem com mais soturno e retumbante fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava até o breve terreirinho da sé, falando todos a um tempo, accessos, ao que parecia, em violentas disputas, que ás vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasphemias, indício evidente de que o successo que motivava aquella assuada ou tumulto era negocio que excitava vivamente a colera popular.

Já no fim do seculo decimo-quarto era o povo, assim como hoje, colerico. Então coleras da puericia; hoje aborrimentos da velhice.

Se na rua o borborinho era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia chamar-se infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa mó de populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possivel perceber contra qual ou quaes individuos se accumulava tanta sanha. Para outra parte, d'entre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdição se revelava nos seus coromens de panno d'Arrás, nos cintos escuros, nas camisas e véus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganiçadas nas quaes se manifestavam, profundamente impressos, o descaro e a

insolencia daquellas desgraçadas. Em cima dos bofetes viam-se picheis e taças vazias, e debaixo de alguns delles corpos estirados, que simulariam cadaveres, se os assobios e roncões, que, ás vezes, sobresaíam através do ruído daquelle respeitavel congresso, não provassem que esses honrados cidadãos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do entusiasmo, tinham adormecido na paz de uma boa consciencia. Emfim, a composta e bem reputada taberna do antigo companheiro de gloria de micer Lançarote estava visivelmente prostituida e livelada com as mais immundas e vis baiúcas de Lisboa. O gigante popular tinha ali assentado a sua curia feroz, e pela primeira vez o vicio e a corrupção tinham transposto aquelles umbraes sem a sua mascara de modestia e gravidade. Sobre os farrapos do povo não têm cabida os adornos de ouropel. É a unica differença moral que ha entre elle e as classes superiores, que se crêem melhores, porque no gymnasio da civilisação aprendem desde a infancia as destrezas e os momos de compostura hypocrita.

O astro que parecia alumiar com a sua luz, aquecer com o seu calor aquelle turbilhão de planetas; o centro moral á roda do qual giravam todos aquelles espiritos era um homem

que dava mostras de ter bem quarenta annos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e scintillantes, cabello negro e revolto, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bofetes que adornavam o amplo aposento e rodeado de uma grossa pinha de populares de ambos os sexos que o escutavam em respeitoso silencio, a sua voz forte e sonora sobressaía no ruido e só se confundia com alguma jura blasphema que se disparava do meio das outras pinhas de povo ou com as modulações das risadas que vibravam naquelle ambiente denso e abafado, de certo modo semelhante a clarão affogueado que sulcasse rapidamente as trévas humidas e profundas da crypta subterranea de alguma igreja do sexto seculo.

De repente, dous cavalleiros, cuja graduação se conhecia pelos barretes de velludo preto adornados de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas e pelos cintos de pelle de gamo lavrados de prata, entraram na taberna e, rompendo por entre o povo, que lhe alargava a passagem, chegaram ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeirotos puxados para a cara, de modo que nenhum dos circumstantes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daquelles cerebros vinolentos de o indagar; mas a

mesma reflexão atou simultaneamente todas as mãos. Ao longo da côxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado direito e apertado no cincto, que a ponta erguida do capeirote deixava apparecer, descortinava-se o punhal. O passaporte para virem assim aforrados era digno de consideração, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens d'armas, principalmente bésteiros, quasi todos estavam desarmados. Tinha seus riscos, portanto, o pôr-lhe o *visto* popular.

Os dous desconhecidos falaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que, de quando em quando, meneava a cabeça, fazendo um gesto de assentimento: depois romperam por entre a turba, que os examinava com uma especie de receio misturado de respeito, e foram assentar-se em dous dos escabellos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovellos em um bofete, com as cabeças apertadas entre os punhos, ficaram immoveis e como alheios ao sussurro que começava a alevantar-se de novo á roda delles.

Este durou breves instantes; um *psiuh* do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquella banda. Subindo a um escabello, elle deu signal com a mão de que pretendia falar.

«Ouvide, ouvide!» — bradaram alguns que pareciam os maioraes daquela multidão desordenada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mãos callosas erguerem-se encurvadas e formarem em volta das orelhas de seus donos uma especie de anel acustico. O orador principiou:

«Arraya-miuda! ¹ tendes vós já elegido, entre vós outros, cidadãos bem falantes e avisados para propôr vossos embargos e razoados contra este maldicto e descommunal casamento d'elrei com a mulher de João Lourenço da Cunha?»

«Todos á uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques — respondeu um velho, cuja calva pulida reverberava os raios

¹ Fernão Lopes dá a entender (Chr. de D. João I. P. 1.^a, c. 44) que a denominação de *arraya-miuda* se começara a dar aos populares no principio da revolta a favor do Mestre d'Avis, para os distinguir dos nobres, pela maior parte fautores de D. Leonor e dos castelhanos; mas este titulo chocarreiro havia tomado para si o povo miudo, já d'antes e com muita seriedade. Em um documento de 1315 (Chancell. de D. Dinis, L. 3.^o das Doações, fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavalleiros, juizes e concelho de Bragança e *toda a arraya-miuda*.

de uma das lampadas pendentes do tecto, e que parecia ser homem de conta entre os populares. — Quem ha ahi entre a arraya-miuda mais discreto e aposto para taes autos que vós? Quem com mais urgentes razões proporia nosso aggravo e a deshonna e vilta d'elrei, do que vós o fizeste hoje na mostra que démos ao paço esta tarde?»

«Alcacer, alcacer! por nosso capitão Fernão Vasques» — bradou unisona a chusma.

«Fico-vos obrigado, mestre Bartholomeu Chambão! — replicou Fernão Vasques, socegado o tumulto. — Pelo razoado de hoje terei em paga a forca, se a adultera chega a ser rainha: pelo de ámanhan terei as mãos decepadas em vida, se elrei com as suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tende vós por averiguado, mestre Bartholomeu, que o carrasco sábe apertar melhor o nó da corda na garganta que eu o ponto em peitilho de saio ou em costura de redondel ou pelote, e que o cutello do algoz entra mais rijo no gasnete de um christão que a vossa enchó numa aduela de pipa!»

«Nanja emquanto na minha aljava houver almazem, e a garrucha da bésta me não estourar» — exclamou um bésteiro do conto, cambaleando e erguendo-se debaixo de um

bofete, para onde o haviam derribado certas perturbações d'entusiasmo politico.

«*Amen, dico vobis!*» — gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de Stentor brigavam com o habito de grosseiro burel e com as desconformes camandulas que lhe pendiam da cincta.

«Olé, Frei Roy Zambrana, fala linguagem christenga, se queres vir nesse bordo por nossa esteira» — bradou um petintal d'Alfama que, segundo parecia, capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e galeotes daquelle bairro, então quasi exclusivamente povoado de semelhante gente.

«Digo por linguagem — acudiu o beguino — que ninguem como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para ámanhan falar a elrei aguisadamente sobre o feito do casamento de Leonor Telles, do mesmo modo que ninguem leva vantagem ao petintal Ayras Gil em ousadia para fugir ás galés de Castella e para doestar os bons servos da egreja.»

Era allusão pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu á mordente desforra de Frei Roy, que abaixou os olhos com certo modo hypocritamente contrito, semelhante ao gato que, depois de dar a unhada, vem roçar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Frei Roy era tambem, como Ayras Gil, um idolo popular, e a má vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascera da emulação; de uma duvida cruel sobre a altura relativa do throno de encruzilhada, do throno de lama e farrapos em que cada um delles se assentava.

Se, pois, aquella multidão não estivesse persuadida da superioridade intellectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião desses dous oraculos não lhe teria deixado a menor duvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de odio que nascera num dia, e num dia lançara profundas raizes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisonjeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam junctamente dous resultados, o de ganharem mais credito entre este e o de aplanarem a estrada da forza ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broqueis populares.

Mas que auto era esse de que o povo falava? Sabê-lo-hemos remontando um pouco mais alto.

O amor cêgo d'elrei D. Fernando pela mulher de João Lourenço da Cunha, D. Leonor Telles, havia muito que era o pasto saboroso

da maledicencia do povo, dos calculos dos politicos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principaes cavalleiros de Portugal, D. Leonor, ambiciosa, dissimulada e corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho prompto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favoravel. Quanto a elrei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ella o completo dominio no seu coração. Mas as miras daquella mulher, cuja alma era um abysmo de cubiça, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vangloria de ver a seus pés um rei bom, generoso e gentil. Através do amor de D. Fernando ella só enxergava o refulgir da coroa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se em seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas caricias, a idéa primordial de todas as suas idéas. Leonor Telles não amava elrei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor della; e este principe, que seria um dos melhores monarchas portuguezes, e que a muitos respeitos o foi, deixou na historia, quasi sempre superficial, um nome deshonrado, por ter escripto esse nome na horri-

vel chronica da nossa Lucrecia Borgia. Uma difficuldade, quasi insuperavel para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre ella e os seus ambiciosos designios. Era casada! Um processo de divorcio por parentesco, julgado por juizes affectos a D. Leonor ou que sabiam até aonde alcançava a sua vingança, a livrou desse tropeço. Seu marido, João Lourenço da Cunha, atterrado, fugiu para Castella, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella, muito antes da epocha em que começa esta narrativa, viu emfim satisfeito o seu amor insensato.

Aquelles d'entre os nobres que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos indignavam-se pelo opprobrio da coroa e pelas consequencias que devia ter o repudio da infanta de Castella, cujo casamento com elrei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no character de D. Fernando. Entre os que altamente desapprovavam taes amores, o infante D. Dinis, o mais moço dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco ¹ eram, segundo parece, os cabeças

¹ Fernão Lopes affirma que Pacheco não tornara ao reino desde que fugira por escapar á vingança de

da parcialidade contraria a D. Leonor; aquelle pela altivez de seu animo; este por gratidão a D. Henrique de Castella, em quem achara amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvara da triste sorte de Alvaro Gonçalves Coutinho e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

O casamento d'elrei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago, uma suspeita. Os

D. Pedro I por causa da morte de D. Ignez, senão no anno de 1372, em que viera por embaixador d'elrei D. Henrique. Isto parece inexacto; Fr. Manuel dos Sanctos affirma o contrario fundado na restituição de todos os seus bens e titulos feita por D. Fernando no começo do seu reinado. Não é isto que prova a assistencia de Pacheco em Portugal no anno de 1371, não só porque depois de vir podia voltar para Castella, mas tambem porque essa restituição podia ser feita estando e conservando-se elle ausente, visto que a fruição de um titulo ou de terras da coroa, por simples mercê, não obrigando a serviço pessoal, ao menos até o tempo de D. João I, não tornava necessaria a presença do donatario no reino. O que prova a verdade da opinião de Sanctos é a doação feita a Diogo Lopes em 1371 (Chancell. de D. Fern. f. 84) da terra de Trancoso *para pagamento de sua quantia*, o que suppõe serviço pessoal; porque era pelas quantias que os fidalgos estavam obrigados a fazê-lo.

nobres, porém, que o desapprovavam souberam transmittir ao povo os proprios temores, e a agitação dos animos crescia á medida que os amores d'elrei se tornavam mais publicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conselheiros a resolução que tomara, e estes, posto que a principio lhe falassem com a liberdade que então se usava nos paços dos reis, vendo as suas diligencias baldadas, contentaram-se de condemnar com o silencio essa malaventurada resolução. O povo, porém, não se contentou com isso.

Conforme as idéas daquelle tempo, além das considerações politicas, semelhante consorcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religião, o qual ainda de maior peso seria hoje, como o será em todos os tempos em que a moral social for mais respeitada do que o era naquella epocha. Tal consorcio constituia um verdadeiro adulterio, e os filhos que d'elle procedessem mal poderiam ser considerados como infantes de Portugal e, por consequencia, como fiadores da successão da coroa.

A irritação dos animos, assoprada pela nobreza, tinha chegado ao seu auge, e a colera popular rebentara violenta na tarde que precedeu a noite em que começa esta historia.

Tres mil homens se tinham dirigido tumultuariamente ás portas do paço, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozeria e o estrepito que fazia aquella multidão desordenada assustou elrei, que por um seu privado mandou perguntar o que *lhes prazia* e para que estavam assim reunidos. Então o alfaiate Fernão Vasques, *capitão e procurador por elles*, como lhe chama Fernão Lopes, affeiu em termos violentos as intenções d'elrei, liberalizando a D. Leonor os titulos de má mulher e feiticeira e asseverando que o povo nunca havia de consentir em seu casamento adultero. A arenga rude e vehemente do alfaiate orador, acompanhada e victoriada de gritas insolentes e ameaçadoras do tropel que o seguia, moveu elrei a responder com agradecimentos ás injurias, e a affirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, promettendo ir na manhan seguinte aclarar com elles este negocio no mosteiro de S. Domingos, para onde os emprazava. Com taes promessas, pouco a pouco se aquietou o motim, e ao cair da noite o terreiro d'apar S. Martinho estava em completo silencio. Como se, na solidão, elrei quizesse consultar comsigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças córadas das esguias janellas dos paços reaes.

que *vertiam* quasi todas as noites o ruído e o esplendor dos saraus, cerradas nesta hora e caladas como sepulchro, contrastavam com o reluzir dos fachos, com o estrepito das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados, com o perpassar continuo dos magotes e pinhas de gente que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam, vacillavam, ficavam immoveis, agglomeravam-se para se desfazer, desfaziam-se para se agglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objecto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irreflectido como ellas. Feroz na sua colera razoada, ferocissimo no seu rir insensato, o vulgo passava, rei de um dia. Esse ruído, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triumpho; e as estrellas de serena noite de agosto, semelhantes a lampadas pendentes de abobada profunda, alumiam o sarau popular, as salas do seu folguedo, a praça e a encruzilhada. Era conjunctamente truanesco e terrivel.

Na taberna de micer Folco (onde deixámos as personagens principaes desta historia, para inserir, talvez fóra de logar, o prologo ou introdução a ella) as acclamações phreneticas dos populares tinham tornado indubitavel que

o *propoedor* para o ajuntamento do dia seguinte devia ser o mui avisado e sages mestre Fernão Vasques. Frei Roy era de todos os circumstantes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Ayras Gil ajudava-o poderosamente com o ruído dos amplos pulmões dos galeotes d'Alfama, contrahidos como em voga arrancada, victoriando o seu capitão. O alfaiate não pôde resistir, nem, porventura, tinha vontade disso, a tanta popularidade e, em pé sobre o escabello, com a cabeça levemente inclinada para o peito, numa postura entre de resignação e de bemaventurança, tremulava-lhe nos labios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mysterios do seu coração. Emfim, quando a grita começou a asserenar, Fernão Vasques ergueu a cabeça e com aspecto grave deu signal de que ainda pretendia falar.

Fez-se de novo silencio.

«Seja, pois, como quereis — disse o alfaiate — mas vede o grão risco a que me ponho por vós outros. Falarei a elrei com liberdade portuguesa; proporei vosso aggravo e a deshonra e feio peccado da sua real senhoria: mas é necessario que vós todos quantos ahi sois estejaes de alcateia e ao romper d'alva no alpendre de S. Domingos. Dizem que a adultera é

mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estão muitos cavalleiros seus parentes e parciaes. Bésteiros deste concelho, que não vos esqueçam em casa vossas béstas e aljavas! Pioada de Lisboa, levai vossas ascumas! Os trons e engenhos do castello — accrescentou o alfaiate em voz mais baixa e hesitando — não vos apoquentarão, ainda que elrei o quizesse, porque o alcaide-mór João Lourenço Bubal não é dos affeiçãoados a D. Leonor Telles. Sancta Maria e Sanctiago sejam comvosco! Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! A repousar, amigos!»

«Alcacer, alcacer!» — respondeu a turba-multa.

«Morra a comborça! — gritou Ayras Gil com voz de trovão. — Morra a comborça!» — repetiram os galeotes e as virtuosas matronas dos coromens d'Arrás e cinctos pretos que assistiam áquelle conclave.

«Olha, Ayras, que S. Martinho fica perto, e contam que D. Leonor tem ouvido subtil» — disse Frei Roy ao petintal com um sorriso diabolico.

«Dor de levadigas te consummam, ichacovos! — replicou o petintal. — Quando eu quero que me ouçam é que falo alto. Alcacer por sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castella e de feitiços!»

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcaceres; entre risadas e pragas; entre ameaças vans e insultos inuteis, aquella vaga de povo contida na taberna de micer Folco espraizou-se pelas ruas, derivou pelas quelhas, vielas e becos, e embebeu-se pelas casinhas e choupanas que nessa epocha jaziam, não raro, deitadas juncto ás raizes dos palacios na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados, o alfaiate contemplava aquella multidão, que diminuia rapidamente, e cujo sussurro, alongando-se, era comparavel ao gemido do tufão que passa de noite pelas sarças da campina. Ainda elle tinha os olhos fitos no portal por onde saíra o vulto indelineavel chamado povo, e já ninguem ahi estava, salvo os dous cavalleiros, que se tinham conservado immoveis na mesma postura que haviam tomado, e Frei Roy, que se estirara sobre um dos bofetes e já roncava e assobiava, como em somno profundo.

Os dous cavalleiros ergueram-se e descobriram os rostos: a um ainda a barba de homem não pungia nas faces: o outro, na alvura das melenas brancas, que trazia caídas sobre os hombros á moda de Castella, e no rosto sulcado de rugas certificava ser já bem larga a historia da sua peregrinação na terra.

O mancebo olhou para Fernão Vasques, que parecia absorto, e depois para o velho, com um gesto de impaciencia. Este olhou tambem para elle e sorriu-se. Depois, o ancião chamou o alfaiate em voz baixa, mas perceptivel.

Este, como se caísse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu e, saltando do escabello, onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dous cavalleiros.

«Senhor infante, que vossa mercê me perdoe e o senhor Diogo Lopes Pacheco! A fé que, no meio deste arruído, quasi me esquecera de que ereis aqui. Estaes desenganados por vossos olhos de que posso responder pelo povo, e de que ámanhan não faltarão em S. Domingos?»

«Na verdade — respondeu o mancebo — que tu governas mais nelle que meu irmão, com ser rei! Veremos se ámanhan te obedecem, como te obedeceram hoje.»

És um notavel capitão — accrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no hombro do alfaiate. — Se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira de homens d'armas, merecerias a alcaidaria de um castello.»

«Que só entregaria, no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, áquelle que de mim tivesse preito e menagem.»

«Bem dicto! — interrompeu o velho Pacheco, no mesmo tom em que começara. — Se t'a negarem, não será por não trazeres já bem estudadas as palavras do preito. — Tem a certeza de que has-de ir longe, Fernão Vasques; muito longe! Assim eu a tivera de que não me será preciso cozer á ponta do punhal a boca de quem ousar dizer que o infante D. Dinis e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do genovês Folco Taca.»

Quando estas ultimas palavras, proferidas lentamente, saíram dos labios do que as proferia, os roncões e assobios do beguino que dormia foram mais rapidos e trémulos.

«Quem é aquelle ichacorvos?» — proseguiu Diogo Lopes, apontando para Frei Roy, com gesto de desconfiança.

«É um dos nossos — respondeu o alfaiate — um dos que mais têm encarniçado a arrayamiuda contra a feiticeira adultera. Na assuada desta tarde foi dos que mais gritaram defronte dos paços d'elrei. Por este respondo eu. Não tereis, senhor Diogo Alves, de lhe cozer a boca á ponta de vosso punhal.»

«Responde por ti, honrado capitão de arrayamiuda — replicou o velho cortesão. — Quem me responde por elle é o seu dormir

profundo: quem me responderia por elle, se, acordando, nos visse aqui, seria este ferro que trago na cinta. Agora o que importa. Emquanto ámanhan elrei se demorar em S. Domingos, um troço d'arraya-miuda e bésteiros ha-de accommetter o paço, e, ou do terreiro ou rompendo pelos aposentos interiores, é necessario que uma pedra perdida, um tiro de bésta disparado por engano, uma ascuma brandida em algum corredor escuro nos assegure que elrei não póde deixar de attender ás supplicas dos seus leaes vassalos e dos cidadãos de Lisboa.»

«Morta! — exclamou o infante, com um gesto de horror. — Não, não, Diogo Lopes; não ensanguenteis os paços de meu irmão, como...»

«Como ensanguentei os paços de Sancta Clara — atalhou Pacheco — disse-o francamente; porque nem remorsos me ficaram cá dentro. Senhor infante, vós esquecestes-vos disso, porque eu posso e valho com elrei de Castella! Senhor infante, a ambição tem que saltar muitas vezes por cima dos vestigios de sangue! Vós passastes ávante e não vistes os do sangue de vossa mãe! Porque hesitareis, ao galgar os do sangue de Leonor Telles? Senhor infante, quem sobe por sendas ingremes e por despenhadei-

ros tem a certeza de precipitar-se no fojo, se covardemente recúa.»

D. Dinis tinha-se tornado pallido como cera. Não respondeu nada: mas dos olhos rebentaram-lhe duas lagrymas.

Fernão Vasques escutou a prelecção politica do velho matador de D. Ignez de Castro com religiosa attenção. E resolveu lá comsigo não se deixar cair no fojo.

«Far-se-ha como apontaes — disse elle, falando com Diogo Lopes — mas, se os homens d'armas e bésteiros de João Lourenço Bubal descerem do castello...»

«Não te disse, ainda ha pouco, que João Lourenço ficaria quedo no meio da revolta? — Pódes estar socegado, que não te certifiquei disso para animares o povo. É a realidade. Agora tracta de dispôr as cousas para que não seja um dia inutil o dia d'ámanhan.»

Pegando então na mão do infante, o feroz Pacheco saíu da taberna e tomou com elle o caminho da alcaçova. Fernão Vasques ficou um pouco scismando: depois saíu, dirigindo-se para a Porta-do-ferro e repetindo em voz baixa: —

«Não me precipitarei no fojo!»

Passados alguns instantes de silencio, Frei Roy alevantou devagarinho a cabeça, assen-

tou-se no bofete e pôs-se a escutar: depois saltou para o chão, apagou a lampada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca, logo que o povo tumultuariamente a inundara, chegou á porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da sé da banda do norte e, como um phantasma, desappareceu cozido com a negra e alta parede da cathedral.

II

O beguino

Quem hoje passa pela cadeia da cidade de Lisboa, edificio immundo, miseravel, insalubre, que por si só bastara a servir de castigo a grandes crimes ¹, ainda vê na extremidade delle umas ruinas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janella gothica. Esta parede e esta janella são tudo o que resta dos antigos paços d'apar S. Martinho, egreja que tambem já desappareceu, sem deixar, sequer, por memoria um panno de muro, uma fresta de outro tempo. O Limoeiro é um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradições de remotas eras. Nenhuns paços dos nossos reis da primeira e da segunda dynastia foram mais vezes habitados por elles. Conhecidos successivamente pelos nomes de

¹ Isto era escripto em 1844.

Paços d'elrei, Paços dos infantes, Paços da moeda, Paços do limoeiro, a sua historia vai sumir-se nas trévas dos tempos. São da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portuguezes? Ignoramo-lo. E que muito, se a origem de Sancta Maria Maior, da veneranda cathedral de Lisboa, é um mysterio! Se, transfigurada pelos terramotos, pelos incendios e pelos conegos, nem no seu archivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas póde achar a certidão do seu nascimento e dos annos da sua vida! Como as da egreja, as ruinas da monarchia dormem em silencio á roda de nós, e, envolto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado dellas, e nem sequer indaga porque jazem ahi!

Na memoravel noite em que se passaram os successos narrados no capitulo antecedente, essa janella dos paços d'el-rei era a unica aberta em todo o vasto edificio, mas calada e escura, como todas as outras. Só, de quando em quando, quem para lá olhasse attento do meio do terreiro enxergaria o que quer que fosse, alvacento, que ora se chegava á janella, ora se retrahia. Mas o silencio que reinava naquelles sitios não era interrompido pelo menor ruído. De repente, um vulto chegou debaixo da janella e bateu devagarinho as

palmas: a figura alvacentá chegou á janella, debruçou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, tornou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegara subiu rapidamente, e ambos desapareceram através dos corredores e aposentos do paço.

Em um destes ultimos, alumiado por tochas seguras por longos braços de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil presença. Os seus passos eram rapidos e incertos, e o seu aspecto carregado. De quando em quando, parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se meneava levemente; depois continuava a passear, parando, ás vezes, com os braços cruzados e como entregue a cogitações dolorosas.

Por fim, o reposteiro ondeou d'alto a baixo e franziu-se no meio; mão alva de mulher o segurava. Esta entrou, e após ella um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cincto de esparto, d'onde pendiam umas grossas camandulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se em um estrado de altura de palmo, que corria ao longo de uma das paredes do aposento. O homem que passeava assentou-se tambem, no unico escabello que alli havia. Frei Roy, que o leitor já

terá conhecido, ficou ao pé da porta por onde entrara, com a cabeça baixa e em postura abeatada.

«Aproxima-te beguino!» — disse com voz trémula elrei; porque era elrei D. Fernando o homem que se assentara.

Frei Roy deu uns poucos de passos para diante.

«Que ha de novo?» — perguntou elrei.

«O povo cada vez está mais alvorotado e jura falar rijamente ámanhan a vossa senhoria. Mas essa não é a peor nova que eu trago!»

«Fala, fala, beguino!» — acudiu elrei, estendendo a mão convulsa para o ichacorvos.

«É que ámanhan, enquanto vossa senhoria estiver em S. Domingos, o paço será accommettido. Pretendem matar...»

«Mentes, beguino! — gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, semelhante a tigre descuberto pelos caçadores nos mata-gaes da Asia. — Mentes! Podem não me querer rainha: mas assassinar-me! Isso é impossivel. Amo muito o povo de Lisboa: tenho-lhe feito as mercês que posso: não me ha-de odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadi-lo a oppôr-se ao nosso casamento; mas nunca a pôr mãos violentas na pobre Leonor Telles.»

«Prouvera a Deus que eu mentisse hoje. Seria a primeira vez na minha vida — replicou o ichacorvos, com ar contrito. — Mas ouvi com meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execução, haverá tres credos, na taberna de Folco Taca.»

«Miseraveis! — bradou, erguendo-se tambem, elrei, a quem o risco da sua amante restituiria por um momento a energia. — Miseraveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro de meu pae? Tê-lo-hão. Quem ousa ordenar tal cousa?»

«Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernão Vasques, o coudel dos revoltosos, e vosso irmão D. Dinis estava, tambem, com elles» — respondeu Frei Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbavel de todo o mundo.

«Velho assassino! — exclamou D. Fernando — cubriste de lucto eterno o coração do pae: queres cubrir o do filho. E tu, Dinis, que eu amei tanto, tambem entre os meus inimigos! Leonor, que faremos para te salvar?! Aconselha-me tu, que eu quasi que enlouqueci!»

O pobre e irresoluto monarca cubriu o rosto com as mãos, arquejando violentamente. D. Leonor, cujos olhos centelhantes, cujos labios esbranquiçados revelavam mais odio que

terror, lançou-lhe um olhar de desprezo e, em tom de mofa, respondeu :

«Sim, senhor rei, na falta de vossos leaes conselheiros, posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Accordae vossos pagens, que vão pregar um poste á porta destes paços, e mandae-me amarrar a elle, para que o vosso bom povo de Lisboa possa despedaçar-me tranquillamente ámanhan, sem profanar os vossos aposentos reaes. Será mais uma grande mercê que lhe fareis em recompensa do seu amor á vossa pessoa, da sua obediencia aos vossos mandados.»

«Leonor, Leonor, não me fales assim, que me matas ! — gritou D. Fernando, deitando-se aos pés de D. Leonor e abraçando-a pelos joelhos, com um choro convulso. — Que te fiz eu para me tractares tão cruelmente ?»

«D. Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer ! O povo ou se rege com a espada do cavalleiro, ou elle vem collocar a ascuma do peão sobre o throno real. Quem não sabe brandir o ferro cede ; deixa-o reinar.»

«Tens razão, Leonor ! — disse D. Fernando, enxugando as lagrymas e alçando a fronte nobre e formosa, onde se pintava a indignação. — Serei filho de D. Pedro o cruel ; serei successor de meu pae. Eu mesmo vou ao al-

caçar examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de S. Martinho de pedras, de virotões e de cadaveres: os montantes e as béstas dos homens d'armas e bésteiros do meu alcaide-mór de Lisboa farão o resto. João Lourenço Bubal será fiel a seu rei. Se necessario for, com minhas proprias mãos ajudarei a pôr fogo á cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor: conta que serás vingada.»

D. Fernando voltou-se rapido para a porta do aposento. Frey Roy estava immovel diante d'elle.

«João Lourenço Bubal — disse o espia, sem mudar de tom nem de gesto — é dos revoltosos. Ouvi-o da boca do proprio Diogo Lopes, que o certificou a Fernão Vasques. Os trons do alcacer estão desapparelhados, e a maior parte dos homens d'armas e bésteiros do alcaide-mór eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que elles chamam...»

«Cal-te, beguino!» — gritou elrei, empurrando-o com força e procurando tapar-lhe a boca.

O ichacorvos parou onde o impulso recebido o deixou parar e ficou outra vez immovel diante de D. Fernando, a quem este ultimo

golpe lançava de novo na sua habitual perplexidade.

«...A adúltera» — proseguiu Frei Roy acabando a phrase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual no desempenho do seu ministerio.

«Beguino! — atalhou D. Leonor, com voz trémula de raiva — melhor fora que nunca essa palavra te houvesse passado pela boca; porque, talvez, um dia ella seja fatal para os que a tiverem proferido.»

«Mas que faremos?!» — murmurou elrei com gesto d'indizível agonia.

«Havia ainda ha pouco tres expedientes — respondeu D. Leonor, recobrando apparente serenidade — combater, ceder, fugir. O primeiro é já impossivel; o segundo!... Porque não o acceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. Não me verás mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dor. Cede á força: os teus vassallos o querem; qué-lo o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!»

«Esquecer-me de ti? Não te ver mais? Nunca! Obedecer á força? Quem ha ahi que ouse dizer ao rei de Portugal: — rei de Portugal, obedece á força? — Os peões de Lisboa?! Porque sou manso na paz, não crêem que a minha espada no campo da batalha

côrte arnezes, como a do melhor cavalleiro? Bons escudeiros e homens d'armas da minha hoste, por onde andaes derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordará, como me acordou a mim; bramirá, como os lobos da serra, ao redor de vossas moradas; saltar-vos-ha no meio de vossos banquetes, por entre o ruído de vossos folgares. No ardor de vossos amores, dir-vos-ha: — desamae! — Elle ousa já dizê-lo a seu rei e senhor... Oh desgraçado de mim, desgraçado de mim!»

«Não queres, pois, deixar-me entregue á minha estrella?» — disse D. Leonor, com voz entre de choro e de ternura, abraçando pelo pescoço o pobre monarcha e chegando a sua fronte suave e pallida ás faces affogueadas de D. Fernando, que, numa especie de delirio, olhava espantado para ella.

«Não, não! Viver contigo ou morrer contigo. Cairei do throno ou tu subirás a elle.»

Um sorriso quasi imperceptivel se espraizou pelo rosto de Leonor Telles que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignação, proseguiu com voz lenta, mas firme:

«Então resta o fugir.»

«Fugir!» — exclamou elrei. E só esta pa-

lavra era mais expressiva que narração bem extensa dos atrozes martyrios que o malaventurado curtia no coração irresoluto, mas generoso, com a idéa de um feito, vil e covarde em qualquér escudeiro, vilissimo num rei de Portugal, em um neto de Affonso IV.

Elrei olhou para ella um momento. Era sereno o seu rosto angelico, semelhante ao de uma dessas virgens que se encontram nas illuminuras de antigos codices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do seculo decimo-quinto, a arte moderna a muito custo pôde fazer resurgir. O mais experto physionomista difficulosamente adivinharia a negrura d'alma que se escondia debaixo das puras e candidas feições de D. Leonor, se não fossem duas rugas que lhe desciam da fronte e se uniam entre os sobr'olhos, contrahindo-se e deslisando-se rapidamente como as vesiculas peçonhentas das fauces de uma vibora.

«Seja, pois, assim ! Fugamos» — murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o suppliciado daria do alto do patibulo o perdão ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cincto com que apertava a airosa cinctura uma bolça de ouropel e atirou com ella aos pés do beguino, que, de mãos cruzadas sobre o peito e

os olhos semi-abertos cravados na abobada do aposento, parecia extatico e engolfado nos pensamentos sublimes do céu.

«Vinte dobras de D. Pedro por teu soldo, beguino : vinte pelo teu silencio. O resto da recompensa tê-lo-has um dia, se a adultera atravessar triumphadora o portal por onde vai sair fugitiva.»

O rir affavel de que estas palavras foram acompanhadas fizeram correr um calafrio pela medulla espinal do ichacorvos, cujas pernas vacillaram. Mas o contacto das quarenta dobras que uniu immediatamente ao peito debaixo do escapulario lhe restituiu o vigor natural.

Elrei havia-se assentado, quasi desfallecido, no escabello unico do aposento, e o seu aspecto demudado infundia ao mesmo tempo terror e compaixão. Quando o beguino levantou a bolça, D. Fernando fitou nelle os olhos e estendeu a mão para o reposteiro, sem dizer palavra.

Frei Roy curvou a cabeça, cruzou de novo as mãos sobre o peito e, recuando até a porta, desappareceu no corredor escuro por onde entrara.

Apenas os passos lentos e pesados do ichacorvos deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janella que dava para um

vasto terrado e affastou a cortina que servia durante o dia de mitigar a excessiva luz do sol. A noite ía em meio do seu curso, como o indicava o morticho das tochas, que mal alumiamavam o aposento, e a lua, já no mingunte, começava a subir na abobada do firmamento, mergulhando no seu clarão sereno o brilho esplendido das estrellas. A janella estava aberta, e o escabello d'elrei ficava proximo e fronteiro: o luar batia de chapa no rosto bello e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado scismar, parecia alheio ao que passava á roda delle e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resolução que tomara. Leonor Telles, encostada ao mainel da janella, pôs-se a olhar attentamente. A cidade dormia, e apenas o ladro de algum cão cortava aquella especie de zumbido que é como o respirar nocturno de uma grande povoação que repousa. Lá em baixo, uma faixa trémula, semelhante a uma ponta de luz, cortava obliquamente o Tejo, d'onde mais largo se curvava pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade, desde Sacavem até o promontorio onde campeava, fóra dos arrabaldes, o mosteiro de S. Francisco, formavam uma especie de floresta lançada entre

a cidade e a sua immensa bahia. Desde o terrado para o qual dava a janella até o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta ingreme e fechado com travezés e cadeias nos topos das ruas, desenhava uma especie de triangulo, cuja base assentava sobre o lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vertice, voltado para occidente, se coroava com a sinagoga, abrigada á sombra do vulto disforme da cathedral. Pouco distante do terrado, entre o palacio e a judearia, a claridade da lua bacia de chapa em um terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio-arruinadas casas, que pela maior parte pareciam deshabitadas. No meio delle, o que quer que era se erguia semelhante ao arco de um portal romano. Parecia ser uma ruina, um fragmento de edificio da antiga Olisipo, que esquecera alli aos terremotos, ás guerras e aos incendios, e ao qual finalmente chegara a sua hora de desabafar, porque uma alta escada de mão estava encostada á verga que assentava sobre os dous pilares lateraes e os unia, como se alli a tivessem posto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribaremno em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se posera a olhar attentamente.

Depois voltou o rosto para elrei, que, com a cabeça baixa, os braços estendidos e as mãos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sob o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixão por alguns momentos e, estendendo para elle os braços, exclamou:

«Fernando!»

Havia no tom com que foi proferida esta unica palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas, no meio da brandura da voz de Leonor Telles, havia tambem uma corda aspera; alguma cousa do rugir do tigre.

Elrei deu um estremeção, como se pelos membros lhe houvera coado uma faisca electrica; ergueu-se, e atirou-se a chorar aos braços de Leonor Telles.

«Ámanhan — disse elle com voz affogada — o rei mais deshonorado da christandade serei eu: o cavalleiro mais vil das Hespanhas será D. Fernando de Portugal. Que me resta? Só o teu amor; mais nada. Porque não me pedem antes a coroa real, que para mim tem sido coroa de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh Leonor, Leonor! serias a mulher mais perversa, se um dia me atraioasesses.»

Um beijo da adultera cortou as lastimas

d'elrei. A formosura desta mulher tinha um toque divino á claridade da lua. D. Fernando, embriagado d'amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por elle.

«Fernando! — proseguiu D. Leonor — jura-me ainda uma vez que serás sempre meu, como eu serei sempre tua.»

Dizendo isto, affastou-o brandamente de si.

«Juro-t'o uma e mil vezes pela fé de leal cavalleiro que até hoje fui. Juro-t'o pelo céu que nos cobre. Juro-t'o pelos ossos de meu nobre e valente avô, que alli dorme juncto do altar-mór da sé, debaixo das bandeiras inféis que conquistou no Salado. Juro-t'o por mais que tudo isso: juro-t'o pelo meu amor!»

«Bem está, rei de Portugal! — atalhou D. Leonor. — Agora só uma cousa me resta para te pedir. Não é favor; é justiça.»

«Não me peças Lisboa, que essa sabe Deus se tornará a ser minha, rica, povoada e feliz, como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça nestes paços de meus antepassados, passando por cima das ruinas della! Não me peças Lisboa, que talvez ámanhan deixe de me chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quizeres.»

«Quero que me dês as minhas arrhas: quero

o preço do meu corpo, conforme foro de Hespanha.»

«Villa-viçosa é alegre como um horto de flores, e Villa-viçosa dar-t'a-hei eu. O castello d'Obidos é forte e roqueiro, são numerosos e prestes para a defesa os seus engenhos, e o castello d'Obidos será teu. Cintra pendura-se pela montanha entre lençoes d'aguas vivas, e respira o cheiro daservas e flores que crescem á sombra das penedias: podes ter por tua a Cintra. Alemquer é rica no meio das suas vinhas e pomares, e Alemquer te chamará senhora.»

«Guarda as tuas villas, D. Fernando, que eu não t'as peço em dote: quero, apenas, uma promessa de cousa de bem pouca valia.»

«De muita ou de pouca, não me importa! Dar-te-hei o que me pedires.»

D. Leonor estendeu a mão para a especie de portada romana que se erguia solitaria no meio do terreiro deserto:

«E' alli que tu me darás o preço do meu corpo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo do teu jugo real.»

Elrei lançou um rapido volver d'olhos para onde Leonor Telles tinha o braço estendido, mas recuou horrorizado. O vulto que negrejava no meio do terreiro, era o patibulo popu-

lar e peão: era a força, tetrica, temerosa, maldicta!

«Leonor, Leonor! — disse elrei com som de voz cavo e debil — porque vens misturar pensamentos de sangue com pensamentos d'amor? Porque interpões um instrumento de morte e de affronta entre mim e ti? Porque preferes o fructo do cadafalso ás villas e castellos de que te faço senhora? Porque trocas a estola do clerigo que ha-de unir-nos pelo haraço aspero do algoz?»

«Rei de Portugal! — respondeu a mulher de João Lourenço da Cunha, com um brado de furor — ainda me perguntas porque o faço? Tu nunca serás digno do sceptro de teu pae! Queres saber porque ajuncto pensamentos de sangue a pensamentos d'amor? É porque esses de quem eu o peço pediram tambem o meu sangue. Queres saber porque interponho entre mim e ti um instrumento de morte e de affronta? É porque o teu bom povo de Lisboa quiz tambem interpôr entre nós a morte e saciar-me de affrontas. Queres que te diga porque prefiro o fructo do cadafalso ás villas e castellos que me offereces? É porque para os animos generosos não ha vender vinganças por ouro. Vingança, rei de Portugal, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os

teus vassallos que me perseguem serão também perseguidos, e que essa vil plebe que cobre de injurias e pragas o meu nome porque te amo, o amaldicçoem porque levo os seus caudilhos ao patibulo. Este é o preço do meu corpo. Sem esse preço, a neta de D. Ordonho de Leão¹ nunca será mulher de D. Fernando de Portugal.»

E com um braço estendido para o logar sem nome² do supplicio e com o outro cur-

¹ A familia de Leonor Telles suppunha-se descender de D. Ordonho II, rei de Leão.

² *Logar sem nome*. Nós pelo menos não nos atrevemos a pôr-lh'o. Sabemos só que em tempos remotos a forca esteve perto da igreja de S. João da Praça, freguezia cuja existencia data pelo menos do tempo de D. Affonso III. (Mem. para as Inquir. Doc. 2.º) Talvez o terreiro ou *praça* em que ella estava desse o cognome á parochia. Desconfiamos, todavia, de que este terreiro se estendesse para o lado oriental da sé, e que nesse caso o seu nome fosse *Aljami*. D. João I fez mercê em 1392 ao bispo de Lisboa D. Martinho (Chancell. de D. João I, L. 2.º) *de uns pardieiros no chão d'Aljami, que partem com os paços do dito bispo, para fazer umas casas e torre*. Os paços dos bispos ficavam para o lado oriental da sé. Além disso *Aljami* parece derivar-se do arabico *aljamea*, que significa o laço com que se amarram o pescoço e as mãos.

vado, como quem afastava de si elrei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

«Tens razão, Leonor — disse por fim D. Fernando, depois de largo silencio, em que os affectos inconstantes do seu character voluvel mudaram gradualmente. — Tens razão. A futura rainha de Portugal terá o seu desagravo: as linguas que te offenderam calar-se-hão para sempre: os corações que te desejaram a morte deixarão de bater. No meu throno, até aqui de mansidão e bondade, assentar-se-ha a crueza. Com Judas o traidor seja eu sepultado no inferno, se faltar ao juramento que te faço de lavar em sangue a tua e a minha injuria.»

A estas palavras, o aspecto severo de D. Leonor Telles mudou-se em um sorrir de inexplicavel doçura.

«Ah, como te hei-de amar sempre!» — murmurou ella. E estas palavras caíam dos seus labios meigos e suaves, como o arrulhar de pomba amorosa.

Um beijo ardente, que sussurrou levado nas asas da brisa fresca da noite, assellou esse pacto de odio e de exterminio.

III

Um bulhão e uma agulha d'alfaiate

O sol, que havia mais de meia hora subira do oriente, cingido da sua auréola de vermelhidão, no meio da atmosphera turva e acinzentada de um dia dos fins de agosto, dava de chapa no rócío ou praça onde avultava o mosteiro de S. Domingos, rodeado de hortas e pomares, que verdejavam pelo valle da Mouraria, ao oriente, e pelo de Valverde, ao norte. Já muitos bésteiros e peões armados de ascumas se derramavam ao longo da parede dos paços de Lançarote Peçanha fronteiros ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas d'Almafalla ¹, outros do arrabalde da Pedreira ou bairro do almirante ², outros da banda da alcaçova, outros, emfim, desembo-

¹ Hoje o monte da Graça.

² Hoje o bairro dentro da rua larga de S. Roque, Chiado, rua do Ouro, Rocio e Calçada do Duque.

cando das ruas estreitas e irregulares que íam dar á opulenta e celebre rua nova ¹. Homens e mulheres apinhavam-se, aos dez e aos doze, no meio da praça, e ás bocas das ruas; falavam, meneavam-se, riam, chamavam-se uns aos outros. Ás vezes, aquella mó de gente, cujo vulto engrossava de minuto para minuto, agitava-se como a superficie de um pégo, passando o tufão. Incerta, vacillante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se e, semelhante a triangulo enorme, a quadrella gigante desfechada de trom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Ahi hesitava, ondeava e retrahia-se, como resaltaria a folha cortadora de uma acha d'armas quando não podesse romper as portas chapeadas de forte castello. Então aquella multidão tomava a forma de meia lua, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria e vinham topar uma com outra por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, d'onde, confundindo-se e irradiando-se de novo, se espalhavam pela vastidão do terreiro. O povo, que dorme ás vezes por seculos, fora accommettido de uma das suas raras insomnias e vivia essa

¹ Hoje rua dos Capellistas.

possante vida da praça publica, em que de ordinario é ridiculo e feroz, mas em que não raro é sublime e terrivel.

Era a manhan immediata á noite em que occorreram os successos narrados anteceden-temente. O povo preparava-se para uma lucta moral com o seu rei; mas não se descuidara de vir prestes para uma lucta physica, se D. Fernando quizesse appellar para esse ultimo argumento. Era a primeira vez neste reinado que a arraya-miuda dava mostras da sua força e reivindicava o direito de dizer armada — *não quero!* — O elemento democratico erguia-se para influir activamente na monarchia; enxertava-se nella, como principio politico, a par da aristocracia, que com a manopla de ferro arrojava a plebe contra o throno, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria dela para esmagar aquelles que ora sopravam os animos para a revolta e davam nova existencia ao vulgo.

A hora aprazada para a vinda d'elrei ainda não havia batido : mas o povo, orgulhoso da importancia que subitamente se lhe dera, embevecido na idéa de que obrigaria elrei a quebrar os laços adulterinos que o uniam a Leonor Telles, não media o tempo pelo curso do

sol, mas sim pelo fervor da sua impaciencia. Duas vezes se espalhara a voz de que D. Fernando chegara, e duas vezes o povo correra para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, porém, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gothico, que, formado apenas de um pavimento terreo e humilde, contrastava com a magnificencia do templo, em cujas portadas profundas, sobre os columnellos ponteagudos que sustinham os fechos e chaves da abobada, os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios, avultados na pedra dos capiteis, por entre as folhagens de carvalho e de lodam, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, escarnecerem da colera popular, que, lenta como os éstos do oceano, começava a crescer e a trasbordar. Apenas, lá dentro, se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do organ e do canto-chão monotono dos frades, que offereciam a Deus as preces matutinas. Era então que o povo escutava: e retrahia-se arrastado pelas blasphemias e pragas que saíam de mil bocas e que eram repellidas do sanctuario pelo sussurro dos canticos que reboavam dentro da igreja, e que transudavam por todos os poros.

do gigante de pedra um murmúrio de paz, de resignação e de confiança em Deus.

O povo, porém, era como os homens robustos do Genesis: era impio, porque era robusto.

O dia crescia, e crescia com elle a desconfiança. As noticias corriam encontradas: ora se dizia que elrei cedia aos desejos dos seus vassallos e dos peões, e que viria annunciar ao povo a sua separação de Leonor Telles; ora, pelo contrario, se asseverava que elle era firme em sustentar a resolução contraria. Havia, até, quem asseverasse que na alcaçova e no terreiro de S. Martinho se começavam a ajunctar homens d'armas e bésteiros. A colera popular crescia, porque a atiçava já o temor.

No meio de uma pilha de galeotes, carneiros, pescadores, moleiros, lagareiros e alfagemes, dous homens altercavam violentamente: eram Ayras Gil e Frei Roy: objecto da disputa Fernão Vasques; arguente o petintal; defendente o beguino.

«Que não virá, vos digo eu — gritava Ayras Gil. — Disse-m'o Garcirdonez, o mercador de pannos que mora ao cabo da rua nova, aos açougues, defronte das taracenas d'elrei.»

«Mentiu pela gorja, como um perro judeu — replicou Frei Roy. — Não era Fernão Vas-

ques homem que faltasse a este auto, tendo-o a arraya-miuda elegido por seu propoedor.»

«Medo ou dobras do paço podem tapar a boca aos mais ousados e fazê-los dormir até deshoras» — retrucou o petintal.

«Que fazem falar as dobras do paço, sei eu — tornou o beguino com riso sardonico, lembrando-se do que nessa noite passara: — medo sabeis vós que faz fugir: inveja sabemos nós todos que faz imaginar...»

«Descaro e gargantoice que faz mendigar» — interrompeu Ayras Gil, vermelho de colera, cerrando os punhos e descaíndo para o icha-corvos, como galé que vai afferrar outra em combate naval.

«*Excommunicabo vos*» — murmurou Frei Roy, fazendo-se prestes para resistir ao abalaroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

Nisto os gritos de *alcacer! alcacer!* reboaram para outro lado da praça: o povo correu para lá. Os dous campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Ayras Gil e, tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braço e o index para o

logar onde passava Fernão Vasques. Depois, partiu com a turbamulta que o rodeava, emquanto o petintal o seguia de longe, lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças do tumulto da vespera, encaminhou-se para a alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma *sáia*¹ de valencina reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, chapeirão de ingres com fita de momperle e cincta de couro, tudo escuro, ao modo popular. Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. D'alli, em pé, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silencio. Depois tirando o chapeirão, cortejou a turbamulta para um e outro lado; os seus gestos e ademanes eram já os de um tribuno.

«Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! Alcacer por elrei D. Fernando de Portugal, se desfizer nosso torto e sua vilta, senão!...»

Esta exclamação de um alentado alfageme que estava pegado com a balaustrada do al-

¹ Muitos dos trajos civis do seculo decimo-quarto eram communs a ambos os sexos, ou pelo menos tinham nomes communs, como se pôde ver da lei de D. Affonso IV ácerca dos trajos.

pendre foi repetida em grita confusa por milhares de bocas.

De repente, do lado da rua de Gileanes, sentiu-se um tropear de cavalgaduras, que parecia correrem á redea solta: todos os olhos se volveram para aquella banda: muitos rostos empallideceram.

Uma voz de terror gyrou pelo meio das turbas. — «São homens d'armas d'elrei!» — Aquelle oceano de cabeças humanas redemoinhou, a estas palavras, e começou a dividir-se como o mar vermelho diante de Moysés. Num momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquella superficie movel e escura: era ampla estrada que se abria por entre ella, desde a rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes dessa estrada adelgaçavam-se rapidamente. Para as bandas da Mouraria e da Pedreira, os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das ascumas populares, que erguidas scintillavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se, como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasques olhou em redor de si: estava só. Descórou; mas ficou immovel.

Entretanto, o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruído: os bésteiros do con-

celho postados ao longo dos paços do almirante, eram, talvez, os unicos em quem o terror não fizera profunda impressão: alguns já haviam estendido sobre o braço da bésta os virotos hervados e, revolvendo a polé, faziam encurvar o arco para o tiro. Os bésteiros de garrucha tinham já o dente desta embebido na corda, promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus dos cavalleiros e escudeiros reaes. Do resto do povo, os ousados eram os que recuavam; porque o maior numero voltava as costas e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e das vinhas d'Almafalla ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do almirante.

Mas, no meio deste susto geral, apparecera um heroe. Era Frei Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo occulto que lhe dera D. Leonor, ou fosse robustez d'animo, ou fosse, finalmente, a persuasão de que o habito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua d'onde rompia o ruído e, mirando pela aresta do angulo um breve espaço, voltou-se para o povo e, curvando-se com as mãos nas ilhargas; desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas, vendo e ouvindo o rir descompassado do ichacorvos, o povo

começou a refluir para a praça. Aquellas risadas produziam mais animo e enthusiasmo que os *quarenta seculos vos contemplam* de Napoleão na batalha das Pyramides. Os amotinados recobriram num instante toda a anterior energia.

Esta scena tinha sido rapidissima: todavia, ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar e o fugir, quando se reconheceu claramente a causa daquelle temor que apertara por algum tempo todos os corações. Era a corte que chegava.

Montados em mulas possantes, os officiaes da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juizes do desembargo vinham assistir ao auto solemne em que da boca d'elrei a nação devia ouvir ou uma resolução conforme com os desejos tanto da arraya-miuda como dos senhores e cavalleiros, ou a confirmação de um casamento mal agourado por muitos nobres e por todos os burgueses, e condemnado, de não duvidoso modo, por estes ultimos. No meio das variadas cores dos trajos cortesãos negrejavam as garnachas dos letrados e clerigos do paço, e entre o reluzir dos esplendidos arreios das mulas alentadas e fogosas dos vassallos seculares, dos alcaides-móres e senhores, viam-se rojar as gualdrapas dos mestres em leis e

degredos, dos sabedores e letrados que constituíam o supremo tribunal da monarchia, a curia ou desembargo d'elrei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado. Em todos os rostos transluzia o receio ácerca de qual sería o desfecho deste drama terrível e immenso, em que entravam representantes de todas as classes sociaes.

Entre os membros daquella lustrosa companhia distinguia-se por seu porte altivo o conde de Barcellos, D. João Affonso Tello, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa epocha se dá por excellencia o nome de *fiel conselheiro*. Quando os amores d'elrei com sua sobrinha começaram, elle fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligencias para desviar o monarcha de levar ávante os seus intentos. D. Fernando persistira, todavia, nelles, e então o conde, junctamente com a infanta D. Beatriz ¹ e com D. Maria Telles, irman de D. Leonor, suscitara a idéa de a divorciar de João Lourenço da Cunha. O povo sabia isto e, posto que houvesse estendido a sua má vontade a todos os parentes de Leo-

¹ D. Beatriz era irman dos infantes D. João e D. Dinis, e meia irman d'elrei.

nor Telles, odiava principalmente o conde, como protector daquelles adulteros amores. Foi, portanto, nelle que se cravaram os olhos dos populares, que, tendo-se em poucas horas elevado até a altura do throno, ousavam, tambem, dar testemunho publico do seu odio contra o mais distincto membro da fidalguia ¹.

«Velha raposa, em que te pese, não será a adultera rainha da boa terra de Portugal!»— gritava um carniceiro, voltando-se para uma velha que estava ao pé d'elle, mas olhando de través para o conde, que perpassava.

«*Leal conselheiro* de barreguices, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenço?»— perguntava um alfageme, fingindo falar com um visinho, mas lançando tambem os olhos para D. João Affonso Tello.

«Que tendes vós com o lobo que empece ao lobo? — acudiu um lagareiro calvo e curvado debaixo do peso dos annos. — Deixae-os morder uns aos outros, que é signal de Deus se amercear de nós.»

«O que elles mereciam — interrompeu uma

¹ O titulo de conde era o de maior preeminencia entre nós, e João Affonso Tello era, então, o unico que em Portugal tinha semelhante titulo.

regateira — era serem atagantados ¹ com boas tiras de couro cru.»

«E ella, tia Dordia? — accrescentou um ferreiro. — Conheceis vós a comborça? Ás varas a quizera eu: uma do alcaide no chumaço; outra do coitado nas costas della! ²»

«É costume, ergo direita a pena» — notou um procurador, que gravemente contemplava aquelle espectáculo e que até alli guardara silencio.

Estas injurias, que, como o fogo de um pelletão, se disparavam ao longo das extensas e fundas fileiras dos populares, iam ferir os ouvidos do conde de Barcellos, que, fingindo não lhes dar attenção, empallidecia e córava successivamente e mordia os beiços de colera.

De quando em quando, o vociferar affron-

¹ Açoutados.

² Segundo varios quadernos legaes do nosso direito consuetudinario e municipal, em certos casos applicava-se ás mulheres casadas a pena de que resa o discurso do ferreiro. O alcaide vinha a casa da criminosa, punha no chão um travesseiro, pegava numa vara e começava a bater em cima delle, fazendo-lhe o compasso o marido da culpada nas costas desta: tal era o modo por que as mulheres *estavam ás varas*, pena que, com menos apparatus, se applicava, tambem, aos homens por muitos e diversos delictos.

tosos da gentilha era affogado no ruído de risadas descompostas, mais insolentes com vezes que as injurias; porque no rir do vulgo ha o que quer que seja tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o animo mais robusto.

Entre os parciaes de D. Leonor que vinham naquella comitiva viam-se, porém, muitos fidalgos e letrados que ou eram pessoalmente seus inimigos ou, pelo menos, desapprovavam alta e francamente a sua união com elrei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre elles, e o povo, ao vê-lo passar, saudou-o com um murmurio que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devera a um caso analogo, a morte de D. Ignez de Castro.

Quando os fidalgos, cavalleiros e letrados da casa e conselho d'elrei se apearam juncto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desembocaram na praça, subiu após elles e esperou que se assentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada em redor:

«Se elrei ainda não é presente — disse em voz intelligivel e firme — ahi tendes para ouvir

vossos agravamentos os senhores de seu conselho: porventura que elles poderão dar-vos resposta em nome de sua senhoria, e elle virá depois confirmar o seu dicto.»

«Senhor Fernão Vasques, sois o nosso pro-poedor: a vós toca falar» — replicou um do povo.

«Assim o queremos! Assim o queremos!» — bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se então para os cortesãos, conselheiros e letrados do desembargo d'elrei, e disse:

«Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui estão junctas de dizer algumas cousas a elrei nosso senhor que entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escripto que, sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve cessar no que ellas bem souberem dizer, vós outros que sois principaes partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós devieis dizer isto, e eu não: porém, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vós outros em ello não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e do serviço d'elrei...¹⁾»

¹ Textual. — Veja-se Fernão Lopes, *Chr. de D. Fernando*, cap. 61.

Cal-te villão! — bradou, erguendo-se, o conde de Barcellos, com voz affogada da colera, que já não podia conter — se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue, em vez de injurias, por essa boca sandia.»

O velho Pacheco pôs-se tambem em pé, exclamando:

«Conde de Barcellos, lembrae-vos de que os burgueses têm por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de se queixarem e de os reprehenderem. Nós somos menos que os reis.»

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignação, e havia feito um signal com a cabeça. No mesmo instante o povo abrira uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, atentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rocío, ao tropear da multidão, um semi-circulo de mais de quinhentos bésteiros e peões armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se então para D. João Affonso Tello e, com a mão trémula de raiva, segurando-o por um braço, disse-lhe:

«Senhor conde, vós sois que doestais os honrados burgueses desta leal cidade em minha

pessoa; porque eu nada fiz, senão repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propôs não é meu. Eis seus auctores! Pelo que a mim toca, senhor conde, não receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o gibão de ferro para vestir o de tela, não sei eu se este é mais forte que o do peão e se, também, a sua boca não pôde golfar sangue, como a de um pobre villão.»

D. João forcejava por desasir-se do alfaiate, procurando levar a mão á cincta, onde tinha o punhal; mas Fernão Vasques era mais forçoso, e o conde já tinha entrado na idade em que costuma minguar a robustez do homem. Não pôde chegar com a mão ao cincto.

«Conde de Barcellos — proseguiu o alfaiate, com um sorriso — não recorraes a esse argumento; porque eu também estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhão.»

Estas ultimas palavras, dictas em tom de escarneo, mal foram ouvidas: a grita na praça era já espantosa: as injurias, as pragas, as ameaças, cruzando-se nos ares, produziam aquelle rouco e grande brado da furia popular, que só tem semelhança com o ruído do tufão abysmando-se por cavernas immensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os

dois contendores: os parciaes de D. Leonor o conde; os outros, cujo numero era muito maior, o alfaiate. E tanto estes, como aquelles trabalhavam em apaziguá-los, postoque todos os animos estivessem quasi tão irritados como os dos dous contendores.

Finalmente, o conde cedeu. O aspecto da multidão, que se agitava furiosa, contribuiu, porventura, mais para isso que todas as razões e rogativas dos fidalgos e cavalleiros, attonitos com o espectáculo da ousadia popular: desta ousadia que, menoscabando as ameaças do primeiro entre os nobres, era mais incrível que a da vespera, a qual apenas se atrevera ao throno.

Que fazia, porém, o nosso beguino no meio destes preludios de uma eminente assuada? É o que o leitor verá no seguinte capitulo.

IV

**Mil dobras pé-terra e trezentas
barbudas**

Mal Fernão Vasques travara do braço do conde de Barcellos, e a grita popular começara a atroar a praça, Frei Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrara a quina que voltava para a Corredoura¹ e, seguindo seu caminho por viellas torcidas e desertas, chegara á Porta-do-ferro, d'onde, atravessando o contiguo e malassombrado terreirinho que os raios do sol apenas alumiam poucas horas do dia, embargados, ao nascer, pelos agigantados campanarios da cathedral e, ao declinar, pelos pannos e torres da muralha mourisca, chegara esbaforido a S. Mar-

¹ A corredoura era uma rua, que, passando ao sopé do monte do Castello e por detrás de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para Valverde (hoje Passeio-publico e Salitre).

tinho. A porta do paço estava fechada, mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capella-mór, e a tribuna communicava com o palacio por um passadiço que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si e escutou um momento: ninguem estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Frei Roy atravessou o passadiço e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim della havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou e escutou de novo. Dentro altercavam tres pessoas: Frei Roy bateu devagarinho tres vezes, e pôs-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se aproximavam da porta, e uma voz esganiçada e colerica perguntou -- «Quem está ahí?»

«Eu» — respondeu o beguino.

«Quem é eu?» — replicou a voz.

«Honrado D. Judas, é Frei Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende falar a elrei ou á mui excellente senhora D. Leonor, para negocio de vulto.»

«Abre, D. Judas, abre!» — disse outra voz, que pelo metal parecia feminina e que souo do lado opposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos, e o ichacorvos entrou.

Era o lugar onde Frei Roy se achava uma quadra pequena, alumiada escaçamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varões de ferro, a qual dava para uma especie de saguão, ainda mais acanhado que o aposento. A abobada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por unico adereço muitas arcas chaheadas de ferro. O monge entrara na casa das arcas da coroa — do *recábedo do regno*. As duas personagens que ahi estavam, afora a que abrira a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. Elrei, de pé, curvado sobre uma das arcas, com a fronte firmada sobre o braço esquerdo, folheava um desconforme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas taboas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pello¹. D. Leonor, tambem em pé por detrás

¹ Para não enfadarmos os leitores com um sem numero de notas, declaramos por uma vez que todos os costumes e objectos que descrevemos são exactos e da epocha, porque para taes descrições nos fundamos sempre em documentos ou monumentos.

d'elrei, olhava attentamente para as paginas do livro. O que abrira a porta era o thesoureiro-mór D. Judas, grande affeçoado de D. Leonor e válido d'elrei. O judeu apenas voltara a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recém-chegado, tornara immediatamente para o pé da arca a que elrei estava encostado e proseguira a vehemente conversação cujos ultimos ecchos Frei Roy ouvira ao aproximar-se...

«Mil dobras pé-terra e trezentas barbudas são todo o dinheiro que o vosso fiel thesoureiro vos póde apurar neste momento, respigando, como a pobre Ruth, no campo do vosso thesouro, ceifado e bem ceifado (aqui o judeu suspirou) por aquelles que, talvez, menos leaes vos sejam. Jurar-vos-hei sobre a toura, se o quereis, que não fica em meu poder uma pogeia.»

Elrei não o escutava. Apenas Frei Roy entrara, D. Leonor havia-se encaminhado para o ichacorvos e, lançando-lhe um olhar escrutador, perguntava com visivel anciedade:

«Beguíno, a que voltaste aqui?»

«A cumprir com minha obrigação, apesar de vós me terdes dado hontem por quite e livre. Vim a dizer-vos que, a estas horas, talvez tenha já corrido sangue no rocío de Lis-

boa, e que é espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho e contra os senhores e fidalgos da casa e valia d'elrei.»

Fora á palavra *sangue* que D. Fernando havia cessado de attender á voz esganiçada do thesoureiro-mór, que continuava em tom de lamentação:

«Bem sabeis, senhor, que tenho empobrecido em vosso serviço e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miseraveis entre os filhos d'Israel. Aonde irei eu buscar dous mil maravedis velhos d'Alemdouro, que são, em moeda vossa, trezentos e noventa mil soldos ?¹⁾»

¹ O maravedi velho de ouro ou de *Alem-Douro* (chamado assim para o distinguir do maravedi de 15 soldos, que era aquelle pelo qual se regulavam as quantias dos que vingavam soldo ou *maravedis*, a que se chamava da Estremadura) valia 27 soldos, isto é, menos de libra e meia das antigas, cada uma das quaes era igual a 20 soldos. A dobra de ouro conhecida pelo nome vulgar de *pé-terra*, mandada lavrar por D. Fernando, tinha o valor legal de 6 libras e, portanto, era mui superior nominalmente ao antigo maravedi, excedendo-o em preço mais de quatro vezes. Todavia, bem pelo contrario, o valor real de uma dobra *pé-terra* era inferior ao maravedi velho na razão de 20 para 32 $\frac{1}{2}$.

A alteração da moeda feita por D. Fernando no principio do seu reinado confundiu e transtornou

«Sangue, dizes tu, beguino? — exclamou elrei, — Oh, que é muito! A quem se atreveram assim esses populares maldictos?»

«Eu proprio vi o nobre conde de Barcellos travar-se com Fernão Vasques; mui grande numero de bésteiros e peões armados de ascumas rodeavam já o alpendre de S. Domingos, e os clamores de *morram os traidores* atroavam a praça.»

«Que me dêem o meu arnez brunido, a minha capelina de camal e o meu estoque francês — gritou D. Fernando, escumando de co-

completamente o antigo systema monetario: as barbudas, das quaes havia 53 em cada marco da lei de 3 dinheiros, vinham a ser iguaes ás libras novas deste rei, porque, produzindo até ahi um marco da lei de 11 dinheiros 27 libras, ficou em a nova moedagem produzindo 165, o que, dada a differença do toque entre o marco de lei e o marco das barbudas, tornava cada uma destas a mesma cousa que a libra. Por outra parte, equivalendo cada libra a 20 soldos, moeda sem valor intrinseco, vinha o marco de lei a ser representado por 3:900 soldos, e assim o antigo maravedi d'ouro, correspondente á vigessima parte de um marco de prata, correspondia realmente a 195 soldos, ao passo que cada pé-terra sendo o mesmo que 6 libras, não valia mais de 120 soldos, isto é, ficava para aquella moeda na razão de 20 para 32 $\frac{1}{3}$.

lera. — Eu irei a S. Domingos e salvarei os ricos-homens de Portugal ou acabarei ao pé delles. Pagens! onde está o meu donzel d'armas?»

«O teu donzel d'armas, rei D. Fernando — interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor — segue com os outros pagens caminho de Santarem, montado no teu cavallo de batalha. Aqui, só tens a mula do teu corpo¹ para seguires jornada.»

«Mas o conde de Barcellos! O meu leal conselheiro, deixá-lo-hei despedaçar pelos peões desta cidade abominavel? Lembra-te de que é teu tio; que foi o teu protector, quando o braço de D. Fernando ainda se não erguera para te coroar rainha.»

«Rei de Portugal, és tu que deves lembrar-te d'elle, quando o dia da vingança chegar. Então cumprirá que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje não podes senão deixar entregue á sua sorte

¹ Os cavalleiros, quando se punham a caminho, costumavam cavalgar em mulas, como animaes mais rijos e possantes que os cavallos: nestes montava um pagem ou *donzel*. Veja-se principalmente a lei de D. Affonso III sobre os que vão a casa de elrei.

o nobre D. João Affonso e os senhores que são com elle; mas não te esqueça que, se o seu sangue correr, todo o sangue que derramares para o vingar será pouco, como serão poucas todas as lagrymas que eu verterei sem consolação sobre os seus veneraveis restos. Combateres? Ajudado por quem, numa cidade revolta? Os homens d'armas do teu castello quebraram seu preito e tumultuam na praça: muitos de teus ricos-homens estão conjurados contra ti: teu proprio irmão o está. Partir! partir! Ha quantas horas sabes tu que a ultima esperança está no partir breve? Porque, depois de tantas hesitações, ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vingança, se não podermos salvar aquelles que, leaes a seu senhor, se foram expôr á furia da villanagem para esconder nossa fuga... fuga; que é o seu nome!»

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e nos labios esbranquiçados da adúltera, e a afflicção e o temor comprimidos atraçoavam-se numa lagryma que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das rarissimas que deramara na sua vida.

Elrei tinha escutado immovel. Desacostumado de ter vontade propria, desde que (como dizia o povo) esta mulher o enfeitiçara, ainda

mais uma vez cedeu da sua resolução, se não de homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida :

«Partamos. E seja feita a vontade de Deus!»

«*Amen!*» — murmurou o ichacorvos.

«Beguino — interrompeu D. Leonor, voltando-se para Frei Roy — corre já ao rocío de S. Domingos e diz em voz bem alta aos populares amotinados que me viste partir com elrei caminho de Santarem. Talvez assim o conde seja salvo, porque a furia desses vis sandeus se voltará contra mim. Dize-o, que dirás a verdade: quando lá houveres chegado o meu palafrem terá já transposto as Portas-da-cruz. Guardae-vos, mesquinhos, que elle a torne a passar com sua dona. Ichacorvos! esse dia será aquelle em que a *adultera* pague todas as suas dividas.»

Frei Roy sentiu pela medulla dorsal o mesmo calafrio que sentira na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Telles cravou nelle era diabolico, e a palavra — *adultera* — proferida por ella, soava como um dobrar de campa e vinha como envolta num halito de sepulchro: o beguino arrependeu-se, desta vez mui seriamente, de ter sido tão miudo e exacto na *parte official* que apresentara na vespera. Calou-se, todavia, e saiu com o seu ade-

man do costume, cabeça baixa e mãos cruzadas no peito.

Os tres ficaram outra vez sós.

«D. Judas, meu bom D. Judas — disse elrei com gesto de afflicção — não entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua arithmetica. Estou certo de que não deves ao thesouro real uma unica mealha e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes: mas, de certo, não queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como romeiro mendigo. Ao menos os dous mil maravedis de ouro...»

«Ai! — suspirou o thesoureiro-mór — juro a vossa real senhoria que me é impossivel achar agora outra quantia maior que a de mil dobras pé-terra e trezentas barbudas.»

«Fernando — atalhou Leonor Telles — ordena aos moços do monte que ahi ficaram que enfriem as mulas: devemos partir já. E' tão meu affeioado D. Judas que, com duas palavras, eu obterei o que tu não podeste obter com tantas rogativas.»

Ella sorriu alternativamente com um sorriso angelico para elrei e para o thesoureiro-mór. D. Fernando obedeceu e, alevantando o reposteiro que encubria uma porta fronteira áquella por onde entrara o beguino, desapareceu. O

thesoureiro ía a falar; mas ficou com a boca semi-aberta, o rosto pallido e como petrificado, vendo-se a sós com D. Leonor. Era que já a conhecia havia largos tempos.

«D. Judas — disse esta em tom mavioso — tu has-de fazer serviço a elrei para esta jornada. Darás os dous mil maravedis velhos.»

«Não posso!» — respondeu D. Judas com voz trémula e affogada.

«Judeu! — replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno que estava no canto mais escuro do aposento, cuberto de tres altos de pó — o que está naquella arca?»

O thesoureiro-mór, depois de hesitar por momentos, balbuciou estas palavras:

«Nada... ou, a falar verdade... quasi nada. Bem sabeis que, d'antes, guardava alli algumas mealhas que me sobejavam da minha quantia; mas ha muito que nem essas poucas mealhas me restam.»

«Vejam, todavia» — tornou D. Leonor, cujo aspecto se carregava.

«Misericordia!» — bradou D. Judas com indizível agonia. Mas, reportando-se, por um destes arrojões que os grandes perigos inspiram, procurou disfarçar o seu susto, continuando com riso contrafeito:

«Misericordia, digo; porque fora mais facil

achar entre os amotinados do rocio um homem leal a seu rei, do que eu lembrar-me agora do logar onde terei a chave de uma arca ha tanto tempo inutil e vazia.»

«Perro infiel! Eu te vou recordar quem póde dizer onde a havemos de achar.»

«Estaes hoje, mui excellente senhora, me-rencoria e irosa — replicou o thesoureiro-mór, trabalhando por dar ás suas palavras o tom da galantaria, mas, visivelmente, cada vez mais enfiado e trémulo.—Assim chamaes perro infiel ao vosso leal servidor, por causa de uma chave inutil que se perdeu? Todavia, dizei quem sabe della, que eu a irei procurar.»

«Generoso e leal thesoureiro! — interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava — não te dês a esse trabalho, por tua vida. Quem póde fazê-la apparecer é um velho cão descrido que mora na communa de Santarem. Eu sei de um remedio que lhe restituirá á lingua a presteza de uma lingua de mancebo de vinte annos. O seu nome é Issachar. Conhéce-lo?»

«Alta e poderosa senhora, vós falaes de meu pobre pae! — respondeu o thesoureiro-mór, redobrando-lhe a pallidez. — Mas tractemos agora do que importa. Com mil e quinhentas dobras pé-terra e trezentas barbudas,

que eu disse a meu senhor elrei estarem pres-tes. . . »

D. Leonor lançou para o judeu um olhar d'escarneo e proseguiu :

«Do que importa é que eu tracto. Sabes tu, meu querido D. Judas, que, sejam as tuas dobras mil ou mil e quinhentas, ámanhan, a estas horas, eu, D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, estarei em Santarem? Ouviste já dizer que, em não sei qual das torres do alcacer, ha um excellente potro, capaz de desconjuntar num instante os membros do mais robusto villão? Veio-me agora á idéa de que o velho Issachar, amarrado a elle deve ser gracioso; porque, tendo vivido muito, constrangido a falar, ha-de contar coisas incriveis, quanto mais dizer onde está uma chave cujo paradoro elle não póde ignorar. Não achas tu, tambem, que é folgança e desporto digno de qualquer rainha o ver como estouram os ossos carunchosos de um perro de noventa annos?»

Um suor frio manou da frente de D. Judas, cujas pernas vacillantes se esquivavam a sustê-lo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas o judeu tinha caído de joelhos aos pés d'ella.

«Por mercê, senhora — exclamou elle, em

trance horroroso de angustia — mandae-me açoutar como o mais vil servo mouro : mandae-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos ; mas perdoae a meu velho pae, que não tem culpa da pobreza de seu filho. Se eu tivera ou podera alcançar mais que as duas mil dobras e as quinhentas barbudas que offereci a meu senhor elrei . . . »

«Judeu — atalhou D. Leonor — tu debes saber tres cousas : a primeira é que os tratos do potro são intoleraveis ; a segunda é que eu costumo cumprir as minhas promessas ; a terceira é que, se, neste momento de aperto, eu te podesse applicar o remedio, não o guardaria para a ossada holorenta de um lebréu desdentado.»

«Vendido cem vezes — proseguiu o thesoureiro-mór, lavado em lagrymas e procurando abraçá-la pelos joelhos — eu não poderia apresentar neste momento mais que a somma já dicta de duas mil e quinhentas dobras, e quinhentas barbudas, ainda que vossa mercê me mandasse assar vivo.»

«És um louco, D. Judas ! — interrompeu D. Leonor, affastando de si o judeu, com um gesto de brandura. — Por uma miseria de pouco mais de quinhentas pé-terra, consentirás que Issachar, que teu pae, honrado velho !

pragueje, nas ancias do potro, contra o Deus de Abraham, de Jacob e de Moysés?»

O thesoureiro-mór conservou-se por alguns momentos calado e na postura em que estava. Depois, passando o braço de revés pelos olhos, enxugou as lagrymas e ergueu-se. A resolução que tomara era a de um desesperado que vai suicidar-se.

«Aqui estarão, senhora — murmurou elle — os dous mil maravedis quando os quizerdes. Procurarei obtê-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem á vossa partida.»

«Adeus, meu mui honrado D. Judas — disse D. Leonor, sorrindo. — Não perderás nada em ter cedido aos meus rogos.»

Dicto isto, saíu pela mesma porta por onde saíra elrei.

O judeu estendeu os braços, com os punhos cerrados, para o reposteiro, que ainda ondeava, e levou-os depois á cabeça, d'onde trouxe uma boa porção de melenas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fóra um saquitel pesado, sellado e numerado, e os dous mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empillhou-os aos centos e, como se as forças se lhe tivessem ex-

haurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se de bruços sobre a pequena arca e, abraçado com ella, desatou a chorar.

«Meu pobre thesouro, juncto com tanto trabalho! — exclamou por fim, entre soluços. — Guardei-te neste cofre com medo de te ver roubado, e os salteadores vim encontrá-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reaes das mãos dos mordomos. Meus ricos dous mil maravedis de bom ouro, não voltareis sósinhos quando vos tornardes a ajunctar com os vossos abandonados companheiros!»

Esta idéa pareceu consolar de algum modo D. Judas. Levantou-se, tornou a contar os dous mil maravedis: desconfiou de que havia engano, e que eram dous mil e um: tornou-os a contar, e, quando elrei entrou no aposento, já prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que não dava uma pogeia de mais da somma que lhe fora requerida em nome do potro da torre de Santarem ¹.

¹ Aquelles que não conhecerem as opiniões, estado de civilisação e costumes da idade média medirão o thesoureiro-mór D. Judas por um ministro de fazenda moderno, como, se não nos engana a

«Oh — exclamou elrei, lançando os olhos para cima do desalmado folio, sobre cujas paginas amareladas estava empilhado o dinheiro — temos os dous mil maravedis?!»

«Saiba vossa real senhoria que, felizmente,

memoria, lhe chama com ignorancia deliciosa o marquez de Pombal em uma lei sobre os christãos-novos, e acharão inverosimil a scena antecedente, posto que esteja bem longe disso. A falta de christãos habilitados para tractarem materias de fazenda publica obrigou os reis portuguezes a esquecerem a lei das cortes de 1211, que os inhibia de empregarem judeus no seu serviço. Mas esta necessidade não podia destruir o profundo desprezo em que se tinha esta raça, olhada como abominavel, em consequencia das convicções politicas e religiosas daquelles tempos, desprezo que, em grande parte, assentava em bons fundamentos. A idéa que se fazia de um judeu na idade média acha-se expressa na lei 23.^a daquellas cortes, na qual se pinta melhor o pensar dessas eras a semelhante respeito do que tudo quanto poderemos aqui escrever. «*Os quaes judeus (diz o legislador) assy como testemunho da morte de Jessu-Christo devem a seer defesus, solamente porque som homees.*» Juncte-se a isto o character cruel, hypocrita e cubigoso de D. Leonor Telles, tão excellentemente pintado' pelo grande poeta-chronista Fernão Lopes, e poder-se-ha avaliar devidamente a verosimilhança desta scena de imaginação, no meio de outras scenas da vida real desses tempos.

tinha em meu poder uma somma pertencente a Jeroboão Abarbanel, o mercador da porta do mar, somma de que não me lembrava: ao vasculhar as arcas, dei com ella: a quantia está completa, e o honrado mercador não levará, por certo, mais de cinco por cento ao mês, emquanto os ovençaes de vossa senhoria não vierem entregar no thesouro o producto dos direitos reaes vencidos. Então pagar-lhehei, até a ultima mealha, a quantia e os seus lucros, se vossa senhoria não ordena o contrario.»

«Faze o que entenderes, D. Judas — respondeu elrei, que não o ouvira, attento a metter numa ampla bolça de argempel, que trazia pendente do cincto, os dous mil maravedis. — Tudo fio de ti, honrado e leal servidor.»

E, recolhidos os maravedis, saú. O judeu ficou só.

«No inferno ardas tu, com Dathan, Coré e Abiron, maldicto nazareno!... — murmurou elle. — Porém não antes de eu haver colhido os dous... quero dizer, os tres mil e duzentos maravedis que me tiraste com tanta consciencia quanta póde ter a alma tismada de um christão.»

Feita esta jaculatoria ao Deus de Israel, D. Judas aferrolhou interiormente a porta do

reposteiro, atravessou o aposento, saiu pela porta fronteira, que tambem aferrolhou, e a bulha dos seus passos, que se alongavam, soou através dos corredores por onde passara Frei Roy, até que, por aquella parte do palacio, tudo caíu em completo silencio.

V

Mestre Bartholomeu Chambão

Frei Roy, saíndo da casa das arcas, atravessara os corredores visinhos; mas, em vez de seguir o que dava para o passadiço de S. Martinho, tomara por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a esse passadiço. Esta escadinha descia para o atrio do paço. O beguino, habituado, pelo seu ministerio, a entrar na morada real ás horas mortas e a saír nas menos frequentadas, sabía por diuturna experiencia que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrara, já começaria a povoar-se de fiéis, porque, como é facil de suppôr, as igrejas eram naquella epocha mais frequentadas do que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rocío e a espalhar entre os amotinados a noticia da partida d'elrei.

Mas embargou-lhe os passos difficuldade

imprevista. Ou fosse que os acontecimentos da vespera obrigassem a maiores cautelas, não havendo ainda então exercito permanente, nem guardas pagas para defensão da pessoa real, cuja melhor protecção estava na propria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, a porta ainda se não abrira. O beguino hesitou sobre se devia retroceder para sair pela egreja, se esperar. As considerações que o tinham movido a seguir este caminho obrigaram-no a ficar. Mettido no estreito e escuro vão da escada, o ichacorvos assemelhava-se, envolto nas suas roupas de burel e reluzindo-lhe os olhos á meia luz que dava o pateo interior, a um moderno funcionario, que hoje, nesses mesmos paços e em desvão igual, talvez no mesmo sitio, mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta publica o convide a algum banquete de carne humana, e, no esperar atroz, rodeia com as garras os ferros do seu covil, como o tigre captivo. O espia era allí, por assim dizer, uma *preexistencia*, uma *harmonia preestabelecida* do algoz.

Passara obra de meia hora, e o beguino começava a impacientar-se mui seriamente quando sentiu pés de cavalgadura no pateo interior do edificio. D'ahi a pouco, um donzel,

trazendo na mão uma desconforme chave e as redeas de valente mula enfiadas no braço, chegou á porta e começou a abri-la. Era um dos donzeis d'elrei. Costumado a disfarçar a sua frequente entrada no paço sob a capa da mendicidade, e habituado a estender a mão á espera de alguns soldos que devotamente lhe atiravam senhores, cavalleiros e escudeiros, ao que elle retribuia com a longa lenda das suas orações em aleijado latim, Frei Roy era acceito a quasi todos os moradores da casa d'elrei, que respeitavam a sua apparente sanctidade. Por isso, saíndo do seu desvão, encaminhou-se para a porta.

«A madre Sancta Maria vos guarde de mau olhado, de feitiços e de ligamentos» — disse elle, chegando-se ao donzel e fazendo sobresair esta ultima palavra.

«Vós aqui, Frei Roy, por estas horas?» — replicou o donzel, voltando-se admirado.

«Que quereis! — tornou o beguino. — Quando hontem os maldictos burgueses accommetteram os paços reaes com a sua grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! Escondi-me naquelle desvão, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado cá dentro, como um emparedado em seu nicho. A minha profissão de paz e de religião não me consentia passar por

meio de homens possuidos do espirito de colera e inspirados por Belzebuth, nem o susto me deixava animo desaffogado para ir roçar o burel do meu sancto habito pelos trajos empes-
tados dos filhos de Belial. Tambem a humil-
dade e mortificação christan se oppunham a
que eu subisse a pedir gasalhado a algum de
vós outros, os moradores da casa de nosso
senhor elrei. Assim, louvando a Deus por me
conceder uma noite de padecimento, alli me
deixei ficar sobre as lageas humidas, sobre as
duras e agudas arestas dos degraus daquela
escada. Agora, que a revolta é finda, conso-
lado com as dores que me traspassam os os-
sos e confiado na providencia de Jesu-Christo,
vou-me ao meu gyro diario, para ver se obte-
nho da caridade dos devotos a pitança usual
com que possa matar a fome de vinte e quatro
horas, pela qual dou louvores ao justo juiz,
que reina eternamente nos altos céus.»

O beguino revirou beatificamente os olhos
e fez uma visagem entre afflicta e resignada,
levando ao mesmo tempo a mão ao joelho,
como se alli sentisse dor agudissima.

«Veneravel Frei Roy! — atalhou o donzel,
com as lagrymas nos olhos — se tivesseis pro-
curado o aposento dos donzeis, nós vos daría-
mos, ao menos, um almadrague para repousar

e repartiríamos comvosco da nossa ceia. Mas o mal está feito, e o peor é que para hoje não vos posso offerecer abrigo. Vós credes, sancto homem, que a revolta é finda, e nunca ella esteve mais accessa. Sua senhoria vai partir já da cidade...»

«Sancta Maria val! Sancto nome de Jesus! Accorrei-nos, Virgem bemdicta! — interrompeu Frei Roy. — Pois os populares teimam em sua assuada, e elrei deixa-nos aos coitados de nós, humildes religiosos e cidadãos pacificos, entregues ao furor dos peões?»

«E que remedio, bom Frei Roy?! — replicou tristemente o donzel. — Sem cavalleiros, escudeiros e bésteiros não se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada disto tem elrei. Agora vou eu ao rocío de S. Domingos avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que lá estão, que sigam caminho de Santarem, sob pena de incorrerem em caso de traição, se ficarem em Lisboa: por signal que elrei me recommendou procurasse avisar primeiro que ninguem sua mercê o infante D. Dinis.»

«No rocío de S. Domingos, dizeis vós? — tornou o beguino, arregalando os olhos. — Confesso que vos não entendo.»

Durante este dialogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paço, cavalgado na

mula que trazia de redea e saído ao terreiro seguido de Frei Roy, que coxeava, estorcia-se e suspirava dolorosamente de quando em quando. Passo a passo e soffrendo a mula, caminho da sé, o pagem narrou ao beguino todas as particularidades succedidas aquella manhan, as quaes Frei Roy sabía melhor do que elle. Chegados defronte dos paços do concelho, o pagem tomou pelo sopé da alcaçova e Frei Roy pela Porta-do-ferro, não sem terem primeiro saído da bolça do donzel para a manga do beguino alguns pilartes ¹, e da boca deste para os ouvidos daquelle alguns latinorios pios devidamente escorchados.

Apenas passara o largo da sé e transposera a velha e soturna Porta-do-ferro, Frei Roy tinha-se achado perfeitamente são do seu violento rheumatismo. Ligeiro como galgo, desceu por entre as antigas terecenas reaes, e em menos de tres credos estava nò pelourinho ². Ahi viu coisa que o fez parar.

¹ Moeda de prata de cinco soldos.

² As terecenas ou *taracenas* reaes, isto é, o deposito dos aprestos das galés de guerra, eram juncto ao sitio em que hoje vemos a egreja da Magdalena: Pelourinho velho ou *Açougues* era um terreiro que ficava pouco mais ou menos no fim da rua da Prata.

Um homem vestido de valencina, e cuberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troço de bésteiros e peões armados de lanças ou ascumas, de almárcovas ou cutellos: tinha nas mãos um desconforme montante e na cincta uma espada curta. A turba ora o escutava attentamente, ora prorompia em gritos confusos e estrondosos. Frei Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bartholomeu Chambão, que, enthiasmado, proseguia o seu vehemente discurso, sem reparar no beguino:

«Já vo-lo disse: d'aqui ninguem bóle pé antes d'elrei nosso senhor saír para S. Domingos. Nada de bulha fóra de sação, que lá estão os esculcas. Daremos mostra ao paço quando ahi for só a adultera. Se, como hontem, nos fecharem as portas, isso é outro caso. É preciso que isto se desfaça. A cobra peçonhenta deve saír da tóca. Não digo qué então não seja possivel esmagar-se-lhe a cabeça... Num brandir de ascuma... Mas cautela, não haja sangue!... Pelo menos de innocentes... Leaes e esforçados cidadãos desta mui leal cidá... Sáfa, bruto!»

Esta peroração inesperada com que mestre Bartholomeu interrompera o seu discurso, que se ía elevar ao ápice da eloquencia, procedera

de lhe ter descido a grossa e espaçosa mão do ichacorvos sobre o hombro, que lhe vergara, como se houvessem descarregado em cima delle uma aduêla de cuba. A Frei Roy occorrera uma idéa abençoada, a de communicar a mestre Bartholomeu a nova que D. Leonor lhe recommendara espalhasse entre os amotinados; a nova da sua partida de Lisboa com elrei. O mendicante sabía que o tanoeiro era de bofes lavados, e que, dentro de meia hora, a noticia teria corrido toda a cidade. Assim se esquivava, não só a ser visto no rocío pelo donzel, de quem naquelle instante se apartara, mas tambem a achar-se envolvido em qualquer desordem que semelhante noticia podesse produzir, attenta a irritação dos animos. Além disso, a lembrança do arripio dorsal que as ultimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado fazia-lhe quasi desejar que o tanoeiro, encarregado (segundo percebera do fim da sua arenga) da commissão que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbira a Fernão Vasques, podesse ainda desempenhá-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas considerações, que lhe haviam passado rapidamente pelo espirito, e o ver que mestre Bartholomeu não levava geito de concluir moveram-no a falar ao tanoeiro, que só o sentira quando elle lhe descar-

regara sobre o hombro a ponderosa, mas amigavel, palmada.

«Com mil e quinhentos satanáses! — exclamou mestre Bartholomeu, voltando-se e vendo ao pé de si o beguino. — Sabía que a mão da sancta madre egreja era pesada; mas não pensava que o fosse tanto! Que me quereis, Frei Roy?»

«Dizer-vos que podeis mandar saír vossos esculcas de sua atalaia; porque poderiam chegar a curtir o inverno ahi, antes de verem elrei chegar e passar para S. Domingos.»

«Frei Roy — replicou o tanoeiro, fazendo-se vermelho de colera — para interromper-me com uma de vossas bufonarias, não valia a pena de me aleijardes este hombro!»

«Tomae como quizerdes as minhas palavras; chamae-me o que vos aprouver, bufão ou mentiroso, mas a verdade é que não será hoje que os populares falarão com elrei.»

«Pois quê, morreu dos feitiços da adultera ou tornou-o invisivel algum encantador seu amigo?!»

«Nem uma cousa, nem outra: mas, com estes olhos de grande peccador (aqui o ichacovos fez o gesto habitual de cruzar as mãos sobre o peito) eu o vi saír para a banda da Porta-da-cruz. . . .»

«Frei Roy, olhae que estes honrados cidadãos vos escutam, e que o auto é mui grave para gastar truanices.»

«Já disse, mestre Bartholomeu, que falo verdade. Pelo bento cercilho do sancto-padre vos juro que, hoje, elrei não dormirá em Lisboa, segundo o geito que lhe vejo. Elle cavalgava uma possante mula de camipho; noutra ia uma dona cuberta com um longo véu: seguiam-no donzeis, falcoeiros e moços de monte. Ao passar, ainda lhe ouvi estas palavras: — «Olhae aquelles villãos traidores como se junctavam: certamente prender-me quizeram, se lá fora! ¹» — Não pude perceber mais nada. Que mais, porém, é preciso? Deixastes fugir a preia: agora catae-lhe o rasto.»

«Traidor é elle, que nos ha mentido, como um pagão! — bradou o tanoeiro, sopesando o montante. — Mas que se guarde de outra vez trazer a Lisboa a adultera! Rainha ou barregan, arrancar-lhe-hemos os olhos. A arrayamiuda foi escarnida; mas não o será em vão. Que dizeis vós outros, honrados burgueses?»

¹ Non quis alla hir e partiose da cidade com D. Leonor, ho mais escusamente que pode, e hia dizendo pelo caminho: «Oolhae, &c.» — Fernão Lopes, *Chr. de D. Fernando*, c. 61.

«Escarnidos, escarnidos! — respondeu com grande grita o tropel. — Mas, á fé, que nunca a adúltera será rainha de Portugal. Morra a comborça!»

E no meio da alarida, as pontas das lanças e os largos ferros das almárcovas agitadas nos ares scintillavam aos raios do sol oriental, como vasto brazido.

«A S. Domingos! — gritou mestre Bartholomeu. — Vamos, rapazes: já que não fazemos aqui nada, ao menos que o povo não seja por mais tempo burlado!»

E, pondo o montante ás costas, mestre Bartholomeu tomou por uma das ruas que davam para a banda de Valverde, seguido da turbamulta e sem fazer caso de Frei Roy, que procurava retê-lo, ponderando que ainda poderia alcançar elrei e fazê-lo retroceder. O tanoeiro, porém, não tinha valor para affrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu não ouvir o beguino, que dentro de alguns minutos se achou só no meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto, juncto a S. Domingos, se bem que a rixa começada entre os nobres partidarios de D. Leonor e Fernão Vasques se houvesse desvanecido, a agitação dos populares, cujo numero crescia continuamente, não tinha

diminuido. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate ora lançava os olhos de revés para os senhores da corte e conselho, que, esperando por elrei, passeavam de um para outro lado, ora os espraivava por aquelle mar de vultos humanos, que elle sabia poder agitar ou tornar immoveis com uma palavra ou com um simples aceno. Semelhante á hora que precede a procella, em que apenas se vêem correr na atmospherá abafada os castellos encontrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovões roufenhos e prolongados, aquella hora que então passava era espantosa e ameaçadora de estragos, sobretudo quando, após um rugido terrível do tigre popular, se fazia na praça, apinhada de gente, um silencio ainda mais temeroso e tetrico.

Foi numa destas interrupções do motim que um pagem, saíndo ao galope do lado da Corredoura, veio apear-se juncto do alpendre e, tirando da cincta um pergaminho aberto, o entregou ao infante D. Dinis.

Este fitou os olhos na escriptura, descórrou subitamente e passou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

«Estamos perdidos!»

Diogo Lopes leu o conteúdo daquelle es-

cripto fatal e, no mesmo tom, respondeu ao infante:

«O caminho de salvação que nos resta é o de Santarem. Obediencia e circumspecção!»

O pergaminho passou rapidamente de mão em mão: os fidalgos, letrados e cavalleiros fizeram um circulo no meio do alpendre: e, depois de o haverem lido, fitaram uns nos outros olhos desassocegados. Todos receavam falar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitação dos outros fidalgos e conselheiros.

«Vistes a ordem d'elrei. Como um dos mais velhos entre vós, direi meu parecer. Embora o risco seja grande, achando-nos cercados de povo armado e furioso, o nosso dever é pôr a vida por obedecer a nosso senhor elrei.»

«Mas — atalhou o doutor Gil d'Ocem, que, por mui letrado e prudente, era ouvido como oraculo pelos cortesãos — o caso é grave: o povo, se nos vir retirar, enviar-se-ha a nós: se lhe dizemos o motivo da nossa partida, é capaz de desconcertos maiores que os já commettidos. Sua senhoria não devera ter-nos emprazado para este auto, se a sua intenção era não dar resposta aos populares.»

Visivelmente, o doutor *em leis e degredos* estava tomado de medo, no que não levava

vantagem á maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcellos guardava silencio. Não podia conceber como D. Leonor o não avisara a tempo, e por isso preocupava-o a indignação, ignorando que a resolução da fuga fora tomada mui tarde. Na vespera elle aconselhara a elrei que cedesse a tudo quanto o povo quizesse; porque, dissolvido o tumulto, facil era chamar á corte os senhores e cavalleiros de mais confiança, acompanhados de gente de guerra, com que sería sopitado qualquer motim, se os populares ousassem oppôr-se de novo á vontade de seu rei e senhor. D. Fernando acceitara o conselho, que, se não era o mais leal, era, ao menos, o mais seguro; mas as revelações do ichacorvos, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situação do negocio.

A reflexão de Gil d'Ocem estava em todas as cabeças, e por isso os cortesãos ficaram outra vez em silencio, como buscando um expediente para saír daquelle difficultoso passo. A incerteza, o despeito, o receio pintavam-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano que ameaçava tragá-los encapellavam-se aos pés delles: o povo, vendo os fidalgos erguidos, calados e em cir-

culo, apinhava-se, cada vez mais basto, ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbara demais os animos para não poderem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

«De um lado a colera do povo: do outro os mandados d'elrei — disse, apertando com a mão a frente, o velho conselheiro de Afonso IV. — Resta-nos só um arbitrio.»

«Dizei, dizei!» — clamaram a um tempo todos, á excepção do conde de Barcellos, que fitou nelle os olhos desconfiados.

«É necessario que annunciemos a nova da partida d'elrei e que sejamos os primeiros a affear este procedimento: é necessario que vamos adiante da indignação dos peões. Depois, dir-lhes-hemos que, burlados como elles, nada fazemos aqui. Então apartar-nos-hemos sem custo e sairemos da cidade como podérmos, na certeza de que não serei eu o ultimo, apesar de velho, que cruze as portas da alcaçova de Santarem.»

«Mas quem ha-de falar em nosso nome?» — perguntou Gil d'Ocem.

«No vosso, mestre Gil das Leis! — interrompeu o conde Barcellos. — Nem o receio das affrontas de alguns milhares de sandeus,

nem o da propria morte me obrigariam a cuspir maldicções sobre o nome daquelle a quem uma vez jurei preito e leal menagem.»

«*Vitam inpendere vero nemo tenetur* — replicou Gil d'Ocem — ou, como quem o dissesse por linguagem, ninguem é obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou de seu preito. Vós fazei o que vos aprouver.»

Á auctoridade de um texto latino, trazido assim a ponto por tão insigne doutor, não havia resistir. Os fidalgos e conselheiros approvaram, quasi unanimemente, o alvitre de Diogo Lopes.

«Mas quem ha-de falar ao povo?» — insistiu o mestre em leis, que não parecia excessivamente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

«Eu, se assim o quizerdes» — replicou immediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortesão vira claramente que a partida d'elrei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculara num momento como, sem suscitar a indignação de Fernão Vasques, e por consequencia alguma revelação perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que elrei se esquivara á influencia do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitavel, e,

ainda suppondo, o que não era de esperar, que o tumulto fosse ávante, e que Lisboa se rebellasse claramente contra D. Fernando, o resultado da guerra civil tinha muito maior probabilidade de ser favoravel a elrei, senhor do resto de Portugal, que ao povo, desprovido naquella conjunctura dos principaes meios com que poderia sustentar uma lucta intestina. Assim, o alvitre que offerecera para a salvação dos cortesãos era só para se haver de salvar a si, conservando ao mesmo tempo a affeição dos cabeças da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse decaír da graça de D. Fernando.

Para os calculos de Diogo Lopes faltara, porém, um elemento: era a delação do beguino; e era justamente esta falta que os destruiu todos. Assim é a politica.

O *sacrifício* de Diogo Lopes foi geralmente recebido com approvação e agradecimento. Então elle, saído do circulo, aproximou-se de Fernão Vasques, que, de quando em quando, volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavalleiros.

«Falhou a traça — disse o velho cortesão em voz sumida ao alfaiate. — Elrei acaba de saír da cidade.»

Fernão Vasques recuou, e pôs-se a olhar

espantado para Diogo Lopes, como quem não acreditava o que ouvia.

«O que vos digo é a verdade — continuou Pacheco. — Mas não affrouxar! Elrei de Castella é por nós, e bom numero de fidalgos portuguezes o são tambem. Mais: são por nós a maior parte dos que ora aqui vedes presentes. Conservae o bom animo do povo, fiae o resto de mim e... de quem vós sabeis.»

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lançou de relance os olhos para D. Dinis.

«Mas elrei tomará por mulher D. Leonor — acudiu o alfaiate aterrado — voltará a Lisboa com seus cavalleiros e homens d'armas, e então, coitados de nós!»

«Não temaes: o matrimonio adultero será condemnado pelo papa. Vós já tereis ouvido contar o que succedeu a elrei D. Sancho: a D. Fernando póde succeder o mesmo. Tambem os fidalgos de Portugal têm homens d'armas. Podeis estar certo de que não vos abandonaremos. Agora resta uma cousa. Coube-me a mim dar esta triste nova aos bons e leaes burguezes, que tão ousadamente se oppozeram á deshonra da sua terra e de seu rei, e eu devo ser ouvido por elles. Mandae-lhes que façam silencio.»

Fernão Vasques obedeceu: o ruído dos po-

pulares, que não descontinuara durante esta scena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez então um largo discurso, com o qual não cansaremos os leitores, e cujo assumpto facil é de adivinhar. Misturando amargas reprehensões contra D. Fernando com lisonjas aos populares, procurou persuadi-los, postoque indirectamente, de que toda a fidalguia estava cheia de indignação. Alludiu á resistencia por armas que elrei podia encontrar entre os ricos homens de Portugal contra o seu casamento, e, no caso de vir este a cabo, a probabilidade de ser annullado pelas censuras da egreja. Emfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta e tractassem, se fosse preciso, de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as idéas que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto difficultoso; o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperança aos peões de que se encaminhavam para as suas alcaidarias e honras, com o louvavel intento de se aperceberem em soccorro dos burgueses de Lisboa, e com tal arte o fez, que os senhores e cavalleiros que se achavam em S. Domingos, sem exceptuar o proprio conde de Barcellos, não viram nas suas palavras senão uma feliz

inspiração para os salvar da colera da arrayamiuda.

Durante aquella larga arenga, esta guardara silencio, interrompido a espaços por um desses borborinhos que são como os annuncios das erupções do vulcão popular. Pacheco, emfim, concluiu: mas o espectáculo que tinha diante de si fê-lo ficar immovel por alguns momentos; e estes foram terriveis. Aquelles centenaes de olhos avermelhados, scintillantes de furor, cravados nelle e nos outros fidalgos; aquellas bocas semi-abertas, prestes a proromper em brados de morte, eram como um pesadelo diabolico, como uma vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escutá-lo, e não poderem acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram esse instante de torpor moral que precedia a procella. Desceram da alpendrada e, montando nas suas possantes mullas, encaminharam-se vagarosamente para a banda da Corredoura. No meio da cavalgada, e rodeado dos cavalleiros mais bemquistos do povo, ía o conde de Barcellos, e Diogo Lopes com os seus pagens fechava o sequito. Se houvessem atravessado a praça, o conde teria corrido grande risco; porque, ao dobrar o angulo do mosteiro, já os doestos

grosseiros e violentos voavam contra elle do meio do povo apinhado, e, até, dous virotes de bêsta pareceu sibillarem por cima da sua cabeça. Mas, apertando os acicates, os cavalleiros seguiram ao longo da Corredoura, emquanto Diogo Lopes, victoriado pelas turbas, a quem com sorrisos retribuia aquellas mostras de affecto, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto numero de cortesãos, alguns dos quaes tinham fundados motivos para reccar a irritação desses animaes ferozes, exaltados pela fuga d'elrei.

A cavalgada havia desapparecido, quando um troço de bêsteiros e peões desembocou do lado da rua-nova. Eram mestre Bartholomeu e a sua gente, que vinham confirmar a nova dada por Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Frei Roy dissera ter ouvido proferir a elrei, lançadas entre os amotinados como um facho sobre montão de lenha por onde lavra ha muito fogo occulto, levaram o tumulto a ponto medonho. As affrontas, que até ahi quasi só se encaminhavam contra Leonor Telles e seus parentes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldicções, as pragas, os nomes de traidor e covarde ajunctavam-se ás mais violentas ameaças. Uns juravam que nunca mais elle entraria

em Lisboa; outros propunham que se lançasse fogo aos paços reaes. Debalde Fernão Vasques trabalhava por aquietá-los; nem já escutavam o seu idolo. Furiosos, espalhavam-se pelas ruas, que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que, se neste momento D. Fernando lhes tivesse apparecido, não teriam, talvez, respeitado a vida do filho do seu tão querido D. Pedro I, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira dynastia.

Este motim sem objecto, sem resistencia, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer, a cidade tinha caído no seu habitual silencio, e, pouco a pouco, os fidalgos e cavalleiros, atravessando as Portas-da-cruz, seguiam caminho de Santarem. O systema militar dos antigos parthos dera a victoria a elrei: elle vencera fugindo!

O povo adormeceu: os cabeças da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

VI

Uma barregan rainha

O Douro é bem carregado e triste ! A sua corrente rapida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve aguas turvas e mal assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de nevoas, e, através desse manto, a atmospherá embaciada faz cair sobre a vossa cabeça os raios do sol semi-mortos, quasi como um frio reflexo de lua ou como a luz sem calor de tocha distante. É depois de alto dia, que esse ambiente, semelhante ao que rodeava os guerreiros de Ossian, vos desopprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germens da morte. Então, se, trepando a um pinaculo das ribas, espraiaes os olhos para a banda do sertão, lá vedes uma como serpente immensa e alvacenta, que se

enrosca por entre as montanhas, e cujo collo está por baixo de vossos pés. É o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as aguas que o geraram. O horisonte, até ahi turvo, limitado, indistincto, expande-se ao longe: recortam-no os cimos franjados das montanhas, que parecem engastadas na cortina azul do céu, e a terra, a perder de vista, affigura-se-nos como um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paisagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Angelo: foi robusta, solemne e profunda.

Como sobre um circo convertido em nau-machia, o Porto ergue-se em amphitheatro sobre o esteiro do Douro e reclinase no seu leito de granito. Guardador de tres provincias e tendo nas mãos as chaves dos haveres dellas, o seu aspecto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tractar familiarmente. Não faças cabedal de certo modo aspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o á prova, e achar-lhe-heis um coração bom, generoso e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras; e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja elle quem guarda ainda maior porção da desbaratada herança

do antigo character portuguez no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que não passava de algumas demasias de orgulho.

Nos fins do seculo decimo-quarto, o Porto ia ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no character dos seus filhos, na sua situação e nas mudanças politicas e industriaes que depois sobrevieram em Portugal. Postoque nobre e lembrado como origem do nome desta linhagem portuguesa, os seus destinos eram humildes, comparados com os da theocratica Braga, com os da cavalleirosa Coimbra, com os de Santarem, a cortesan, com os de Evora, a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira e turbulenta. Quem o visse, coroado da sua cathedral, semi-arabe, semi-gothica, em vez de alcacer ameiado; sot-toposto, em vez de o ser a uma torre de menagem, aos dous campanarios lisos, quadrangulares e macissos, tão differentes dos campanarios dos outros povos christãos, talvez porque entre nós os architectos arabes quizeram deixar as almadenas das mesquitas estampadas, como ferrete da antiga servidão, na face do templo dos nazarenos; quem assim visse o *burgo* episcopal do Porto, pendurado á roda da igreja e defendido, antes por anathemas

sacerdotaes que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um emporio de commercio, onde, dentro de cinco seculos, mais que em nenhuma outra povoação do reino, a classe, então fraca e não definida, a que chamavam burgueses, teria a consciencia da sua força e dos seus direitos e daria a Portugal exemplos singulares de amor tenaz d'independencia e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma legua, desde o Seminario até além de Miragaia ou, antes, até a Foz, pela margem direita do rio, entrando-se amplamente para o sertão, mostrava ainda nos fins do seculo decimo-quarto os elementos distinctos de que se compôs. Ao oriente, o *burgo do bispo*, edificado pelo pendor do monte da sé, vinha morrer nas hortas que cubriam todo o valle onde hoje estão lançadas a praça de D. Pedro e as ruas das Flores e de S. João e que o separavam dos mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente, a povoação de Miragaia, assentada ao redor da ermida de S. Pedro, trepava já para o lado do Olival e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita e pelo oriente com a villa ou burgo episcopal. A igreja, o municipio e a monarchia entre

esses limites pelejaram por seculos as suas batalhas de dominio, até que triumphou a coroa. Então a linha que dividia as tres povoações desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palacios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monarchica.

Era neste burgo ecclesiastico, nesta cidade nascente, que por formoso dia de janeiro da era de Cesar de 1410 (1372) se viam varridas e cubertas de espadanas e flores as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos gascões, se não mentem memorias remotas ¹. Na rua do *Souto*, já assim chamada, talvez pela vizinhança de algum bosque de castanheiros ², como principal entrada da povoação, andavam as danças judengas e folias mouriscas com musicas e trebelhos ou jogos, por entre o povo vestido de festa, o que

¹ Conde D. Pedro, tit. dos Viegas. — Cunha, Catal. dos Bispos do Porto, parte 1.^a, pag. 15.

² «E fezerom mui ápressa hua grande praça ante S. Domingos e a rua do *Souto* que era entom todo ortas.» F. Lopes, Chr. de D. João I. P. 2, c. 96. — Isto era poucos annos depois da epocha de que vamos falando.

era indício evidente de que se esperava elrei, cuja vinda a qualquer povoação era o unico motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que, de certo, não folgavam nada com estes forçados e dispendiosos signaes de contentamento publico.

Com effeito, uma numerosa e esplendida cavalgada vinha da banda do bailiado de Leça. Elrei D. Fernando ajunctara em Santarem os seus ricos-homens e conselheiros e, amestrado por Leonor Telles na arte de dissimular, recebera com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Dinis e Diogo Lopes Pacheco, ao qual, para maior disfarce, não escaceara mercês¹. Depois, em folgares e caçadas vagueara pelo reino com D. Leonor, até que em Eixo fizera um como manifesto da resolução que tomara de a receber por mulher, o que neste dia cumprira na antiga egreja daquella celebre commenda dos Hospitalarios. Era, pois, para celebrar esse matrimonio adultero, agou-rado pelas maldicções populares, que o bispo D. Affonso, menos escrupuloso que o povo de

¹ A 15 de Setembro de 1371, em Santarem, fez elrei mercê a Diogo Lopes Pacheco da terra de Trancoso para que a haja e tenha em pagamento da sua quantia. Chancel. d'elrei D. Fernando, L. I, f. 84.

Lisboa ácerca de adulterios, vestía de festa o seu mui canonico burgo ¹.

A cavalgada que se vira descer ao longo do valle já atravessava o rio da villa pela ponte do Souto ² e encaminhava-se para uma antiga

¹ Este bispo D. Affonso era ainda o mesmo a quem elrei D. Pedro, dizem, quizera açoutar por sua propria mão, em consequencia de elle haver commettido adulterio com a mulher de um honrado cidadão, historia miudamente narrada por Fernão Lopes na chronica daquelle rei, e que nós não sabemos dizer até que ponto seja verdadeira. D. Rodrigo da Cunha suppõe que o bispo, corrido desta aventura, escandalosa, não pelo delicto, trivialissimo no clero daquelle tempo, mas pelo aneaçado castigo, cousa inaudita antes e depois de D. Pedro I, saíra do bispado e nunca mais voltara ao Porto, postoque ainda vivesse, pelos menos, até maio de 1372, como se vê do catalogo chronologico dos bispos portuguezes por J. P. Ribeiro. Esta opinião, que assenta num argumento negativo—a falta de noticias desse prelado nos documentos consultados por D. Rodrigo da Cunha, posteriores aos *eminentes açoutes*—é desmentida pelo testemunho de Fernão Lopes, no cap. 49 da chronica de D. Fernando, que faz presente D. Affonso á renovação das pazes d'Alcoutim, juradas no Porto em 1371. É por isto que, apesar de Cunha, nos pareceu natural fazer abençoar por um bispo que se pinta como manchado de adulterio um casamento adultero.

² Sobre esta antiga topographia vejam-se as In-

porta da povoação primitiva, porta conhecida ainda hoje, como então, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito d'elrei ía D. Leonor, a rainha de Portugal: elle montando em um cavallo de guerra; ella em um palafrem branco, levado de redea desde a entrada da ponte pelo infante D. João, que familiarmente falava e ria com a formosa cavalleira. Da banda esquerda, o bispo D. Affonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscillava e fazia cortesias involuntarias a cada passada da mansissima e veneranda mula episcopal. Juncto ao velho prelado, o infante D. Dinis caminhava em silencio, e no aspecto melancholico do mancebo divisava-se quão profunda tristeza lhe consumia o coração, vendo-se como atado ao carro triumphal da mulher que pouco a pouco se convertera em sua irreconciliavel inimiga. Após estas principaes personagens, via-se uma grande multidão de cavalleiros, clérigos, cortesãos, conselheiros, juizes da corte; companhia esplendida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata e as variadas cores dos trajos de festa, que sobresaíam no chão negro das vesti-

quiriões dos annos de 1258 e 1348 nas Memorias das Inquisições, pag. 45, nota 2, e em Ribeiro, Dissert. Chr. e Crit., tom. 5.º, pag. 292 e seg.

duras roçagantes dos magistrados e clérigos. Adiante d'elrei, as danças dos mouros e judeus volteavam rapidas, ao som da viola ou alaúde arabe, das trombetas e das soalhas. Segundo o antigo uso, seguiam-se ás danças córos de donzellas burguesas, que celebravam com seus cantos o amor e ventura dos noivos ¹.

Mas esse canto tinha o quer que era triste na toada. Triste era, tambem, o aspecto dos populares, que, sem um só grito de regosijo, se apinhavam para ver passar aquelle prestito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Dinis, cujo rosto melancolico revelava que os seus pensamentos eram accordes com os do povo, que por toda a parte não via neste consorcio senão um crime e uma fonte de desventurás. Os cortesãos, porém, fingiam não perceber o que passava á roda delles e pareciam trasbordar de alegria. Muitos eram daquelles que mais contrarios haviam sido aos amores d'elrei, mas, que, vendo, emfim, D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia e calculavam já quantas terras e que somma de direitos reaes lhes poderia render da parte de um rei prodigo a sua mudança de opinião.

¹ Acerca de semelhante usança veja-se F. Lopes, Chr. de D. João I, P. 2.^a, c. 96.

Entre estes não se via o tenaz e astuto Pacheco. Habitado ao tracto da corte por largos annos, experimentado em todos os enredos dos paços, habil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, não tardara em perceber que as mercês e agrados d'elrei e de D. Leonor encubriam intentos de irrevogavel vingança. Conhecendo que a sedição popular fora inutil e que, ainda renovada com mais furia, não poderia resistir ás armas de D. Fernando, havia-se affastado da corte e, postoque só nos fins desse anno elle passasse a servir o seu antigo protector e amigo, D. Henrique de Castella, buscara entretanto esquivar-se ao odio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opinião entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Dinis soffrera resignado um successo que não podia embargar; mas, digno filho de D. Pedro, conservara intacta a sua má vontade a D. Leonor. Desamparado dos seus parciaes, vendo, se não trahida, ao menos quasi morta e inactiva a alliança de Pacheco, e, para maior desalento, seu irmão mais velho, o infante D. João, ligado com essa mulher, da qual este principe mal pensava então lhe viria a ultima ruina; no meio de tantos desenganos,

o infante, a principio timido e irresoluto, sentira crescer a ousadia com os perigos; sentira girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a corte, nunca D. Leonor achara um sorriso nos seus labios; nunca o vira conter diante della um só signal de desprezo. Assim, a colera d'elrei contra seu irmão havia chegado ao maior auge, e os calculos de fria e paciente vingança estavam resolvidos no animo de Leonor Telles.

A cavalgada tinha subido a encosta, atravessado a porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da sé, juncto da qual se dilatavam os paços episcopaes. Ahi as danças e folias pararam e fizeram por um momento silencio. Então o infante D. João, tomando nos braços a formosa rainha, apeou-a do palafrem, e após ella, elrei saltou ligeiro do seu feroso e agigantado ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha desaparecido no profundo portal dos paços, e os donzeis conduziam os elegantes cavallos, as mulas inquietas e os mansos palafrens para as vastas e bem providas cavallariças do mui devoto e poderoso prelado da antiga Festabole ¹.

¹ Na supposta divisão dos bispados attribuida ao rei godo Wamba dá-se ao Porto o nome de Festabole.

O aposento principal dos paços, quadra vasta e grandiosa, estava de antemão ornado para receber os hospedes reaes do velho bispo D. Affonso. Um throno com dous assentos de espaldas indicava que a elle ía subir, tambem, uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzellas da sua camara ; elrei de todos os principaes cavalleiros. Viam-se entre estes o alferes-mór Ayras Gomes da Silva, ancião veneravel, que fora aio do rei, quando infante, o orgulhoso mordomo-mór D. João Affonso Tello, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Dinis, o prior da Ordem do Hospital, Alvaro Gonçalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a corte ou tinham vindo assistir ás bodas reaes.

Guiada por D. Fernando, Leonor Telles subiu com passo firme os degraus do throno. Como o navegante, que, affrontando temporaes desfeitos por mares incognitos e aprocclados e chegando ao porto longinquo, quasi que não crê pisar a terra de seus desejos, assim esta mulher ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevação. A alma sorria-lhe a mil esperanças ; a vida trasbordava nella. A seu lado um rei, a seus pés um reino ! Era mais que embriaguez ; era delirio. Ella sentia um novo affecto, um como desejo

de perdão aos seus inimigos ! Tremeu de si mesma e, convocando todas as forças do coração, salvou a sua ferocidade hypocrita, que parecia querer abandoná-la. Era severo o seu aspecto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espirito ; mas o sorriso tornou a espriar-se-lhe no rosto quando o instincto de tigre pôde fazê-la triumphar desse momento em que a generosidade costuma accommetter com violencia as almas vingativas e ferozes, o momento em que se realisa a summa ventura por largo tempo sonhada.

Do alto do throno e em pé, D. Fernando estendeu a mão : o tropel de cortesãos e cavalleiros, de donas e donzellas formaram aos lados da espaçosa sala fileiras esplendidas, immoveis e silenciosas : elrei volveu olhos lentos para um e outro lado e disse :

«Ricos-homens, infanções e cavalleiros de Portugal, um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou foi o matrimonio : como para os outros homens, para os reis se instituiu elle ; porque por elle as coroas se perpetuam na linhagem real. É por isso que eu desposei hoje a mui illustre D. Leonor, filha de D. Affonso Tello, descendente dos antigos reis e ligada com os mais nobres d'entre vós pelo divido do sangue. Assim, a rainha de

Portugal será mais um laço que vos una a mim como parentes, que de hoje ávante sois meus. Leaes, como tendes sido a vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o se-reis por este novo titulo. Em que pez a trai-dores, D. Leonor Telles é minha mulher! Fidal-gos portugueses, beijae a mão á vossa rainha ¹.»

O velho alferes-mór, Ayras Gomes, aproxi-mou-se então do throno, á voz do seu moço pupilo; ajoelhou e beijou a mão a D. Leonor; mas o olhar que lançou para elrei era como o de pedagogo que de mau humor se accomoda ao capricho infantil de um principe. Ao volver d'olhos do ancião, D. Fernando córou e voltou o rosto.

O infante D. João, porém, dobrando o joe-lho aos pés da formosa rainha, parecia tras-bordar de alegria. Contemplando-o, Leonor Telles deixou assomar aos labios um daquelles ambiguos e quasi imperceptiveis sorrisos que, vindos della, sempre tinham uma significação profunda. Porventura que no infante D. João ella já não via mais que o precursor da humilhação de D. Dinis, do seu capital inimigo.

¹ Em grande parte extrahido quasi textualmente da Carta d'Arrhas de Leonor Telles, datada de Eixo aos 5 de Janeiro da era de 1410 (1372).

Após o infante, os fidalgos vieram successivamente curvar-se ante D. Leonor. Boa parte delles eram como capitães vencidos seguindo ao capitolio um triumphador romano. Podia com effeito dizer-se que, mau-grado desses que se rojavam a seus pés, ella conquistara o throno.

Toda a comprida fileira de nobres officiaes da coroa tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um; e era este, que, menosprezando tantas fronte illustres por valor ou sciencia, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ella, a mulher orgulhosa e implacavel esperava cogitando no momento em que o mancebo ainda impubere, sem renome, sem poderio, celebre só por seu berço e pelo desgraçado drama da morte de D. Ignez, viesse tributar homenagem á que representava um papel analogo ao daquella desventurada, salvo na sinceridade do amor e na innocencia da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez vovera rapidamente os olhos considerava com os braços cruzados aquelle espectáculo em perfeita immobildade, de que unicamente saíra quando Gil Vasques de Resende, que estava a seu lado, se affastara, caminhando para os degraus do estrado. O mancebo aper-

tara a mão do idoso aio, trémula da idade, com a mão ainda mais trémula de colera. Na conta de pae o tinha; venerava-o como filho, e a idéa de o ver prostituir os seus cabellos brancos aos pés de uma adúltera o levava a esse movimento involuntario; involuntario, porque elle naquella postura e naquella hora, não fazia senão colligir todas as forças da alma para salvar a honra do nome de seus avós, do nome dos reis portuguezes, esquecida por um de seus irmãos e, talvez, mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mão: duas lagrymas lhe caíram pelas faces; mas obedeceu a elrei.

Só faltava D. Dinis, que continuara a ficar immovel. Houve um momento de silencio sepulchral na vasta sala, e este silencio era para todos indefinido, mas terrivel.

D. Fernando pôs-se a olhar fito para seu irmão, enleiado, ao que parecia, em scismar profundo.

Dentro de pouco, poder-se-hia crer que todos os fidalgos que povoavam aquella vasta quadra estavam convertidos em pedra semelhante á das columnas gothicas que sustinham as voltas ponteagudas do tecto, se não fosse o respirar anciado e rapido que lhes fazia ran-

ger sobre os peitos e hombros os seus ricos briaes ¹.

¹ O brial era uma especie de camisola que os cavalleiros vestíam sobre as armas, e por cima da qual apertavam o cincto da espada. Tambem o vestíam sobre os pannos interiores quando andavam desarmados. O seu uso durou por toda a idade média, e era ainda lembrado nos fins do seculo decimo-sexto, em que o auctor ou traductor do *Palmeirim d'Inglaterra* tantas vezes o menciona. Nas leis sumptuarias de Affonso IV não se tracta, é verdade, de tal vestido; mas a razão disso é obvia: o brial era trajo militar, e aquellas leis versam sobre o vestuario civil. Na ordenação affonsina L.º 1.º, tit. 63, § 21, se manda cingir a espada ao novél *sobre o brial*. O dictionario de Moraes affirma que o brial era o *manto* dos cavalleiros: é um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portuguesa. Eis o que diz o auctor do poema do *Cid*, escripto no meado do seculo decimo-segundo, falando no brial. (Sanches, Poes. Cast. ant. al siglo 15.º, t. 1.º, pag. 347).

Vestiò camisa de ranzal tan blanca como el sol

.....

Sobre ella un *brial* primo de ciclaton

.....

Sobre esto una piel bermeia

.....

.....

De suso cobrio un *manto*, que es de grant valor.

Os labios d'elrei tremeram, como a superficie do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede immediatamente o tufão. Depois, entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

«Infante D. Dinis, beijae a mão á vossa rainha.»

Foi um só o volver de todos os olhos para o moço infante: o sussurro das respirações cessara.

D. Dinis não respondeu; encaminhou-se para o meio do aposento: parou defronte do throno e, olhando em redor de si, perguntou com sorriso de amargo escarneo:

«Onde está aqui a rainha de Portugal?»

«Infante D. Dinis! — disse elrei, cujo rosto o furor mal reprimido demudara. — Soffredor e bom irmão tenho sido por largo tempo: não queiraes que seja hoje só juiz inflexivel do filho querido daquelle que tambem me gerou! Infante D. Dinis! beijae a mão da mui nobre e virtuosa D. Leonor Telles, como fez vosso irmão mais velho, de quem deverieis haver vergonha ¹.»

¹ «Dizendo elrei sanhudamente contra elle: «Que non avia vergonça nenhuma, beijarem a mão aa Rainha sua mulher o Ifiante Dom Joham, que era

«Nunca um neto de D. Affonso do Salado — replicou o infante, com apparente tranquillidade — beijará a mão da que elrei seu irmão e senhor quer chamar rainha. Nunca D. Dinis de Portugal beijará a mão da mulher de João Lourenço da Cunha. Primeiro ella descera desse throno e virá ajoelhar a meus pés; que de reis venho eu, não ella.»

«De joelhos, dom traidor! — gritou D. Fernando, pondo-se em pé e descendo dous degraus do estrado. — De joelhos, vil parceiro de reveis sandeus! Se a taberna de Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peões de Lisboa, quebra-lo-heis diante do vosso rei: quebra-lo-heis, que vo-lo digo eu!»

D. Dinis viu então que todos os seus passos estavam descubertos: achava-se, por isso, á borda de um abysmo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do heroe do Salado e precipitou-se na voragem.

«Vil é a mulher barregan e adultera, e essa é ambas as cousas. Traidor sería um rei de Portugal que assentasse o adulterio no thro-

moor que elle, e isso mesmo seu irmaão, e todollos outros fidalgos do reino, e el soamente dizer que lha nom beijaria, mas que lha beijasse ella a elle.» Fern. Lopes, Chr, d'elrei D. Fern., cap. 62.

no, e vós o fizestes, rei deshonrado e maldicto de vosso Deus e do vosso povo! Quem neste lugar é o vil e o traidor?»

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça e deixou descaír os braços. Elle bem sabia que se seguia o morrer.

Apenas elrei se alevantara, D. Leonor, cujas faces se haviam tingido da amarellidão da morte, tinha-se erguido tambem. Naquelle rosto, semelhante ao de uma estatua de sepulchro, apenas se conhecia o viver no profundar, cada vez maior, das duas rugas frontaes que se lhe vinham junctar entre os sobr'olhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Dinis, elrei soltara um destes rugidos de desesperação e colera humanas que nem o rugido da mais brava fera pôde igualar; grito de ventriloquo, que é como o estridor de todas as fibras do coração que se despedaçam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro gyro do instrumento do supplicio; rugido, grito, gemido, conglobados num só hiato, fundidos num som unico pela raiva, pelo odio, pela angustia: brado que só terá eccho pleno no bramido que ha-de soltar o reprobado quando no derradeiro juizo o julgador dos mundos lhe disser: — para ti as penas eternas.

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavalleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relampago elle tinha arrancado da cincta o agudo bulhão e, com os olhos desvairados, encaminhava-se para o meio da sala, onde seu irmão o esperava immovel, com a mão sobre o peito, como se dissesse: *aqui!*

Mas D. Fernando não pôde offerecer nas aras do adulterio um fratricidio; uma barreira se tinha alevantado a seus pés. Era um velho de frente calva e de longas melenas brancas e desbastadas pelos annos: era aquelle que lhe fora mais que pae e que elle respeitava mais que a memoria deste; era o seu alferes-mór, o veneravel Ayras Gomes, que, ajoelhado, lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lagrymas:

«Senhor! que é vosso irmão!»

«É um covarde traidor, que deve morrer! Irmão!? Mentos, velho! Elle já o não é!»

Á palavra — *mentos!* — um relampago de vermelhidão passou pelas faces cavadas do antigo cavalleiro: abaixou os olhos e correu-os pela espada. Fora esta a primeira vez que ella ficara na bainha depois de tão funda affronta.

Mas aquelle era o momento dos grandes sacrificios. Ayras Gomes replicou, alimpando as lagrymas:

«Nunca vos menti, senhor, nem quando ereis na puericia, nem depois que sois meu rei. Sa-bei-lo. Criminoso ou innocente, D. Dinis é filho de meu bom senhor D. Pedro. A vosso pae servi com lealdade; por vós já me andou arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavalleiros de Portugal: elle é que não tem, talvez, um só. Senhor rei, ficae certo de que, para assassinar vosso irmão, vos é mister passar por cima do cadaver de vosso segundo pae.»

Atalhado assim o primeiro impeto, o character do moço monarcha revelou-se inteiro neste momento. Commoveu-o a postura do venerando ancião, que pela primeira vez via a seus pés, e, com a irresolução pintada nos olhos, fitou-os em Leonor Telles.

Por uma reflexão instantanea, a hyena previra que o sangue derramado pelo fraticida não cairia sómente sobre a cabeça deste, mas tambem sobre a della. Naquelle rosto, então semelhante ao de uma estatua, D. Fernando não pôde ler a sentença do infante, bem que lá no fundo do coração ella estivesse escripta com sangue.

Entretanto os cortesãos, que no furor rom-pente d'elrei haviam ficado estupefactos e que-dos, vendo-o vacillar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ía inter-pôr-se, tambem, entre D. Dinis e elrei, quando este arrancara o punhal, parara ao ver a he-roica resolução do alferes-mór; mas, ao hesi-tar de D. Fernando, correrá a abraçar-se com o seu pupillo, que, no meio de tantos animos agitados por paixões diversas, era quem uni-camente parecia tranquillo e alheio ao terror que se pintava em todos os semblantes.

Finalmente, elrei metteu vagarosamente o punhal no cincto e, com voz pausada, mas tré-mula e presa, disse:

«Que esse malaventurado sáia d'ante mim.»

O tom em que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o animo de D. Dinis, cujo coração, antes disso, parecera de bronze. Os olhos arrasaram-se-lhe de agua. Sentira que, até então, era uma colera cega, repentina, in-sensata, que o ameaçava: agora, porém, no modo e na expressão de D. Fernando vira claramente que era um amor de irmão que expirara.

Com a cabeça pendida em cima do hom-bro de Gil Vasques de Resende, saíu do apo-sento.

Era, talvez, o velho o unico amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as mãos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o collo formoso, agitado por mal contido suspiro.

«Coração compadecido e generoso!» — pensou lá comsigo o alferes-mór, que havia pouco a tractara de perto pela primeira vez.

«Hora maldicta e negra, em que perdi metade de minha tão esperada vingança!» — pensava Leonor Telles e o choro rebentou-lhe com violencia.

«Não te afflijas, Leonor — disse D. Fernando, apertando-a ao peito. — Que nunca mais eu o veja, e viva, se podér, em paz!»

Mas as lagrymas correram ainda com mais abundancia e amargura.

O resto daquelle dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmosphaera em que respirava a nova rainha tinha o que quer que fosse pesado e mortal, que resfriava todos os corações.

Á meia noite, por um claro luar de céu limpo de inverno, uma barca subia com difficuldade a corrente rapida do Douro: á pôpa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros de dous cavalleiros que ahí iam assentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um

dos remeiros cantava uma cantiga melancólica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

Mortos me são padre e madre:
Eu tamanino fiquei.
Irmãos meus mal me quizeram:
Eu mal não lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo;
Sabe Deus se o correrei!
A alma deixo-a cá presa;
O corpo só levarei.

De meus avós nos solares
Nasci: dous dias passei:
Meus irmãos, nada vos tenho
Senão o nome que herdei.

Esta cantiga, cuja toada monotona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por doloroso suspiro. Um dos cavalleiros o dera.

Os remeiros calaram-se: arrancaram da voga com mais ancia e, depois, continuaram:

Se fui rico, ora sou pobre:
Chóro hoje, se já folguei:
Villas troquei por desvios:
Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre ou irmãos,
A quem me socorrerei?
A ti, meu Senhor Jesus:
Senhor Jesus, me accorrei!

Um gemido mais angustiado, que safu envolto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que já a interrompera. O seu companheiro bradou aos barqueiros, com a voz trémula e cançada de um ancião:

«Calae-vos ahi com vossas trovas maldictas!»

Os remeiros vogaram em silencio; mas pensaram lá comsigo que muito damnadas deviam ser as almas de cavalleiros que assim maldiziam tão devoto trovar.

Repararam, porém, que, dos dous desconhecidos, o que suspirara e gemera lançara os braços ao pescoço do que falara, e que este, affagando-o, lhe dizia:

«Quando todos, senhor, vos abandonarem não vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos creei e á esclarecida e sancta memoria de vosso virtuoso pae.»

Então os barqueiros, bem que rudes, desconfiaram de que podia muito bem ser que não fossem duas almas damnadas aquellas, mas sim malaventuradas.

VII

Juramento, pagamento

Passara mais de um anno depois do casamento d'elrei. Este casamento, que explicava o repudio da infanta de Castella, não bastara, em verdade, para accender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando já de algum modo previsto nos capitulos addicionaes do tractado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que semelhante offensa devia gerar no animo do rei castelhano não fosse assás forte para servir de fermento a futuras guerras, D. Fernando suscitara novos motivos de serias desavenças, que não particularisaremos aqui, por não virem a nosso intento. Baste saber-se que, depois de inuteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castella, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessara rapidamente a Beira, passara juncto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Telles, e, vindo offerecer

batalha a elrei D. Fernando, que estava em Santarem e que não acceitou o combate, se encaminhara para Lisboa, cujos habitantes desapercebidos apenas tiveram tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de Affonso III, de cujas torres e adarves viram os castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o arrabalde, sem lhes poderem pôr obstaculo. No meio deste apertado cerco, desamparados d'elrei, que apenas lhes enviara alguns dos seus cavalleiros, os moradores de Lisboa não tinham desanimado. Com varia fortuna, haviam resistido aos commettimentos dos castelhanos e, o que mais duro era de soffrer, á fome, á sede e, até, ao receio de traições de seus naturaes. Finalmente, D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu affastar dos seus muros o exercito d'elrei de Castella, que a tivera sitiada durante quasi dous mezes.

Era nos fins de maio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de primavera. O ar estava tepido e o céu limpo. Pelos campos e valles via-se verdejar a relva; a madresilva e as rosas bravias, enredadas pelos vallados, embalsamavam a atmospherá. Mas estes eram os unicos signaes que, nos arredores de Lis-

boa, revelavam aquella estação suave no seu clima suavissimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com elles. Os extensos e bastos olivedos e azinhaes que nessas eras a rodeavam jaziam aqui e alli por terra, como se por lá tivesse passado fouce gigante meneada por braço de ferro. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cubertas de folhas reseccadas antes de tempo ou enegrecidas pelo fogo, assemelhando-se a gandra cuberta de urzes que foi desbravada por fins d'outono. As vastas hortas que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pés dos cavallos, estavam incultas e abandonadas. Mas, sobre este malassombrado e triste chão do painel, mais melancholica e afflictiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado o *arrabalde*, onde, d'antes, era continuo o ruído discorde de tracto immenso, achava-se convertido em montão de ruinas. Para os lados do sul e poente, não se viam, desde os antigos muros (cujo perimetro pouco mais abrangia do que o castello e o bairro a que hoje damos geralmente o nome d'Alfama) senão edificios queimados, ruas entulhadas, praças desfeitas, vestigios de sangue, peças de armadura aboladas

ou falsadas, hastilhas e ferros partidos de virotos, de lanças e de espadas, e, aqui e acolá, cadaveres fétidos, não só de cavallos, mas também de homens, cujas carnes, meio-devoradas pelos cães ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos appareciam como phantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas, em busca de alguma preciosidade que tivesse escapado ás chammas e ao inimigo; e juncto ás paredes negras da synagoga os mercatores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depennavam as barbas á roda dos rabbis, que recitavam em tom de pranto os versiculos hebraicos dos Threnos.

Por meio deste vasto quadro de assolação rompia uma numerosa companhia de cavalleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzellas e pagens, brilhante cavalgada que descia da banda de Sancto Antão para S. Domingos e tomava pela Corredoura para a Porta-do-ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras athleticas e os rostos varonis dos cavalleiros, o brunido das armas, o loução dos trajos, o rico dos arreios, tudo, emfim, dava clara mostra de que naquella cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os dictos galantes e

agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corceis briosos e dos delicados palafrens, as doucices dos donzeis, que, ora correndo á redea solta, ora soffreando os cavallos, ao perpassar pelas mulas pacificas dos cortesãos letrados, os faziam vacillar e debruçar sobre os arções, o bater das asas dos nebris e girifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e allãos, que, atrelados, forcejavam por se atirarem acima daquelles centenares de habitações derrocadas, d'onde saía de vez em quando uma exalação de carniça: este rir, este folgar, este ruído de contentamento, este matiz de reflexos metallicos, de cores variegadas, passando, como turbilhão, através daquelle silencio sepulchral, parecia rasgar o véu de tristeza que cubria a vasta área da cidade destruida e revocá-la a uma nova existencia.

Mas o povo, apesar disso, continuava a estar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da sé. Um engenho de arremessar pedras estava assentado no meio d'elle, e os grossos madeiros de que era construido viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama que vinha na frente da comitiva parou: um cavalleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava a seu lado, parou tambem. A dama apontou

para o engenho, disse algumas palavras ao cavalleiro e, depois, desatou a rir.

Era ella a mui nobre e virtuosa rainha D. Leonor: elle o mui excellente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor tinha razão para rir.

Durante o cerco de Lisboa, uma voz, verdadeira ou falsa, se espalhara de que varios moradores da cidade estavam preitejados com elrei de Castella para lhe abrirem uma das portas. Dava força a taes suspeitas o acharem-se no campo castelhano Diogo Lopes Pacheco e D. Dinis, que com elle se haviam ajuntado na sua entrada em Portugal, e as desconfianças recaíam naturalmente sobre aquelles que, dous annos antes, tinham seguido o partido contrario a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Affonso IV eram cabeças. Assim a popularidade dos parciaes de D. Dinis tinha diminuido consideravelmente, porque o povo, em vez de attribuir a sua ruina a causas remotas, ás paixões insensatas de D. Leonor e á imprudencia d'elrei, só nas suggestões de Diogo Lopes e do infante via agora a origem de todos os males presentes, e o odio que contra os dous havia concebido se estendera a todos os que cria serem-lhes affeioados.

Apenas, portanto, se divulgou a noticia da intentada traição, o povo furioso correu ás moradas daquelles que, como fica dicto, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de cannibaes, festa de vulgacho em qualquer tempo e logar que elle reine. Aquelles que não poderam provar de modo innegavel a sua innocencia foram mettidos aos mais crueis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais vehementes as desconfianças, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedaços: «outro — diz o chronista ¹ — tomarom e pozeromno na fumba d'huum engenho, que estava armado ante a porta da see; e quando desfechou lançou em cima dessa igreja antre duas torres dos sinos que hi ha, e quando cahio acharomno vivo; e tomaromno outra vez e pozeromno na fumba do engenho, e deitouho contra o mar, omde elles desejavom, e assi acabou sua vida».

Era por isso que D. Leonor olhava para o engenho e se rira. O proprio povo tinha pagado uma parte das arrhas do seu casamento.

A noute descera entretanto. A cavalgada pa-

¹ Fernão Lopes, Chr. de D. Fer., cap. 75.

rou no terreiro de S. Martinho, e á luz de muitas tochas parte daquella multidão escoou-se, pouco a pouco, por diversas ruas, emquanto outra parte subia á sala principal ou se derramava pelos aposentos dos paços, cujo silencio de quasi dous annos, depois da fuga d'elrei com D. Leonor Telles, era a primeira vez interrompido pelo ruído de uma corte numerosa, mas bem differente da antiga. A rainha havia quasi exclusivamente chamado a ella os seus parentes ou aquelles fidalgos que lhe tinham dado provas não equivocadas de sincera affeição e substituíra á severidade antiga do paço todo o brilho de luxo insensato e, o que mais era, a dissolução dos costumes, que quasi sempre acompanha esse luxo. Depois de urna ceia esplendida, como o devia ser nesta corte voluptuaria, apenas ficara na camara real D. Fernando e sua mulher, o conde de Barcellos, D. João, D. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor, e um donzel da rainha, filho bastardo de outro bastardo, do prior do Hospital Alvaro Gonçalves Pereira, donzel que ella mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde, dous annos antes, o beguino Fr. Roy viera revelar á então amante de D. Fernando os intentos dos seus inimigos.

Era deste aposento que ella saíra fugitiva e amaldiçoada do povo. Mas era ahi, tambem, que D. Leonor vinha depois de tantos sustos, de tantas difficuldades vencidas, de tanto sangue derramado por sua causa, repousar triumphadora, segura já na frente a coroa real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que, em parte, eram diversas e em diversa situação.

Elrei, habitualmente alegre, assentara-se triste na cadeira de espaldas, unico movel do aposento, e encostara a cabeça sobre o punho cerrado: D. Leonor, postoque naturalmente loquaz ¹, assentada no estrado defronte de D. Fernando, conservava-se, tambem, em silencio: em pé, um pouco atrás da cadeira d'elrei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nella, esperava attento as determinações de sua senhora: ao longo da sala o conde de Barcelos e D. Gonçalo Telles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principaes tinha bem differentes motivos.

¹ «A rainha... como era ousada e muito falladora»: Fernão Lopes, Chr. de D. Fern., cap. 126.

A imagem da sua capital destruída havia-se embebido na alma d'elrei, como remorso cruel. Pelas suggestões de seu tio adoptivo, consentira que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Elle neto de Affonso IV rejeitara os soccorros de seus valorosos vassallos, que, ao esvoaçar dos pendões inimigos, de toda a parte haviam corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real: elle cavalleiro, fora vil instrumento de vingança covarde: elle, rei de Portugal, fora o destruidor do seu povo: elle, portuguez, recebera o nome de fraco de um castelhanao, sem que ousasse desmentir a affronta ¹! Estas idéas, que o tinham assaltado ao atravessar as ruínas dos arrabaldes, tomavam vulto e força na solidão e no silencio. O pobre monarcha, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobeja razão de estar triste. A lua, que começava a subir, dava de chapa, através da janella oriental do aposento, no rosto de D. Fernando, como dous annos antes, quasi a essa hora, lhe alumiaara, tambem, as faces demudadas de afflicção. Este logar, esta luz e esta hora eram para elle funestas!

¹ *Ibd.* cap. 72.

Nesse momento, passos mais rapidos e mais pesados que os dos dous fidalgos começaram a soar na sala contigua: quem quer que era passeava tambem.

Dos olhos de D. Fernando saíam dous tenues reflexos; eram os raios da lua que se espelhavam em duas lagrymas.

A rainha, alevantando-se então, disse ao donzel:

«Nunalvares Pereira, vede quem está nessa sala.»

Nunalvares abriu a porta e, alongando a cabeça, voltou immediatamente e disse:

«O corregedor da corte.»

Os dous fidalgos pararam na extremidade do aposento, calaram-se e conservaram-se immoveis.

A rainha fez signal com a mão a Nunalvares para que esperasse: o donzel ficou á porta sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se então para elrei, que, embebido no seu profundo scismar, não vira, nem ouvira o que se fazia ou dizia. Curvando-se e firmando o cotovello no braço da cadeira d'elrei, encostou a cabeça sobre o hombro d'elle, com a face unida á sua.

«Que tens tu, Fernando?» — perguntou ella, com essa inflexão de voz meiga que só sabem

labios de esposa que muito ama, mas com que tambem soubera atinar esta mulher sublime de hypocrisia.

«Nada!... nada!» — respondeu elrei, lançando-lhe o braço em redor do pescoço e apertando a face incendiada áquelle rosto de anjo, que dissimulava um coração de demonio.

Os dous tenues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o halito de Leonor Telles queimara as lagrymas da compaixão e do remorso.

«Enganas-me ou enganas-te a ti proprio, Fernando! — replicou a rainha. — Tu és infeliz, e eu sei porque o és. Aborreces já a pobre Leonor Telles.»

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coração de marmore.

«Enlouqueceste, Leonor? — exclamou elrei. — Aborrecer-te? Sem ti, este mundo fora para mim soledade, a coroa martyrio, a vida maldicção de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no leito da morte amar-te-hei ainda. Gloria, riqueza, poderio, tudo te sacrifiquei; não me pesa. Mil vezes que tu o queiras t'ó sacrificarei de novo.»

«Ah, prouvera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: fosse metade do meu!»

«Busca, inventa, aponta-me algum modo de provar o que te digo, e verás se as minhas palavras são sinceras!

«Ha um, rei de Portugal!» — replicou Leonor Telles, em cujos olhos scintillava o contentamento.

Dizendo isto, ella se affastara d'elrei. O seu aspecto tomou subitamente a expressão grave e severa de uma rainha. A um gesto que fez, Nunalvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da corte entrou. Trazia na mão um pergaminho aberto. Chegou ao pé de Leonor Telles, ajoelhou e entregou-lh'o.

A rainha pegou nelle e apresentou-o a elrei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos angulos do aposento e collocou-se á esquerda da cadeira de D. Fernando.

«A prova do que dissestes, rei de Portugal, está em estampardes no fim desse pergaminho o vosso sello de puridade. ¹»

D. Fernando recebeu o pergaminho e come-

¹ O sello de puridade ou do *camafeu* era aquelle que se estampava no próprio pergaminho e que servia ordinariamente para o rei expedir documentos de menos importancia, na falta do chancellermór, que tinha o sello grande, curial, ou do *cavallo*. Veja-se a Dissertação 3.^a de J. P. Ribeiro.

çou a ler : a cada uma das extensas linhas, que o obrigavam a descrever com a fronte uma curva, o tremor das mãos tornava-se-lhe mais violento e as contracções do rosto mais profundas. Antes de acabar de ler, atirou o pergaminho ao chão e, com voz terrível, exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Telles :

«Mulher, que me pedes tu?»

«Justiça e as minhas arrhas.»

Era a primeira vez que elrei ousava resistir á vontade de Leonor Telles. Ella ainda não o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarcha, estas ultimas palavras foram proferidas com a insolencia de uma resolução incontrastavel.

«Justiça? Contra quem a pedes? Contra cadaveres e moribundos. As tuas arrhas? Tiveste em dote as mais formosas villas dos meus senhorios: tiveste o que mais desejavaes, as arrhas de sangue e ruinas. Para te contentar, deixei Lisboa entregue ao furor de inimigos: para te contentar, fui vil e fraco: para te contentar, dos patibulos já têm pendido sobejos cadaveres ¹. E, ainda não satis-

¹ Os tumultos contra o casamento de D. Fernando não se tinham limitado a Lisboa. Pelas doações

feita, pretendes que, antes de dormir uma unica noute na minha capital assolada, confirme uma sentença de morte? Leonor! tu eras digna de seres filha de meu implacavel pae!»

D. Leonor repellira o olhar, entre colerico e timido, de D. Fernando, que mal acreditava a propria audacia, com um olhar em que se misturava a indignação e o desprezo. Ella ouviu as suas palavras sem mudar de aspecto; mas, apenas elrei acabou, encaminhou-se para a janella onde batia o luar e estendeu a mão para o céu:

«Ha dous annos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavalleiro jurava a uma dama, de quem pretendia quanto mulher póde ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo céu, pelos ossos de seus avós, pela sua fé de cavalleiro — e o cavalleiro mentiu. As bocas de homens vis vomitavam contra essa mulher e a essa mesma hora os nomes de adultera, de barregan, de prostituta, e pediam a sua morte. O cavalleiro sabia que taes affrontas escrevem-se para sempre na frente de quem as recebe,

dos bens dos *treedores mortos ou decepados* se conhece que houve assuadas e depois vinganças em Santarem, Leiria, Abrantes e outras partes.

se o sangue de quem as proferiu não as lava um dia. O cavalleiro offereceu a sua alma aos demonios, se não as lavasse com sangue — e esse cavalleiro blasphemou e mentiu. Senhor rei, diante do céu que elle invocou, perto dos ossos de seus avós, pelos quaes jurou, á luz da lua, que o alumiaava, dir-vos-hei: aquelle cavalleiro foi perjuro, blasphemo, desleal e covarde, e eu a sua victima. E' contra elle que ora vos peço justiça. Rei de Portugal, justiça!»

Esta ultima palavra restrugiu horrivelmente pelo aposento. Elrei, que, durante o discurso de D. Leonor, se erguera pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabolico e pelo seu olhar fulminante, caíu outra vez, arquejando, sobre a cadeira. O desgraçado cubriu a cara com ambas as mãos e, depois de um momento de silencio, murmurou:

«Mas, como punir aquelles que, talvez, são cadaveres? A guerra e a furia popular os puniram!»

D. Leonor triumphara.

«Nem todos! —proseguiu a astuta e sanguinaria pantera, accommettendo o ultimo en-trincheiramento em que D. Fernando, já de-balde, procurava defender-se. — Os seus mais vis inimigos ainda respiram e, porventura,

ainda sonham vingança. Corregedor da corte, lede os nomes escriptos em vossa sentença.»

O corregedor da corte alevantou o pergaminho, affastando-o dos olhos e interpondo a mão aberta entre estes e a tocha que Nunalvares segurava; tossiu duas vezes, inclinou para trás a cabeça e, com o tom cheio e solemne de um mestre em degredos, leu:

«Item: Fernão Vaasques, peom, alfayate, cabeça e proproedor dos ssusodictos rreveis.»

Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular e leu a seguinte cota:

«Vivo: muy malferido dhuua ffrechada com herva ¹ no ffecto do meirinho-moor, quando hos da çidade llevarom os castellãos de vencida até mêa rrua nova.»

Lida esta observação, o corregedor continuou a ler successivamente os nomes dos réus e as respectivas cotas.

«Item: Stevom Martins Bexigosso, mercador, peom, capitão dhuũ corpo dos ssusodictos rreveis.» — Dizia a ementa: — «Morto de ssua door naturall.»

«Item: Bertholameu Martijs, ourives, peom,

¹ Naquelle seculo ainda o barbaro uso de *herbar* ou envenenar as armas de tiro ou arremesso era vulgarissimo nos combates.

dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria e de grão ssamdiçe e desavergonhamento.» — Dizia a ementa: — «Morto dhuña pedrada dhuñ engenho dos imiguos.»

«Item: Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do alcayde moor que ffoy do castello desta lyal cidade, capitão dos beesteiros que fforam a Ssam domingos.» — Dizia a cota: — «Foi cativo dhos castellãos: dado em rrendiçom e a boõ rrequado na pryssom Dalcaçova.»

«Item: Bertholameu Chambão, peom, tanoeiro, cabeça da beestaria do concelho, deputado pera ffazer vilta e affronta a ssua rreal ssenhoria ha muy excellente e muy vertuosa de gramdes vertudes, rrainha dona llyanor.» — Resava a ementa: — «Morto dhuña lançada aa porta dho fferro.»

«Item: Ayras Gil, petintal, capitão dos rreveis, gualiotos, arraizes e pesquadores Dalfama.» — Dizia a cota: — «Ffogado com os castellãos.»

«Item: Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffolliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de pallavras e dictos devedados, scuita dhos rreveis.» — Notava a ementa: — «Enssandeçeu na pryssom ao lleeer da sentença.»

Pobre Fr. Roy! Vendo-se condemnado á morte, desesperado, revelara o que tinha sido na sedição — um espia de Leonor Telles. A cota da ementa fora tudo o que tirara das suas revelações. O corregedor, homem agudo, como o melhor mestre em leis ou em degredos, deduzira das suas palavras que o beguino *endoudecera*. Fr. Roy trocava as idéas. Tinha sido espia, mas dos sediciosos.

Alevantado o cerco de Lisboa, o corregedor da corte fora o primeiro presente que a nova rainha enviara á cidade. Áquelle perspicaz e diligente magistrado poucos dias haviam bastado para preparar um sarau digno della, uma sentença de morte. A prova da sua perspicacia e diligencia estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer á confirmação real. Numa execução nocturna não havia a recear tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recommendara neste negocio lhe fazia crer que não seria desagradavel a sua real senhoria a immediata execução dos réus.

Quando acabou a leitura, elrei tirou da bolça que trazia no cincto o sello de camafeu e, sem dizer palavra, entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nunalvares, deixou cair alguns pingos de cera no fundo do per-

gaminho, assentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirara da ementa e cravou neste o sello. As armas d'elrei ficaram ahi estampadas. O corregedor fizera isto com a promptidão e aceio com que o mais habil algoz enforcaria o seu proximo.

Depois o honesto magistrado entregou o sello a elrei, cujo tremor nervoso se renovara durante a fatal cerimonia. Ao pegar-lhe, o pobre monarcha deixou-o cair no chão. O sello foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Telles. Ella empallideceu. Porquê? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana que rolava diante della.

O corregedor fez uma profunda venia e perguntou em voz sumida á rainha:

«Quando, senhora?»

No mesmo tom, D. Leonor respondeu:

«Já.»

O destro e activo corregedor tinha dado no vinte. O *já* da rainha seria mais *já* do que ella propria pensava.

O corregedor saíu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel mettu a tocha no anel de ferro embebido na parede d'onde a tinha tirado e encaminhou-se para juncto da porta. Alli ficou de braços cruzados, olhos no chão, e immovel como estatua.

Desde este dia, o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua mui nobre senhora, aquella que lhe cingira a espada. O generoso Nunalvares conhecera que debaixo desse rosto suave se escondia um instincto de besta-fera.

Os dous fidalgos continuaram a passear de um para outro lado, conversando em voz baixa, e como alheios á scena que alli se passava.

Elrei tomara a primeira postura em que estava, com o cotovello firmado no braço da cadeira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas orbitas, incertos e espantados, exprimiam a dolorosa alienação daquella alma timida, atormentada por mil affectos oppostos.

Ouvia-se apenas o cicío dos dous que conversavam. E, por largo espaço, aquelle murmurio e o respirar alto e convulso de D. Fernando foram o unico ruído que interrompeu o silencio do vasto aposento.

Elrei, com a mão esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das idéas tenebrosas que lhe offuscavam o espirito e que, protrahidas, o levariam bem proximo das raias de completa loucura. A imagem de Leonor Telles apparecia-lhe como composto monstruoso de vulto d'anjo e de olhar de de-

monio. Um amor infinito arrastava-o para essa imagem; o horror affastava-o della. Via-a como um simulachro das virgens que, na infancia, imaginava, ao ouvir ler ao bom de seu aio Ayras Gomes as lendas dos martyres; mas logo cuidava ouvi-la dar risada infernal, passando por cima das ruinas da cidade deserta. O patibulo e os delirios amorosos; o cheiro do sangue e o halito dos banquetes, misturavam-se-lhe no senso intimo: e o pobre monarcha, nos seus desvarios, perdera a consciencia do logar, da hora e da situação em que se achava naquelle terrivel momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mão que tinha estendida, e lagrymas ainda mais ardentes, que a regavam, foram como faisca electrica, revocando-o á razão e á realidade da vida.

A commoção indizivel e mysteriosa que sentira fez-lhe abaixar os olhos: a rainha estava a seus pés; era ella quem lhe cubria a mão de beijos e lh'a regava de lagrymas.

D. Fernando affastou-a suavemente de si: ella alevantou o rosto celeste orvalhado de pranto; era, de feito, a imagem de uma das martyres que elle via no seu imaginar da infancia. D. Leonor ergueu as mãos supplicantes, com um gesto de profunda angustia: então, era mais formosa que ellas.

«Ah! — murmurou elrei — porque é o teu coração implacavel, ou porque te amei eu tanto?!»

«Desgraçada de mim! — acudiu D. Leonor entre soluços. — O teu amor era como o iris do céu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança; mas desvaneceu-se e passou; a vida de Leonor Telles desvanecer-se-ha e passará com elle!»

«E' porque sabes que esse amor não póde perecer; que esse amor é como um fado escripto lá em cima — interrompeu D. Fernando — que tu me fazes tingir as mãos de sangue, para satisfazer as tuas crueis vinganças: é porque sabes que esgóto sempre o calix das ignominias quando as tuas mãos m'o apresentam, que me sacias de deshonra. Terás, acaso, algum dia piedade daquelle que fizeste teu servo, e que não póde esquivar-se a ser tua victima?»

«Ai, quanto és injusto, Fernando, e quão mal me conheces! — exclamou Leonor Telles, limpando as lagrymas. — Foi a tua dignidade real, e a tua justiça, o teu nome que eu quiz salvar da tua propria brandura. Aos mesquinhos que me offenderam perdoei de todo o coração; mas tu, que eras rei e juiz, não o podias fazer. Se o nome de teu virtuoso pae, ainda

hoje lembra a todos com veneração e amor, é porque teu pae foi implacavel contra os criminosos, e aquillo em que pões a deshonra e a ignominia é a coroa de gloria immortal que cêrca o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmação dessa fatal sentença é a deslealdade e a blasphemia, que não cabem em coração e labios de cavalleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se crês que nisto fui culpada, dize-me só — «Leonor, já te não amo!» — e eu ficarei punida; porque nessas palavras estará escripta a minha sentença de morte! Possas tu depois perdoar-me e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressão de piedade!»

As lagrymas e os soluços parecia não a deixarem proseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos d'elrei, apertando-lhe a mão entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada a seus pés, como resistiria o pobre monarcha? Unindo a face áquella fronte divina, só lhe disse: — «oh Leonor, Leonor!» — e as suas lagrymas misturavam-se com as della.

Durante esta lucta da dor e da hypocrisia, em que, como sempre acontece, a ultima triumphava, o conde de Barcellos e D. Gon-

çalo Telles tinham-se encostado á janella fatal que dava para o rio e que, tambem, dominava grande porção do arrabalde occidental da cidade. O espectaculo da noute era de melancolica magnificencia.

A lua caminhava nos céus limpos de nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas aguas, mas esmorecia batendo na povoação, na qual não achava, além dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva, onde espelhar-se, ou um sussurro de festa accorde com as suas harmonias. O incendio e o ferro tinham passado por lá, e Lisboa era um cahos de ruinas, um cemiterio sem lapides, Apenas, no extremo do seu, d'antes, mais rico e povoado arrabalde, amarellejava, pulido pelo tempo, o gothico mosteiro de S. Francisco, juncto de sua irman mais velha a igreja dos Martyres. No valle que ficava em meio a luz de cima embebia-se inutilmente na povoação que jazia extincta. A bella lua de maio, tão fagueira para esta cidade querida, assemelhava-se á leoa que, voltando ao antro, acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendo-o quedo, indifferente e frio, não crê, e vai e volta muitas vezes, renovando os seus inuteis affagos. Lisboa

era um cadaver, e a lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas, no meio daquelle chão irregular, negro, calado, viam-se, aqui e acolá, luzinhas que se meneavam de um para outro lado, ao que parecia, sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as reliquias dos mortos, para lhes darem sepultura christan. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que, para se esforçarem, cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham com triste som, bater de vez em quando nos ouvidos dos dous cavalleiros. Resavam as coplas:

D'amigos e imigos,
Que ahi são deitados,
Levemos os ossos
Ao chão dos finados.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Madre gloriosa,
Dess'alta ventura
Demovei os olhos
Á nossa tristura.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Ao bento Jesus,
E ao padre eternal
Pedi que perdoe
A quem morreu mal.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Esta longinqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se alevantou mais perto dos dous cavalleiros. Uma voz esganiçada dava o seguinte pregão:

«... Justiça que manda fazer elrei em Fernão Vasques, João Lobeira e Fr. Roy: que morram na forca, sendo ao primeiro as mãos decepadas em vida.»

Os cavalleiros abaixaram os olhos para o logar d'onde subira a voz: era no terreiro proximo: os tres padecentes e o algoz, cercados de alguns bésteiros, aproximavam-se do cadafalso: varios vultos negros fechavam o prestito: daquella pinha partira a voz do pregoeiro.

Este pregão, dado a horas mortas e numa praça deserta, parecia um escarneo. Mas o corregedor da corte era affamado jurisconsulto, e nós temos ouvido a alguns que na execução das leis as fórmãs são tudo. Assim piamente o cremos.

Duas se tinham, porém, esquecido: os des-

graçados morriam, como aquelles que o saltador assassina na estrada, pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos pacientes para uma especie de marco escuro que estava ao pé do patibulo. D'ahi a nada, os cavalleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram successivamente dous golpes, dados como em vão, seguindo-se a cada um delles um grito de terrivel angustia.

O conde de Barcellos quiz rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na garganta, e, como Gonçalo Telles, recuou involuntariamente.

O grito que restrugira chegara aos ouvidos d'elrei.

«Que bradar de homem que matam é este?» — perguntou elle.

«Justiça de sua senhoria que se executa» — respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janella.

«Oh desgraçados! tão breve!» — disse elrei, passando a mão pela fronte, d'onde manava o suor da afflicção e do terror. Olhando então para Leonor Telles, accrescentou:

«Até a derradeira mealha estão pagas vossas arrhas, rainha de Portugal! Que mais pretendeis de mim?»

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor não respondeu.

D. Gonçalo Telles aproximou-se então da cadeira de D. Fernando e curvou um joelho em terra.

Elrei alevantou os olhos e perguntou-lhe :
«Que me quereis?»

«Senhor — respondeu o honrado e nobre cavalleiro — se vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a supplica de um dos seus mais leaes vassallos! . . .

«Falae» — replicou D. Fernando.

«João de Lobeira acaba de receber o premio de sua traição — proseguiu D. Gonçalo. — O desleal escudeiro possuia avultados bens, que ficam pertencendo á coroa real. Por vossa muita piedade, podeis fazer mercê delles a seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre moço ensandeceu ha tempos! Tresleu com livros de cavallarias, e tão varridó está que não fala em al, senão em um que anda imaginando e a que pôs o nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e vossa real senhoria bem sabe que a minha escaça quantia mal chega. . . .»

«Calae-vos, calae-vos; que isso é negro e vil — bradou elrei, redobrando-lhe o horror que tinha pintado no rosto. — Deixae, ao menos,

que a sua alma chegue perante o throno de Deus!»

«Apenas cincoenta maravedis!» — murmurou D. Gonçalo, erguendo-se, e abaixando os olhos, afflicto com a lembrança de sua extremada pobreza.

A seis de junho da era de Cesar de 1411 (1373), em um dos andares da torre do castello, o veador da chancellaria, Alvaro Pires, passeando de um para outro lado, dictava a um mancebo, vestido de garnacha preta, o qual tinha diante de si tinteiro, penas e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

«Item. Pera se spreuer a ffolhas cento e vinte-oyto do llivro prymeyro da CANCELARIA DELRREY nosso senhor:—Doaçom dos beês de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho serviço de ssua rreal senhoria, ao muy noble D. Gonçalo Tellez, per ho muyto divedo que cõ elrrey ha, e polos muytos sserviços que del teè rreçebido e ao deante espera de rreçeber.»¹

¹ A nota é imaginaria, mas esta mercè acha-se com effeito registada a f. 128 do L.^o 1.^o da chancellaria de D. Fernando; cumpre, todavia, advertir que dessa chancellaria apenas existe original o 3.^o livro: o 1.^o é dos reformados ou *estragados* por Gomes Eannes de Azurara.

E o povo?... Oh, este, sim! Mostrava-se agradecido e bom no meio de tantas infamias e crimes.

Os populares que, na manhã immediata áquella horrivel noute dos fins de maio, passavam pelo terreiro maldicto onde pendiam da forca os tres cadaveres, meneavam a cabeça e seguindo ávante, diziam :

«Boa e prestes foi a justiça d'elrei nos traidores. Alcacer por sua senhoria.»

NÓTA FINAL.

D. Fernando guardou até a primavera de 73 a vingança contra os populares de Lisboa e d'outras terras que no anno de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. Vê-se isto dos documentos registados na sua chancellaria e citados por Fr. Manuel dos Sanctos. Quem attentamente tiver estudado o character atroz e dissimulado de Leonor Telles, tão bem pintado por Fernão Lopes, e os factos que provam a sua influencia sem limites no animo daquelle principe não poderá esquivar-se a vehementes suspeitas sobre os motivos que, num romance, nós damos como reaes, porque ahi é licito fazê-lo, da, aliás inexplicavel, inacção com que D. Fernando *não quiz* oppôr-se á vinda d'elrei de Castella sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros e que converteu a cidade, por assim dizer, em um montão de ruinas. Daquelles documentos resulta que, depois de tirada toda a força aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castella, em que se viram quasi sós e abandonados, elrei viera, sobre as ruinas da maior e melhor parte della, satisfazer os odios de D. Leonor; porque, levantando o cerco em março de 73, achamos elrei em Lisboa (aonde não voltara desde a sua fuga no

outono de 71) durante alguns dias de maio, e em Santarem e outros logares nos mezes seguintes, fazendo mercês dos bens dos cidadãos mortos, *decepados* ou fugidos, do que se pôde concluir que então foram executados ou banidos, não sendo de crer que a cubiça cortesã tivesse esperado muitos dias sem prear estes sanguinolentos despojos.

O casamento de Leonor Telles e as consequencias d'elle são o primeiro acto do drama terrivel, da *Iliada scelerum* da sua vida politica. Foi este primeiro acto que nós procurámos dispor na tela do romance historico. Todo o drama daria, nessa fórma da arte, uma terrivel *chronica*. Desde esta conjunctura até ser arrastada em ferros para Castella, por aquelles mesmos que chamara a assolar o seu paiz, a Lucrecia Borgia portuguesa é, na historia dessa epocha, uma especie de phantasma diabolico, que apparece onde quer que haja um feito de traições, de sangue ou d'atrocidade.

O CASTELLO DE FARIA

(1373)

A breve distancia da villa de Barcellos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de franciscanos. Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sentem-se alli o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas aspero e severo, como quasi todos os montes do Minho. Da sua coroa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo daquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhaes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibillar de setas e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ahi viveram homens: porque é com estas balisas que elles costumam deixar assignalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria, com suas torres e ameias, com sua barbacan e fosso, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou ahi como dominador dos valles vizinhos. Castello real da idade-média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão desmoro-nou-se e caíu. Ainda no seculo dezesete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuns vestigios d'elle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio, fundado pelo celebre Egas Moniz, era o unico eccho do passado que ahi restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança, D. Affonso. Era

esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Afonso, que seguira seu pae D. João I na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a comsigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os humbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruído dos combates calou no alto do monte, e nas faldas delle alevantaram-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando. Este príncipe, que tanto degenerara de seus antepassados em valor e prudencia, fora obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os thesouros do estado. A condição principal, com que se pôs termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'elrei de Castella: mas, brevemente, a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito e, recusando D. Fernando acceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do pequeno exercito portugêz trabalhava inu-

tilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até as immediações de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saíu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'elrei D. Fernando, com a gente que pôde ajunctar. Foi terrível o conflicto; mas, por fim, foram desbaratados os portuguezes, caíndo alguns nas mãos dos adversarios.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para soccorrer o conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'elrei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho, e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello, porque elle, com as suas exhortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de bésteiros e de homens d'armas

subiu a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodrigues de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exercito victorioso ía tomar posse do castello de Faria, que lhe promettera dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres, os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda ¹ pelas quadrellas do muro e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

¹ Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da povoação estava cuberto de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distancia da barbican, os bésteiros que coroados as ameias encurvaram as béstas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojarem sobre os contrarios as suas quadrelhas e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerte estava apinhado.

Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbican, todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se num silencio profundo.

— «Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galizia pelo mui excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar contigo, de fóra do teu castello.»

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando á bar-

bacan, disse ao arauto — «A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero.»

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacan. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saú d'entre os seus guardadores, e falou com o filho:

— «Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?»

— «É — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem.»

— «Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle?»

— «Sei, oh meu pae! — proseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?»

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepul-

tado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver.»

— «Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos atraçouou.» — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

— «Defende-te, alcaide!» — foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturam o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accommetteram o castello; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tismados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento suão soprava nesse dia com violencia, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram junctamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldicção de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves — «Defende-te, alcaide!»

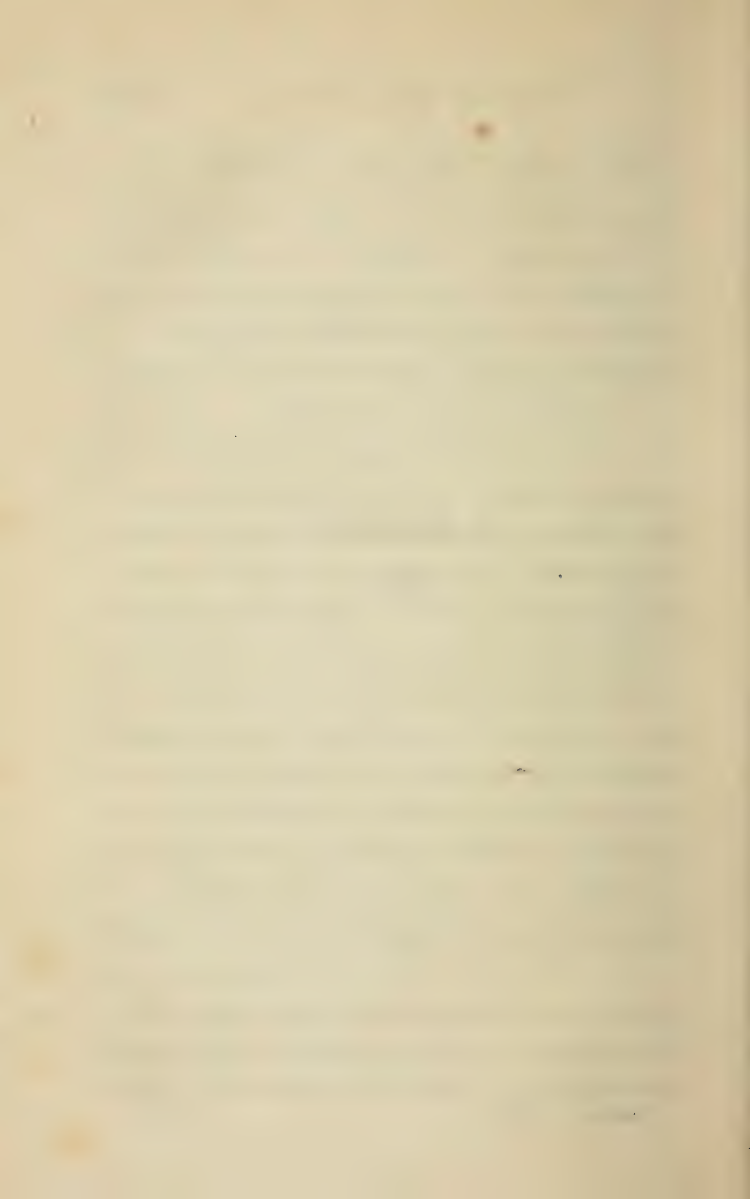
O orgulhoso Sarmiento viu a sua suberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encommendada por seu pae no ultimo trance da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide. Pedindo a elrei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrymas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

A ABOBADA

(1401)



I

● Cégo

O dia 6 de Janeiro do anno da Redempção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens. Os campos, cubertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosissimos dias de inverno mais gratos que os do estio, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus só concedeu aos paizes do occidente, em que os raios do sol, que começa a subir na eclíptica, estirando-se vividos e trémulos por cima da terra enegrecida pela humidade, e errando por entre os troncos pardos dos arvoredos despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de creanças, no primeiro viço da vida, a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual ha muito sussurrou o ultimo ai da sau-

dade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um destes dias antipathicos aos poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos acceitar como cousa mui poetica

Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramelos dos tópes das montanhas;

sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos,
Parvos! — se lhes derretem: a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos christaes em agua chilra;

destes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso véu da estação das tempestades.

No adro do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo, entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem elrei D. João I tinha doado esse magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do organ e os ecchos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas não era para ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquella maravilhosa fabrica; era para assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado juncto do arco da capella do fundador, então apenas começada. A concorrência era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mós e dos mais logares vizinhos, desejosos de ver tão curioso espectáculo, tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível cousa era o ver, descendo dos outeiros para o valle por sendas torcidas, aquellas multidões, vestidas de cores alegres e semelhantes, no seu complexo, a serpentes immensas, que, transpondo as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, reflectindo ao longe as cores variegadas da pelle luzidia e lubrica. Atravessando a pequena planície onde avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernosá.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algu-

mas fechadas com suas portas, outras apenas cubertas de madeira e abertas para todos os lados, á maneira de simples telheiros. As casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se nuns pedras só debastadas, noutros algumas onde se começavam a divisar labores, noutros, emfim, pedaços de cantaria, em que os mais habéis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzeis. Mas o que punha espanto era a innumeravel porção de pedras, lavradas, pulidas e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo terreiro que, ao redor do edificio, se alargava para todos os lados: maineis rendados, peças dos fustes, capiteis gothicos, laçarias de bandeiras, cordões de arcadas, ahi estavam tombados sobre grossas zorras ou ainda no chão, endurecido pelo continuo perpassar de trabalhadores, officiaes e mais obreiros desta maravilhosa fabrica. Quem de longe olhasse para aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgara ver o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mão dos homens ou dos seculos, de que só restava em pé um monu-

mento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento de um convento de frades dominicanos, o convento de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruído e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do organ, soltando a espaços as suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como pensamentos do céu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol e o resto do corpo resguardado dos seus ardentes raios pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embrenhado em profundas meditações. Pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos

olhos tinha-lh'a de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daquelles membros trémulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar. As faces do velho eram fundas, as maçans do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada, como quem vivera vida de continuo pensar, e, correndo com a mão os labores da pedra sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da fronte, reprehendia ou approvava com eloquencia muda os primores ou as imperfeições do artifice que copiara á ponta de cinzel aquella pagina do immenso livro de pedra a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Emquanto o velho scismava sósinho e palpava o canto, subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, á portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras e outra scena se viam. Dous frades estavam em pé no limiar da porta e altercavam em voz alta: de véz em quando, pondo-se nos bicos dos pés e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horizonte, que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olha-

rem um pedaço, encolhiam os pescoços e, voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

— «Oh homem! — dizia um dos dous frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava nas faces córadas e cheias e na cor negra da barba povoada e revolta mais vigor de mocidade. — Já disse a vossa reverencia que elrei me escreveu, de seu proprio punho, que viria assistir ao auto da adoração dos reis e, de caminho, veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abobada.»

— «E nego eu isso? — replicou o outro frade. — O que digo é que me parece impossivel que elrei venha, de feito, conforme a vossa paternidade prometeu em sua carta. Ha muito que lá vai o meio-dia: d'aqui a pouco tocará a vespersas, e ás duas por tres é noute. Não vedes, padre-mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que ahi está, que ahi vem, ha-de ir com o escuro por esses descampados e serras, com mulheres, com raparigas...»

— «Tá, tá — interrompeu o prior. — Temos

luar agora, e vão de consum. O caso não é esse, padre procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos elrei e os de sua companhia.»

— «Oh lá, quanto a isso nada falta. Desde hontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestavel: o peor é que, segundo me parece, e dizei o que quizerdes, *opus et oleum perdidit*¹.»

«Não falta quem tarda: elrei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e coristas que têm de fazer as suas representações no auto estejam a ponto e vestidos, para elle começar logo que sua senhoria chegue.»

«Nada receeis, que tudo está preparado: do que duvido é de que comecemos, se por elrei houvermos de esperar.»

O frade mais velho fez, a estas palavras, um gesto de impaciencia e, sem dar resposta ao seu pyrrhónico interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobrecéu para resguardar os olhos

¹ Perdi o azeite e o trabalho: expressão proverbial.

dos raios do sol, que, já muito inclinado para o occidente, batia de chapa no portal onde os dous reverendos estavam altercando.

Porém, meio descoroçoado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horisonte; e neste abaixar de olhos viu o cégo, que estava ainda assentado sobre o fuste da columna.

Para escapar, talvez, ás reflexões do seu confrade, o reverendo bradou ao velho:

— «Oh lá, mestre Affonso Domingues, bem aproveitaes o soalheiro! Não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida que em seus alforges trazem por ahi os physicos.»

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal e encaminhou-se para o cégo.

— «Quem é que me fala? — perguntou este, alçando a cabeça.

— «Frei Lourenço Lampreia, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. Tão esquecida anda já minha voz em vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?»

— «Perdoae-me, mui devoto padre prior — atalhou o velho, tenteando com os pés o chão para erguer-se, no momento em que Frei

Lourenço Lampreia chegava juncto delle, seguido de seu confrade Frei Joanne, procurador do mosteiro — perdoae-me! Foi-se o ver, vai-se o ouvir. Em distancia, já não acerto a distinguir as falas.»

— «Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso — disse Frei Lourenço, segurando o cego pelo braço. — O indigno prior do mosteiro da Victoria não consentirá que o mui sabedor architecto e imaginador Affonso Domingues, o creador da oitava maravilha do mundo, o que traçou este edificio, doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João á nossa ordem, se alevante para estar de pé diante do pobre frade. . . »

— «Mas esse religioso — interrompeu o cego — é o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellente doutor João das Regras e do grande Nunalvares, e privado e confessor d'elrei: Affonso Domingues é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pó das encruzilhadas, um velho tonto, de quem já ninguem faz caso. Se vossa caridade e humildosa condição vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis nisso muitos de vossa igualha.»

— «De merencorio humor estaes hoje —

disse o prior, sorrindo. — Não só eu vos amo e venero: elrei me fala sempre de vós em suas cartas. Não sois cavalleiro de sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes e dirigistes, emquanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?»

— «Cavalleiro! ? — bradou o velho. — Com sangue comprei essa honra! Commigo trago a escriptura.» — Aqui mestre Affonso, puxando com a mão trémula as atacas do gibão, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito. — «Em Aljubarrota foi escripto o documento á ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre d'Aviz. Já lá vão quinze annos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha d'armas era brinco. Elrei não foi ingrato, dizeis vós, veneravel prior, porque me concedeu uma tença! ? — Que a guarde em seu thesouro; porque ainda ás portas dos mosteiros e dos castellos dos nobres se reparte pão por cegos e por aleijados.»

Proferindo estas palavras, o velho não pôde continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados caíam-lhe pelas faces encovadas duas lagrymas como

punhos. A Frei Lourenço também se arrasaram os olhos d'agua. Frei Joanne, esse olhou fito para o cego durante algum tempo, com o olhar vago de quem não o comprehendia. Depois, a idéa da tardança d'elrei e da tardança do auto, que, entrando pelas horas de cear e dormir, iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monastica, veio despertá-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto, o architecto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada, e houve um momento de silencio. Por fim, segurando com força a manga do habito de Frei Lourenço, disse-lhe:

— «Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante.»

— «Li já, e mais de uma vez — respondeu o prior. — É obra prima, daquellas a que os gregos chamavam *epos*, id est, *enarratio et actio*, segundo Aristoteles; e se não houvesse nessa escriptura algumas ousadias contra o papa...»

— «Pois sabei, reverendo padre — proseguiu o architecto, atalhando o impeto erudito do prior — que este mosteiro que se ergue

diante de nós era a minha Divina Comedia, o cantico da minha alma: concebi-o eu; viveu commigo largos annos, em sonhos e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno della. Os milhares de labores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro? Dava-lh'o o ouro que tem dispendido? O ouro!... Não! O Mestre d'Aviz sabe que o ouro é vil; só é nobre e puro o genio do homem. Enganaram-no: vassallos houve em Portugal que enganaram seu rei! Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia da minha alma;

porque necessitava de me converter todo nestas pedras, pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas e por baixo dessas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!... Com uma tença paga-se a gloria e a immortalidade? Agradeço-vos, senhor rei, a mercê!... Sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu ou, talvez, sumirá este no brilho de sua fama mentida...»

O cêgo tremia de todos os membros: a vehemencia com que falara exaurira-lhe as forças: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dous frades estavam em pé diante d'elle.

— «Estaes mui perturbado pela paixão, mestre Affonso — disse Frei Lourenço, depois de larga pausa — por isso menoscabaes mestre Ouguet, que era, talvez, o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho d'elrei que deviam propôr-lhe vos dêsse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguem teve em mente offender o mais sabedor e esperto architecto de Portugal, cuja memoria será eterna e nunca offuscada.»

— «Obrigado — atalhou o velho — aos conselheiros d'elrei pelos bons desejos que em meu prol têm. São politicos, almas de lodo, que não comprehendem senão proveitos materiaes. Dão-me o repouso do corpo e assasnam-me o da alma! Ácerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto ás minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, cumpre ter vivido com a revolução que pôs no throno o mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adúltera ¹; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Não é este edificio obra de reis, aindaque por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portuguesa, que disse: *não seremos servos do estrangeiro* e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escholar na sociedade dos irmãos obreiros ², trabalhou nas sés de Inglaterra, de Fran-

¹ D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando.

² Architectos sarracenos se espalharam pela Grecia, Italia, Sicilia e outros paizes, durante certo tempo: um avultado numero de artifices christãos, prin-

ça, e de Allemanha, e ahi subiu ao grau de mestre; mas a sua alma não é aquecida á luz do amor da patria; nem, que o fosse, é para elle patria esta terra portuguesa. Por engenhos e mãos de portugueses devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da gloria dos nossos; e eis ahi que elle chamou de longes terras officiaes estranhos, e os naturaes lá foram mandados adornar de primorosos labores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem elles nem eu quem possesse esse remate; mas nós deixariamos successores que conservassem puras as tradições da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo virá em que, nesta obra dos seculos, não haja mãos vigorosas que prosigam os labores que mãos cansadas não poderam levar a cabo. Então o livro de pedra, o meu cantico de victoria, ficará truncado. Mas Affonso Dominques tem uma pensão d'elrei. . . »

Em uma das casas que ficavam mais proximas, daquellas de que fizemos menção no

cipalmente gregos, se ajunctaram com elles e formaram todos uma corporação, que tinha suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por signaes. Esta foi a origem da Maçonaria. *Conversation's Lexicon.*

principio deste capitulo, ergueu-se a adufa de uma janella no momento em que o cego proferia as ultimas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

— «Mestre Affonso, quereis recolher-vos? Está prompta a ceia, e começa a cair a orvalhada, que a tarde vai nevoenta.»

— «Vamos lá, vamos lá, Anna Margarida; vinde guiar-me.»

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o ourolo que o apertava. Chegando ao pé do velho, tocou-lhe com o braço em que elle se firmou, tornando a erguer-se.

— «Boas tardes, padre prior» — disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lamber de dedos e de dous puxões nas barbas da estriga quasi fiada.

— «Vá na graça do Senhor, filha» — respondeu Frei Lourenço, e accrescentou, dirigindo-se ao cego:

— «Meu irmão, Deus acceita só ao homem, em desconto da grande divida, a dor calada e soffrida. Resignae-vos na sua divina vontade.»

— «Na delle estou eu resignado ha muito: na dos homens é que nunca me resignarei.»

E Anna Margarida, que tinha a ceia ainda ao lume, foi puxando o cégo para a porta da casa.

— «Ai, Affonso Domingues, Affonso Domingues! vai-se-te após a vista o siso. Aborrida cousa é a velhice. Não vos parece, Frei Joanne?»

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que suppunha estaria atrás d'elle; mas Frei Joanne tinha desaparecido d'alli manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Frei Lourenço viu-o em pé sobre uma pedra a alguma distancia.

O prior ía a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

— «Ganhastes, padre prior; ganhastes!... Eis elrei que chega.»

E, com effeito, Frei Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que, com grande açodamento, descia para o valle do mosteiro.

II

Mestre Ouguet

Uma das innumeraveis questões que, em nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a que versa sobre qual dos dous dictados — *voz do povo é voz de Deus* — ou — *voz do povo é voz do diabo* — seja o que exprima a verdade. É indubitavel que o povo tem uma especie de presciencia innata, d'instincto divinatorio. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porque, corre voz entre o povo que tal navio saído do porto, tão rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular realisa-se com exacção espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem dá estas noticias? Quem as trouxe? Como se derramaram? *Mysterio* é esse que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? Foi um demonio? Foi algum feiticeiro? Mys-

terio. Não ha, nem haverá, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se tal phenomeno é uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio inintelligivel de dar solução a tudo o que se não entende é acaso a unica via de resolver a duvida. Se o é, os sabios explicarão o que nesse momento occurria na igreja de Sancta Maria da Victoria.

Foi o caso: quando a cavalgada de que fizemos menção no fim do antecedente capitulo vinha descendo a encosta sobranceira á planicie do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, começou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais. O motivo delle não era facil sabê-lo: nenhuma novidade occorreu; ninguem tinha entrado ou saído. De repente, toda aquella multidão se agitou, remoinhou pela igreja e principiou a borbulhar pelo portal fóra, como por bico de funil o liquido deitado por alto. Tinham sabido que elrei chegava, e todos queriam vê-lo descavalgar, porque D. João I, plebeu por herança materna, nobre por ser filho de D. Pedro I, rei eleito por uma revolução e confirmado por cincoenta victorias, era o mais popular, o mais amado e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e, as-

sim mesmo, em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa. Trazia vestida sobre o brial uma jórnea de veludo carmesim, monteira preta, e nebrí em punho, em maneira de caçada. Chegando á porta do mosteiro, onde o esperava já Frei Lourenço com parte da comunidade, apeou-se de um salto e, com rosto risonho e a mão no barrete, agradeceu sua cortesia e aquellas mostras de amor aos populares, que gritavam, apinhados á roda delle: — «viva D. João I de Portugal: morram os castelhanos!» — grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo daquellas suberbas arcadas desapareceu brevemente elrei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo para ver o auto, que não podia tardar.

«Mui receoso estava de que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto: porque o sol não tarda a sumir-se no poente» — dizia Frei Lourenço a elrei, a cujo lado ía para o guiar ao seu aposento.

«Bofé, mui devoto padre prior, que, por pouco, estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira, com os outros pec-

cados, que me não fallecem, se ámanhan me quizesse confessar ao meu antigo confessor» — tornou-lhe elrei, sorrindo-se.

«E certo estou de que, entre todos os peccados de que tereis de vos accusar este não fora o menos grave, e de que eu a muito custo absolveria vossa mercê» — retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortesans no paço, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

«Mas, para onde me guiaes, reverendissimo prior?» — disse elrei, parando antes de subir uma escada, para a qual Frei Lourenço o encaminhava.

«Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeição e repouseis um pouco do trabalho do caminho.»

«Não foi grande o feito, para tomar repouso — acudiu elrei — que de Santarem aqui é uma corrida de cavallo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnez e braças, traz vestidos de seda. Despi-los-hei bem depressa, já que elrei de Castella quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de treguas o Mestre de Sanctiago com o Condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre; mostra-me a casa do capitulo, a que Mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde

está elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia.»

«Beijo-vos as mãos pela mercê — disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada d'elrei, e certo de que elle desejaria ver aquella grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva. — Se quereis ver a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta.» Dizendo isto, sem cerimonia tomou a dianteira e encaminhou-se ao longo de um dos cubertos do claustro.

David Ouguet era um irlandês, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensão em consequencia da dura vida que a tyrannia do filho d'Erin lhes fazia padecer havia bem vinte annos. Desde muito moço que começara a produzir grande impressão no seu espirito a invectiva do apostolo contra os escravos do proprio ventre, e, para evitar essa condemnavel fraqueza, resolvera trazê-lo sempre sopeado. Não lhe dava treguas; se em Inglaterra o fizera muitos annos vergar sob o peso de dez atmosferas de cerveja, em Portugal submettia-o ao mais fadigoso mister de cangirão permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem suberbas e vel-

leidades de senhorio e dominação. De resto, David Ouguet era bom homem, excellente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensavel ao proprio interesse: nunca matara ninguem, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e practico do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadaver de seu pae para tocar a méta de qualquer designio ambicioso. Com tres licções de phrases oucas, dava panno para se engenharem delle dous grandes homens d'estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavalleiros do duque de Lencastre, procurou obter e alcançou a protecção da rainha D. Philippa, que, havendo Affonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é, em breve resumo, a historia de David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça enquadernada em um volume junctamente com os traslados authenticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Affonso Henriques sobre a apparição de Christo, da Carta de feudo a

Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papeis de igual veracidade e importancia, que, por pirraça ás nossas glorias, provavelmente os castelhanos nos levaram durante a dominação dos Philippes.

O lanço da crasta, fronteiro ao cuberto por onde ia elrei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou naquelle magnifico recinto, olhou para lá e, voltando-se para mestre Ouguet, disse :

«Parece-me que não vão tão aprimorados os lavores daquellas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?»

«Seguiu-se á risca nesta parte — tornou o architecto — o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Domingues ; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça : mas se vossa mercê m'o permite, antes de entrardes no capitulo tenho alguma cousa que vos dizer ácerca do que ides' presencear.»

«Falae desassombradamente — respondeu elrei — que eu vos escuto.»

«Tomei a ousadia — proseguiu mestre Ouguet — de seguir outro desenho no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo. O que achei na planta geral contrastava as regras da arte que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era, até, impossivel que se fizesse

uma abobada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo.»

«E consultastes o architecto Affonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que elle havia traçado?» — interrompeu elrei.

«Por escusado o tive — replicou David Ouguet. — Cégo, e por isso inhabilitado para levar a cabo a edificação, porfiaria que o seu desenho se póde executar, visto que hoje ninguém o obriga a prová-lo por obras. Sobralhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a sciencia, como dizia o veneravel mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister.»

Dizendo isto, o architecto metterá ambas as mãos no cincto, estendera a perna direita excessivamente empertigada e, com a fronte erecta, volvera os olhos solemne e lentamente para os circumstantes.

«Mestre Ouguet — acudiu elrei, com aspecto severo — lembrae-vos de que Affonso Domingues é o maior architecto portuguez. Não entendo de vossas distincções de sciencia e de engenho: sei só que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no

seu paiz os mais afamados edificios do mundo: e esse mestre Affonso, de quem vós falaes com pouco respeito, foi o primeiro architecto da obra que a vosso cargo está hoje.»

«Vossa mercê me perdoe — tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara. — Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguem o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do mui excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Winchestria tamanho ruído tem feito no mundo.»

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal que dava para a casa do capitulo. Frei Lourenço Lampreia, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a elrei no momento de entrar e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa tambem principalissima naquelle logar, collocou-se juncto do umbral fronteiro, repetindo com aspecto sobranceiro-risonho as medidas do mui devoto padre prior.

Quando elrei entrou dentro daquella espantosa casa, apenas através da grande janella que a alumia entrava uma luz frouxa, porque o sol estava no fim de sua carreira, e o tecto

profundo mal se divisava sem se affirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara á porta, mas Frei Lourenço tinha entrado.

«Reverendo prior — disse elrei, voltando-se para Frei Lourenço — vim tarde para gosar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e ámanhan voltaremos aqui a horas de sol.»

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando já os ultimos cavalleiros do sequito real iam saíndo pelo lado opposto, caminho da igreja. Com as mãos mettidas no cincto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou até o meio daquella desconforme quadra. O som dos passos dos cavalleiros tinha-se desvanecido, e mestre Ouguet dizia comsigo, olhando para a porta por onde elles haviam passado:

«Pobres ignorantes! que sería o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um paiz safaro e inculto? Sois vós homens brigosos, capazes dos primores das artes ou, sequer, de entendê-los?... Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a elle: eu que vi os mysterios de Coventria e de Widkik! Miseraveis selvagens, antes de tentardes re-

presentar mysterios, fora melhor que mandas-
seis vir alguns irmãos da sociedade dos escri-
vães de parochia de Londres ¹, que vos ensi-
nassem os verdadeiros momos, ademanes e
tregeitos usados em semelhantes autos.»

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo
soliloquio em louvor da nação que lhe dava
de comer, e, o que deveria pesar-lhe ainda
mais na consciencia, da nação que lhe dava
de beber, quando erguendo casualmente os
olhos para a macissa abobada que sobre elle
se arqueava, fez um gesto de indizível horror
e, como doudo, correu a bom correr pela
crasta solitaria apertando a cabeça entre as
mãos, e gritando a espaços:

«Oh, malaventurado de mim!»

¹ Pelas chronicas de Stow se vê que, no principio
do seculo 15.º, os mysterios eram representados em
Londres pelos escrivães de parochia, incorporados
em sociedade por Henrique 3.º, em 1409.

III

O auto

Juncto a uma das columnas da igreja de Sancta Maria da Victoria estava alevantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho e lavrada de curiosos bestiães e lavores. Era este o logar onde elrei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No meŝmo estrado havia varios assentos rasos, para nelles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e collocado ao pé do arco da capella do fundador, corria para um e outro lado da parede um devoto presepio ¹, meio erguido do chão e

¹ Presepio ou presepe, significa propriamente um estabulo, ou estrebaria; mas a accepção vulgar desta palavra é a de uma especie de embrechado ou paisagem de vulto, representando a choça de Belém onde nasceu o Salvador.

representando serranias agrestes, ao sopé das quaes estava armada uma especie de choça, onde, sobre a tradicional manjadoura, se via reclinado o menino Jesus e, de joelhos juncto delle, a Virgem e S. José, acompanhados de varios anjos, em acto de adoração. Diante da cabana e no mesmo nivel corria um largo e grosseiro cadafalso de muitas táboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que elrei saiu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Frei Lourenço, que, com todos os modos de homem cortesão, offereceu os assentos rasos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, as quaes, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vinham adiante representavam a Fé, a Esperança e a Caridade: após ellas, vinham a Idolatria, o Diabo e a Suberba; todas com suas insignias

mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, com um rabo que lhe arrastava pelo tablado e seu forcado na mão, mui vistoso e bemposto. Feitas as venias a elrei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero-humano, ao que a Fé acudia com dizer que, *ab initio*, estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha, lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos corações dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao démo por ver as perrarias que a Esperança lhe fazia; e, com isto, careteava, com taes momos e tregeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possivel. Aindaque o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo que ella obedecia ao senhor de toda-las cousas, e que este, vendo e considerando os grandes desvairros que pelo mundo

íam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandara para lhes apontar direito o caminho do céu; e por aqui seguia com razões mui devotas e discretas, que moveriam a devotíssimas lagrymas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com seus tregeitos e esgares, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica de que fielmente vamos transcrevendo esta veridica historia. A Suberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou della mui rijo e, com voz torvada e rosto acceso, começou de bradar que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros e sustentá-los com fumo; que pretendia, contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no céu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia e fóra da geral opinião e direito, indo por aqui discursando com remoques mui orgulhosos, como a Suberba que era. Não soffreu, porém, o animo da Caridade tão descomposto razoar da sua fidagal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mão naquelle ponto e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Suberba inventara as vans distincções entre os homens,

e que á vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente á sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Suberba ficou mui corrida, por não ter contra tão grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo e a Suberba, e annunciar ás tres virtudes que as ía elevar ao céu, onde reinariam em gloria perduravel. Então o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pela mão ás suas companheiras e fugiu pela igreja fóra, com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo (por uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admittem, quando nas vistas de marinha, o actor que vem embarcado desce dous ou tres degraus das ondas de papelão para a terra de soalho) em vez de subir ao céu, como annunciara, desceu pelas pranchas que davam para o pavimento da igreja, e, caminhando ao longo da nave, se recolheu á sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tão victoriadas pelos espectadores, como apupados tinham sido o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina tela, mantos reaes, e coroas na cabeça. Adiante vinha Balthasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorisado e com umas barbas, postoque brancas, bem povoadas: logo após elle, vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar. Traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons que ao recém-nascido vinham de longes terras offertrar. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiara até Jerusalem e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Bethlem e, com grande folgança, encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que, em verdade, era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou juncto do presepe e, com voz muito entoada e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Sancto filho de David,

Divinal

Salvador da triste raça

Humanal,

Que descestes lá do assento
Celestial;
Vós da gloria imperador
Eternal,
Acceitae este offertorio
Não real,
Pobre si. É quanto posso:
Não hei al.
O que fora compridoiro
De auto tal
Bem o sei. Andei más vias,
Por meu mal;
Que dez dias prantei tendas
De arrayal
Nas soidões fundas d'Arabia,
Mui fatal.
Meus camellos ha tignano
Sol mortal;
E um, de vento do deserto,
Vendaval.
O presente que ahi vedes
Pouco val'
É sómente algum incenso
Oriental;
Que o thesouro que eu trazia,
Mui cabal,
Soterrou-mo a tempestade
No areal.

E com isto, o veneravel Balthasar, depois de fazer sua oração em voz baixa, ergueu-se, e o rei Belchior, ajoelhando e depondo a urna que trazia nas mãos ante o presepe, disse:

Vindo sou lá do Cataio
A adorar-vos, alto infante,
Redemptor:
Não me pôs na alma desmaio
Ser de terra tão distante
Rei, senhor!
É bem torva a minha face:
Minhas mãos tingidas são
De negrura;
Mas na terra onde o sol nasce
Mais se cobre o coração
De tristura;
Porque o torpe Mafamede
Sua crença mui sandia
Mandou lá,
E não ha quem della arrede
Essa gente, que aperfia
Em ser má
Real tronco de Jessé,
Mui formoso, se eu podera,
Vos levará,
E, comvosco, á vossa fé
Os incréus eu convertera,
E os salvara.
Orá quero ver se peito
São José, que é vosso padre...

Um sussurro, que começara no momento em que o rei preto ajoelhou e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra mui prima de certo leigo, afamado jogral daquelle tempo), cresceu neste momento a tal ponto, que o co-

rista que fazia o papel de Belchior não pôde continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a coroa de louros que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio delle saíam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. Elrei tinha-se erguido, e juntamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ella. Emfim, um homem, rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça, cabellos degrenhados, boca torcida e cuberta de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da teia, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquelle recinto, ficou immovel, com os braços estendidos para o tecto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os hombros, como quem, cheio de horror, via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

«Mestre Ouguet!» — exclamou elrei espantado.

«Mestre Ouguet!» — gritou Frei Lourenço, com todos os signaes de assombro.

«Mestre Ouguet!» — repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

«Quem fala aqui no meu nome? — rosanou

David Ouguet, com voz comprimida e sepulchral. — Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojear sobre mim esse montão de pedras, como se eu fora um cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvae a minha alma!» — E depois de breve silencio, em que pareceu tomar folego: — «Não vos chegueis ahi! — bradou elle. — Não vedes assas fendas, profundas como o caminho do inferno? São escuras: mas, através dellas, lá enxergo eu o luar! Vós não, porque vossos olhos estão cegos... porque o vosso bom nome não se escoar por lá!... Cegos? Não vós!... mas elle! Elle é que se ri e folga em sua orgulhosa suberba! Vede como escancara aquella boca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cubertas de vermelhidão, aquellos olhos embaciados!... Maldicto velho, foge diante de mim!... Maldicto, maldicto!... Curvada já no centro... senti-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima della? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... Não ha um raio que te confunda?... Não!»

Dizendo isto, mestre Ouguet cubriu a cara com as mãos e ficou outra vez immovel.

Elrei, os cavalleiros, os padres mais dignos que estavam de roda do estrado real, os reis

magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto, que assim interrompera a solemnidade do auto. Silencio profundo succedera ao ruído que a apparição daquelle homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condemnado saída das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cerebro passou este pensamento; em mais de uma cabeça os cabellos se eriçaram de horror; mas, dos que conheciam mestre Ouguet, nenhum duvidou de que fosse elle em corpo e alma. Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma supposição havia que não era inteiramente desarrazoada: David Ouguet podia estar possesso, em consequencia de algum grave peccado; peccado que, talvez, tivesse omittido na ultima confissão, que fizera na vespera de Natal. Isto era possivel e, até, natural; que não vivia elle a mais justificada vida. Suppôr que endoudecera parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos d'elrei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encommendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas, segundo as idéas

daquella epocha, bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Frei Joanne, que tinha vindo assistir ao auto e estava em pé atrás do estrado, perto de Frei Lourenço Lampreia. Revolvendo taes pensamentos, no meio daquelle silencio ancioso em que todos estavam, não pôde ter-se que, pé ante pé, se não chegasse ao prior e lh'os communicasse em voz baixa, ao ouvido.

«Não vou fóra disso — respondeu o prior, que, emquanto o outro frade lhe falara, estivera dando á cabeça, em signal de approvação. — O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros e o falar não sei de que feiticeiro, tudo me induz a crer que o demonio se chantou naquelle miseravel corpo, como vós aventaes. Se assim é, pouco juizo mostrou desta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoração. Examinemos se assim é, e eu vo-lo darei bem castigado.»

Dizendo isto, Frei Lourenço chegou-se a elrei e disse-lhe o que quer que fosse. Elle escutou-o attentamente e, tanto que o prior acabou, assentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas e fez signal com a mão aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Frei Lourenço, acompanhado de mais al-

guns frades, subiu pela igreja acima e entrou na sacristia. Todos ficaram esperando, silenciosos e immoveis como mestre Ouguet, o desfecho desta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto.

Tinham passado obra de tres credos, quando, saíndo outra vez da porta da sacristia, Frei Lourenço voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes, chegou á teia, abriu-a e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda e fazendo um aceno de auctoridade, disse:

«Ajoelhae, christãos, e orae ao Padre Eterno por este nosso irmão, tomado de espirito immundo.»

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se pôs de joelhos. E ouviu-se ao longo das naves o sussurro das orações.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir, com o rosto mettido entre as mãos.

O prior lançou a estola á roda do pescoço do possesso e queria atar os tres nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção e, tirando as mãos da cara, fez um gesto de horror e gritou:

«Frade abominavel, tambem tu és conluiado com o cégo?»

«Não ha duvida! — disse por entre os den-

tes o prior — mestre Ouguet está endemoninhado.»

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, pô-lo sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou então uma destas risadas nervosas que horrorisam e que tão frequentes são, quando o padecimento moral sobrepuz as forças da natureza.

«Cão tihoso — bradou Frei Lourenço — espirito das trévas, enganador, maldicto, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e re-fece demonio ; emfim, castelhano ¹. Em nome

¹ O Inquisidor Sprenger, no livro intitulado *Malleus Maleficarum*, recommenda aos exorcistas que, antes de tudo, descomponham e injuriem quanto podérem os possessos, advertindo que não são propriamente estes que recebem as affrontas, mas sim o diabo que têm no corpo. A conveniencia de taes doestos é que para o demonio, pae da suberba, não pôde haver maior pirraça do que ser descomposto na sua cara, sem que elle se possa desaggravar. Veja-se o livro citado, edição de Lyão de 1604 — Tomo 2.º, pag. 83. Assim, o prior devia guardar para o fim daquelle rol de injurias a que, no ardor do fanatismo politico da epocha, se reputava a maxima affronta.

do Creador e senhor de toda-las cousas, te mando que repitas o *credo* ou sáias deste miseravel corpo.»

Mestre Ouguet ficou immovel e calado.

«Não cedes?! — proseguiu o prior. — Recorrerei ao septimo, ao mais terrivel exorcismo. Veremos se poderás a teu salvo escarnecer das creaturas feitas á imagem e semelhança de Deus.»

Depois de varias ceremonias e orações, l'rei Lourenço chegou-se ao pobre irlandês e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa, a cada uma das seguintes palavras que proferia lentamente :

«Hel — Heloym — Heloa — Sabaoth — Helyon — Esereheye — Adonay — Iehova — Ya — Thetagrammaton — Saday — Messias — Hagios — Ischiros — Otheos — Athanatos — Soter — Emanuel — Agla —»

«Jesus!» — bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

«Diabo!» — gritou mestre Ouguet; e caíu no chão como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos, como se fossem de bronze.

Um ruído, semelhante ao de cem bombar-

das que se houvessem disparado dentro do mosteiro e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquelle grito de mil bocas e convertido em estatuas essa multidão de povo.

Ha situações tão violentas que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espirital do homem depois destes abalos espantosos. Então, melhor que nunca, elle sente em si que, postoque despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reacção segue a acção; e quanto mais timido o individuo se mostrou, mais viva é a consciencia da propria força, que, depois disso, renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. João I, aos cavalleiros do seu sequito e ao povo que estava na igreja de Sancta Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimonia que Frei Lourenço executava, o ruído inesperado que rompera o exorcismo, o grito blasphemo do architecto, no momento de cair por terra, o lugar, a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de encyclopedistas e que, por isso, não é de admirar fizessem impressão vi-

vissima em homens de um seculo, não só crente, mas tambem supersticioso. Todavia, o animo indomavel do mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos que ahi estavam.

«E', em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido — disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam—; mas cumpre indagar d'onde procede o ruído que veio interromper o mui devoto padre prior no exercicio do seu ministerio tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo: se natural, que haverá no mundo capaz, de pôr espanto em cavalleiros portuguezes?»

Dizendo isto, elrei desceu do estrado e encaminhou-se para a sacristia. Os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Elrei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico que dava communicação para a sacristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava luz frouxa e mortiça, e, a esta luz incerta e baça, encaminharam-se

para a porta do capitulo. Ao chegar a ella, todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

«Jesus!»

As portas haviam estourado nos seus grossissimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fóra, entulhando-lhe quasi um terço da altura. Olhando para o interior daquella immensa quadra, não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas de voltas, e de relevos: a lua, que passava tranquilla nos céus, reflectia o seu clarão pallido sobre este montão de ruinas, semelhantes aos monumentos irregulares de um cemiterio christão; e, por cima daquelle temeroso silencio, passava o frio leste da noite e vinha bater nas faces turbadas dos que, apinhados na sacristia, contemplavam este lastimoso espectáculo.

Dos olhos d'elrei e de Frei Lourenço caíram algumas lagrymas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte e quatro horas, tinha desabado em terra!

IV

Um rei cavalleiro

Em uma quadra das que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha, á roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma especie de escabello, que pelos topos se embebia nelles, estavam assentadas varias personagens daquellas com quem o leitor já tractou nos antecedentes capitulos. Eram estas D. João I, Frei Lourenço Lampreia e o procurador Frei Joanne. Elrei estava á cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior, tendo á sua direita Frei Joanne. Além destes, outros individuos ahi estavam, que as pessoas lidas nas chronicas deste reino tambem conhecerão: taes eram os doutores João das Regras e Martim d'Ocem, do conselho d'elrei, cavalleiros mui graves e auctorisados, e, afóra elles, mais alguns fidalgos que D. João I

particularmente estimava. Atrás da cadeira de elrei um pagem esperava, em pé, as ordens do seu real senhor. O quadrante do terrado contiguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circumstantes se fitavam: era a traça ou desenho do mosteiro que delineara mestre Affonso Domingues, onde, além dos projectos geraes do edificio, illuminados primorosamente, se viam todos os córtes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fabrica. Elrei tinha a mão estendida e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior.

— «Parece impossivel isso; porque natural desejo é de todos os homens alcançarem repouso e pão na velhice, e não vejo razão para mestre Affonso se doer da mercê que lhe fiz.»

— «Pois a conversação que vos relatei, tive-a com elle ainda hontem, pouco antes de vossa mercê aqui chegar.»

— «E como vai David Ouguet?» — perguntou elrei.»

— «Com grande melhoria — respondeu o prior. — Dormiu bom espaço e acordou em seu juizo. Contou-me que, entrando hontem

após nós na casa do capitulo e affirmando a vista nã abobada, conhecera que tinha gemido e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração e que, com a sua afflicção, correrá pela crasta fóra, como doudo; que no céu se lhe afigurava um relampaguear incessante e medonho; que via... nem elle sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdera o tino, e de nada mais se recorda.»

«Nem dos exorcismos?» — perguntou em meia voz Martim d'Ocem, com um sorriso malicioso.

«Nem dos exorcismos — retrucou Frei Lourenço no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidão da colera. — A proposito, doutor. Dizem-me que Annequim é morto ¹, e que elrei proveu o cargo em um dos de seu conselho. Seria verdadeira esta mercê singular?»

E o frade medía o letrado de alto a baixo, com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injuria indirecta, naquelle jogo de allusões que era as delicias

¹ Annequim era o bobo do paço em tempo de D. Fernando, a quem sobreviveu.

do tempo, quando elrei acenou ao pagem, dizendo-lhe:

«Alvaro Vaz d'Almada, ide depressa á morada d'Affonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe e guiae-o para aqui. Fazei isso com tento: lembrae-vos de que elle é um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforçado pae.»

O pagem saiu a cumprir o mandado de elrei.

«Dizeis vós — proseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim d'Ocem — que talvez Affonso Domingues se enganasse em suppôr que era possivel fazer uma abobada tão pouco erguida, como é a que elle traçou para o capitulo. Não creio eu que tão entendido architecto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo de hontem á noute procedesse da grave falta commettida por mestre Ouguet nesta edificação.»

«E que falta foi essa, se a vossa mercê apraz dizer-m'o?» — replicou João das Regras.

«A de não seguir de todo o ponto o desenho de mestre Affonso» — tornou elrei.

«E se a execução de sua traça fosse impossivel?» — acudiu o doutor.

«Impossivel!? — atalhou elrei. — E não con-

tava elle com levá-la a effeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?»

«E é disso que mais se doe mestre Affonso — interrompeu o prior. — A sua grande canseira é que ninguem saberá continuar a edificação do mosteiro ou, como elle diz, proseguir a escriptura do seu livro de pedra, porque ninguem é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepção d'elle.»

«Roncarias e feros são esses proprios de quem foi homem d'armas de Nunalvares — disse o chanceller João das Regras. — Todos os de sua bandeira são como elle. Porque sabem jogar boas lançadas, têm-se em conta de principes dos discretos; e o cégo não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do condestavel.»

João das Regras, émulo de Nunalvares, não perdeu este ensejo de lhe pôr pecha; mas D. João I, que conhecia serem esses dous homens as pedras angulares de seu throno, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; postoque o condestavel, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os meritos do chanceller, contentando-se com lançar na balança em que João das Regras mostrava o grande peso da sua penna o montante com que elle

Nunalvares tinha, em cem combates, salvado a patria do dominio estranho e a cabeça do chanceller das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os graus de doutor de Bolo-nha, nem os textos das leis romanas.

«Deixae lá o condestavel, que não vem ao intento — disse elrei — : o que me importa é ouvir mestre Affonso sobre este caso. Quizera antes perder um recontro com castelhanos do que cuidar que o capitulo de Sancta Maria da Victoria ficará em ruinas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao chão a abobada: se Affonso Domingues for capaz de a tornar a erguer e deixá-la firme, concluirei d'ahi que vale mais o cégo que o limpo de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cégo, çopo ¹ e mouco.»

Neste momento entrava o velho architecto, agarrado ao braço de Alvaro Vaz d'Almada, que o veio guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, á roda da qual se travara o dialogo que acima transcrevemos.

«Dom donzel, onde é que está elrei? — di-

¹ Coixo — *Fui vista ao cégo, e péo ao çopo.* Trad. do livro de Job. Fragmento do seculo 14.º.

zia Affonso Domingues ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem :

«Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre d'Aviz, o vosso antigo capitão, nobre cavalleiro de Aljubarrota.»

«Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandaes ; porque, de vossa ordem, aqui me trouxe este bom donzel.»

«Queria ver-vos e falar-vos ; que do coração vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de Sancta Maria.»

«Architecto do mosteiro de Sancta Maria, já o não sou ; vossa mercê me tirou esse encargo : sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o crêem, e alguns o dizem. Dos titulos que me daes só me cabe hoje o de honrado ; que esse, mercê de Deus, é meu, e fora infamia roubá-lo a quem já não pode pegar em um montante para defendê-lo.»

«Sei meu bom cavalleiro, que estaes mui torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro : nisso cria eu fazer-vos assignalada mercê. Mas, venhamos

ao ponto: sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noute?»

«Sabía-o, senhor, antes do caso succeder».

«Como é isso possível?!»

«Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portuguezes que ahi restam como ía a feitura da casa capitular. No desenho della posera eu todo o cabedal de meu fraco engenho, e este aposento era a obra prima de minha imaginação. Por elles soube que a traça primitiva fora alterada e que a junctura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado. Prophetisei-lhes então o que havia de acontecer. E — acrescentou o velho, com um sorriso amargo — muito fez já o meu successor em por tal arte lhe pôr o remate que não desabasse antes das vinte e quatro horas.»

«E tinheis vós por certo que, se vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abobada não viria a terra?»

«Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra de fecho dessa abobada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella pesarem muitos

seculos; mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.

«Pois, se ousaes levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façaes, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.»

«Senhor rei — disse o cego, erguendo a fronte, que até alli tivera curvada — vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e bésteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto elle contém, salvo a liberdade de vossos vassallos; nesta nada mandaes. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora elles que a alevantem.»

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

«Lembrae-vos, cavalleiro — disse-lhe — de que falaes com D. João I.»

«Cuja coroa — acudiu o cego — lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assás nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escripto: — *os vassallos portugueses são livres.*»

«Mas — tornou elrei — os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja

casa têm acostamento ¹, podem ser privados de sua moradia. . . »

«Se dizeis isso pela que me déstes, tirem-a; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer á mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida — um nome honrado e glorioso.»

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços e embebeu nella uma lagryma mal sustida. Elrei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito e dilatar-lh'o suavemente. Uma das dores d'alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem duvida a compaixão.

«Vamos, bom cavalleiro — disse elrei pondo-se em pé — não haja entre nós doestos. O architecto do mosteiro de Sancta Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz, entre os principes do mundo, porque segui ávante

¹ Acostamento é o mesmo que moradia.

por campos de batalha ; ella vos dirá, tambem, que a vossa fama será perpetua, havendo trocado a espada pela penna com que traçastes o desenho do grande monumento da independencia e da gloria desta terra. Rei dos homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes ! Tambem vós fostes um delles ; e negar-vos-heis a proseguir na edificação desta memoria, desta tradição de marmore, que ha-de recordar aos vindouros a historia dos nossos feitos ? Mestre Affonso Domingues, escutae os ossos de tantos valentes que vos accusam de trahirdes a boa e antiga amizade. Vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soído desse queixume de mortos ; porque, nas contendas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadaveres de cavalleiros ! Eia, pois : se não perdoaes a D. João I uma supposta affronta, perdoae-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo capitão, que, em nome da gente portuguesa, vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez á patria o vosso maravilhoso engenho, e que vos abraça, como antigo irmão nos combates, porque, certo, crê que não quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado portuguezs.»

Elrei parecia grandemente commovido, e, talvez involuntariamente, lançou um braço ao redor do pescoço do cégo que soluçava e tremia sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa. Todos se tinham posto em pé quando elrei se erguera e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

«Vencestes, senhor rei, vencestes! . . . A abobada da casa capitular não ficará por terra. Oh meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens será realisada, será duradoura, como a pedra em que vou estampá-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as unicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves que tenho ouvido ha muitos annos, são as que vos saíram da boca: só D. João I comprehende Affonso Domingues; porque só elle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas, palavras de anjos — patria e gloria. A passada injuria, a vossos conselheiros a attribui sempre, que não a vós, postoque de vós, que ereis rei, me queixasse; varrê-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas e a pedra moída pelo cinzel de cima do vulto que entalhou em gargula de cimalha rendada. Que me

restituam os meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portuguesa a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerrei ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria.»

Elrei apertou então entre os braços o bom do cégo, que procurava ajoelhar a seus pés. Era a attracção de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim, D. João I fez um signal ao pagem, que se aproximou:

«Alvaro Vaz, acompanhae este nobre cavalleiro a sua pousada. E vós, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. — Mui devoto padre prior — continuou elrei, voltando-se para Frei Lourenço — entendei que d'ora ávante Affonso Domingues, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, emquanto assim lhe aprovér.»

O prior fez uma profunda reverencia.

A alegria tinha tolhido a voz do architecto: diante de toda a corte elrei o havia desaffrontado, e já, sem desdouro, podia acceitar o encargo de que o tinha despojado. Com passos

incertos e seguro ao braço do pagem, saíu do aposento, feita venia a elrei.

Este deu immediatamente ordem para a partida. Quando todos iam saíndo, o prior chegou-se ao velho chanceller e disse-lhe em tom submisso:

«Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente á rainha o que succedeu e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a regua magistral a mestre Ouguet...»

«Foi — tornou o politico discipulo de Bartholo — mais uma façanha de D. João I: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lagryma. Bem trabalho por fazer do Mestre de Aviz um rei; mas sáe-me sempre cavalleiro andante. Não lhe succedera isto, se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tenho-lhe dicto mil vezes que é preciso lisongear os ingleses, porque carecemos delles: a tudo me responde com dizer que, com Deus e o proprio montante, tem em nada Castella: todavia a gente inglesa ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação. E que importava que ella fosse mais ou menos primorosa, a troco de contentarmos os que comnosco estão liados? Quanto a vós, reverendo prior, ficae des-

cansado; tudo fia a rainha de vossa prudencia, que é muita, postoque não vistes Bolonha. Vamos, reverendissimo.»

A corte já tinha saído: os dous velhos seguiram-na ao longo daquellas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

V

O voto fatal

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho e toda a casta de boninas teciam um tapete odorifero e immenso, por charnecas, comoros e sapaes e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as fronte somnolentas com a brisa de manhan purissima, mostrando aos olhos um balouçar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que, mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram sete de Maio da era de 1439 ou, como os letrados diziam, do anno da redempção, 1401. Quatro mezes certos se contavam nesse dia, depois daquelle em que, numa das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passara a scena que no

antecedente capitulo narrámos e que extraiamos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II, com aquella pontualidade e verdade com que o grande chronista Fr. Bernardo de Brito citava só documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exacção com que o philosopho de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião christian.

Assistiu o leitor á promessa que mestre Affonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro mezes lhe daria posto o remate na abobada da casa capitular de Sancta Maria da Victoria, e lembrado estará de como elrei lhe promettera, tambem, mandar vir de Guimarães todos os officiaes portuguezes que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet, como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, postoque grandiosa, menos importante, de Sancta Maria da Oliveira, hoje desaportuguesada, caiada e dourada e mutilada pelo mais barbaro abuso da riqueza e da ignorancia clerical. A palavra do Mestre d'Aviz não voltara atrás, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavalleiro portuguez daquelles tempos, em que tão nobres affectos e instinctos havia nos corações de nossos avós

que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaça para Guimarães, onde nesse anno se ajunctavam cortes, apenas ahi chegara tinha mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este resolvido, tambem, a cumprir o promettido, metteram mãos á obra. O capitulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples e, muito antes do dia aprazado, o fecho ou remate da abobada repousava no seu logar.

Durante estes quatro mezes os successos politicos tinham trazido D. João I a Santarem, onde se fizera prestes com bom numero de lanças, bésteiros e peões para ir ajunctar-se com o condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recommçado, por se haverem acabado as treguas. Para esta entrada se apparelhara elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros e, caminhando pela margem direita do Tejo, acampara juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas, para passar o exercito e seguir ávante até o Crato, que era o logar aprazado

com o condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes que tinham vindo de Lisboa trabalhavam na ponte de barcas que se devia lançar sobre o Tejo: os bésteiros alimpavam suas béstas e folgavam em luctas e jogos: os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavoloado, monteavam ou matavam o tempo em banquetes e beberronias. Tinham chegado áquelle sitio a cinco de Maio, e no seguinte dia elrei partira aforradamente para a Batalha, porque não se esquecera de que os quatro mezes que pedira Affonso Domingues para levantar a abobada eram passados, e fora avisado por Frei Lourenço de que a obra estava acabada, mas que o architecto não quizera tirar os simples senão na presença d'elrei.

Antes de partir de Lisboa, D. João I mandara sair dos carceres em que jaziam bom numero de criminosos e de captivos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de bésteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguem aventasse o motivo disto. Todavia, elle era obvio: elrei pensou que, assim como a abobada do capitulo desabara, da primeira

vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, assim podia agora derrocar-se em cima dos obreiros, no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que fora edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua mãe, e crendo por isso que a morte de um popular tambem tinha seu trance de agonia e que lagrymas de orphãos pobres eram tão amargas ou, porventura, mais que as de infantes e senhores, não quiz que se arriscassem senão vidas condemnadas, ou pela guerra ou pelos tribunaes, e que, naquella, se tinham remido pela covardia e, nestes, pela piedade ou, antes, pelo esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe não occorrera esta idéa, fora porque, tambem, na memoria de obreiros portugueses não havia lembrança de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido só por dous pagens, D. João I atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se á portaria do mosteiro.

Os officiaes que trabalhavam em varios labores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dous pagens, mas não o conheceram: D. João I vinha cuberto de todas as peças e, ao galgar

o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

«*Benedicite!*» — dizia elrei, batendo devagarinho á porta da cella de Frei Lourenço.

«*Pax vobis, domine!*» — respondeu o prior, que logo conheceu elrei, e veio abrir a porta.

«Não vos incommodeis, reverendissimo — disse D. João, entrando na cella e sentando-se em um tamborete — deixae-me resfolegar um pouco e dae-me uma vez de vinho.»

«Não vos esperava tão de salto» — tornou Frei Lourenço: e, abrindo um armario tirou delle uma borracha e um cangirão de madeira, que encheu de vinho e, pegando com a esquerda em uma escudella de barro de Estremoz¹, cheia de uma especie de bolo feito de mel, ovos e flor de farinha, apresentou a elrei aquella collação.

«Excellent almoço» — dizia elrei, descalçando o guante ferrado e cravando a espaços os dedos dentro da escudella, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados

¹ A louça de Estremoz é antiquissima em o nosso paiz. No tempo de Francisco I de França, mandavam-se buscar os pucaros desta louça a Portugal, para beber a agua, que então, bem como hoje, se tornava nelles excessivamente fria.

beijos dados no cangirão. Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, pôs-se em pé, enquanto Frei Lourenço guardava os despojos daquelle batalha.

«Bofé — disse D. João I, rindo — que não ando a meu talante, senão com o arnez ás costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno á mocidade e que sou o Mestre d'Aviz ou, antes, o simples cavalleiro que, confiando só em Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas¹ inteiras, e tendo sobre a consciencia só os peccados de homem e não os escrúpulos de rei.»

«E então — atalhou o prior — o vosso confessor Frei Lourenço era um pobre frade cujos unicos cuidados se encerravam em saber as horas do coro e em ler as sagradas escripturas, porém que hoje tem de velar muitas noutes, pensando no modo de não deixar affrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que hontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Domingues aporfia em só fazer perante vós?»

¹ Semanas.

«A isso vim, porém de espaço; que não será nestes cinco dias que esteja prompta a ponte de barcas que mandei lançar no Tejo, para passar minha hoste. Durante elles, com vossos mui religiosos frades me apparelharei para a guerra enthesourando orações e recebendo absolvição de meus erros.»

«Os principes pios — acudiu o prior, com gesto de compunção — são sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos.»

«Amen!» — respondeu devotamente elrei.

«Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que ponha tudo em ordenança de se tirarem os simples. Pediu-me que o mandasse chamar apenas fosseis chegado.»

Frei Lourenço saíu e, d'ahi a pouco, voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela mão.

«Guardede-vos Deus, mestre Affonso Domingues! — disse elrei, vendo entrar o cégo. — Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples não quizestes tirar senão em minha presença.»

«Beijo-vo-las, senhor rei, pela mercê: dous

votos fiz, se levasse a cabo esta feitura; era esse um delles. . . .»

«E o outro?» — atalhou elrei.

«O outro, dir-vo-lo-hei em breve; mas, por ora, permitti que para mim o guarde.»

«São negocios de consciencia — acudiu o prior. — Elrei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo.»

D. João I fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

Elrei, o prior e o architecto ainda se demoraram um pedaço, falando ácerca da obra e do que cumpria fazer no proseguimento della; mas o cêgo dissera o que quer que fora em voz baixa, ao rapaz que o acompanhava, o qual saíra immediatamente, e que só voltou quando os tres acabavam a conversação.

«Fernão d'Evora — disse o cêgo, sentindo-o outra vez ao pé de si — fizeste o que te ordenei, e déste a teu tio Martim Vasques o meu recado?»

«Senhor, si! Envia-vos elle a dizer que tudo está prestes.»

«Então vamos a ver se desta feita temos mais perduravel abobada.»

Isto dizia elrei, saíndo da cella de Frei Lourenço e seguindo ao longo do claustro. Já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a

nova da sua chegada, e os frades começavam de ajunctar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a noticia, espalhando-se pela povoação, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que, quando elrei desceu á crasta, já alli se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam vê-lo e, ainda mais, saber se desta vez a abobada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podera comparar a composição daquelles simples á fabrica do mais delicado relógio. Á porta que dava para a crasta estava um homem em pé, que se desbarretou apenas viu elrei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por Frei Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cêgo. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco annos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao

cégo, este o tomou pela mão e, voltando-se para elrei, disse:

«Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, será capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes.»

«E debaixo de meu especial amparo estará Martim Vasques — respondeu elrei — que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem ¹.»

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta e que se enfileirou aos lados: chegava gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de bésteiros, vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalços: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razão disso: eram bésteiros castelhanos que em diversos recon-tros e pelejas tinham caído nas mãos dos portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella

¹ Martim Vasques foi o 3.º mestre das obras da Batalha e Fernão d'Evora o 4.º — Veja-se a memoria de D. Francisco de S. Luiz no 10.º volume das da Academia.

assemelhavam-se ás guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser mettido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados á morte por suas malfetorias.

«Misericordia!» — bradou toda aquella multidão, ao passar por elrei: e caíram de bruços sobre as lageas do pavimento.

«Comvosco a tenho, mesquinha gente — disse elrei commovido. — Se tirardes os simples, que vedes acolá, e a abobada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quasi que é o mesmo que perdoar-vos.»

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração e espalhada nas faces; o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples e que, ás primeiras pancadas, as pedras desconformes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro

esmaga a lagarta enroscada na planta viçosa do horto.

Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram á porta do capitulo, trazendo sobre uma pavióla uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que já lá estava, gritou ao cégo architecto:

«Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faça do canto que para aqui mandastes trazer?»

«Assentae-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro, que deixam os prumos centraes dos simples.»

Os obreiros fizeram o que o architecto mandara: este então voltou-se para elrei e disse:

«Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que, assentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem poderá mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu quizera enectar, depois de velho, uma vida deshonorada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução.»

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

«Esperae, esperae! — bradou elrei. — Estaes louco, bom cavalleiro? Quem, se vós morrerdes, continuará esta fabrica, tão formosa filha de vosso engenho?»

«Mestre Ouguet — tornou o cego, parando. — Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade. Se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma columna erguida ao centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edificio, fazei senhor rei que se prosiga meu desenho: é o que ora vos peço tão sómente.»

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas que sustinham as traves dos simples: elrei, Frei Lourenço e os mais frades ficaram attonitos e calados.

«Que tão honrado mestre corra parellas no risco com esses perros castelhanos, cousa é que não póde soffrer-se: mas o voto é voto, senão...»

Estas palavras partiam da boca de uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indicios de complicação sanguinea e irritavel, e que de mãos mettidas nas algibeiras, na frente

de uma das alas do povo, presencava o caso.

«Tendes razão, tia Brites d'Almeida; e por ser voto me calo eu — acudiu elrei, voltando-se para a velha. — Mas juro a Christo, que estou espantado de só agora vos ver! Porque me não viestes falar?»

«Perdoe-me vossa mercê — replicou a velha. — Eu vim trazer pão á feira, e ahi soube da chegada de vossa real senhoria. Corri... se eu correria para vos falar! Mas estes bocas abertas não me deixaram passar. Abrenuncio! Depois estive a olhar... Parecieis-me carregado de semblante. Que é isso? Temos novas voltas com os excommungados castelhanos? Se assim é, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está para o que der e vier.»

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras e, cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os meneios de quem já brandia a tremebunda e patriotica pá de forno que hoje é gloria e brasão da gothica villa de Aljubarrota.

«Podeis dormir descansada, tia Brites — respondeu elrei sorrindo-se. — Bem sabeis que sou português e cavalleiro, e a gente de nossa

terra é cortês: elrei de Castella veio visitar-nos varias vezes: agora ando eu na demanda de lhe pagar com usura suas visitações.»

Emquanto este dialogo se passava entre o heroe de Aljubarrota e a sua poderosa alliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e, dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martello, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio, e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle montão de vigas, barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas e travessas tinha passado pela crasta fóra em collos de homens, e os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites, ao ver ir soltos os bésteiros castelhanos. Apenas no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava elrei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saísse d'alli; mas elle não lhes respondia nada. Desenganados emfim, foram-se, pouco a pouco, retirando da crasta, onde, ao pôr do sol, começou a bater o luar de uma formosa noute de Maio.

Tres dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem sequer cedera ás rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo, para ver se o movia a tomar alguma refeição. Tudo recusou o cego : a sua resolução era inabalavel. Tambem a abobada estava firme, como se fora bronze. No terceiro dia á tarde, elrei, que tinha passado o tempo em apparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu á crasta, acompanhado de Frei Lourenço e de outros frades, e, chegando á porta do capitulo, viu Martim Vasques e Anna Margarida juncto á pedra fria de Affonso Domingues, e este, pallido e com as palpebras cerradas, encostado nos braços delles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

«Que temos de novo? — perguntou elrei, chegando á porta e vendo aquelles dous enfermos. — Completam-se ora os tres dias do voto : ainda mestre Affonso teimará em estar aqui mais tempo?»

«Não senhor — respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas — não estará aqui mais tempo ; porque o seu corpo é he-

rança da terra; a sua alma repousa com Deus.»

«Morto!?» — bradaram a uma voz elrei e Frei Lourenço, e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para a abobada com um gesto de receio.}]

«Nada temaes, senhores — disse Martim Vasques. — As ultimas palavras do mestre foram estas: — a abobada não caiu... a abobada não cairá!»

O architecto, gasto de velhice, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condemnara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer, pendeu moribundo nos braços delles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trévas do passado.

Elrei derramou algumas lagrymas sobre os restos do bom cavalleiro, e Frei Lourenço resou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa que, até o ultimo arranco, escrevera sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra sobre a qual mestre Affonso expirara ordenou elrei se tirasse, parecido quanto fosse possivel retratando-se um cadaver, o vulto do honrado architecto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da

casa capitular, onde, durante mais de quatro seculos, como as sphynxes monumentaes do Egypto, tem dado origem ás mais desvairadas hypotheses e conjecturas. A' pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, tambem, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além disso, assignaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cêgo dissera a elrei ácerca da sua capacidade para o substituir, e porque, emfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que occupara, e quando, nos serões do mosteiro, alguém falava nos meritos de Affonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandês a conversação, dizendo com riso amarello :

«Olhem que foi forte perda !»



INDICE

Advertencia da primeira edição	v
» » segunda »	xI

O Alcaide de Santarem

(950-961)

I	3
II	15
III	27
IV	37

Arrhas por foro d'Hespanha

(1371-1372)

I — A arraya-miuda	53
II — O beguino	78
III — Um bulhão e uma agulha d'alfaiate	97
IV — Mil dobras pé-terra e trezentas barbu- das	115
V — Mestre Bartholomeu Chambão	134

VI — Uma barregan rainha	156
VII -- Juramento, pagamento.....	182

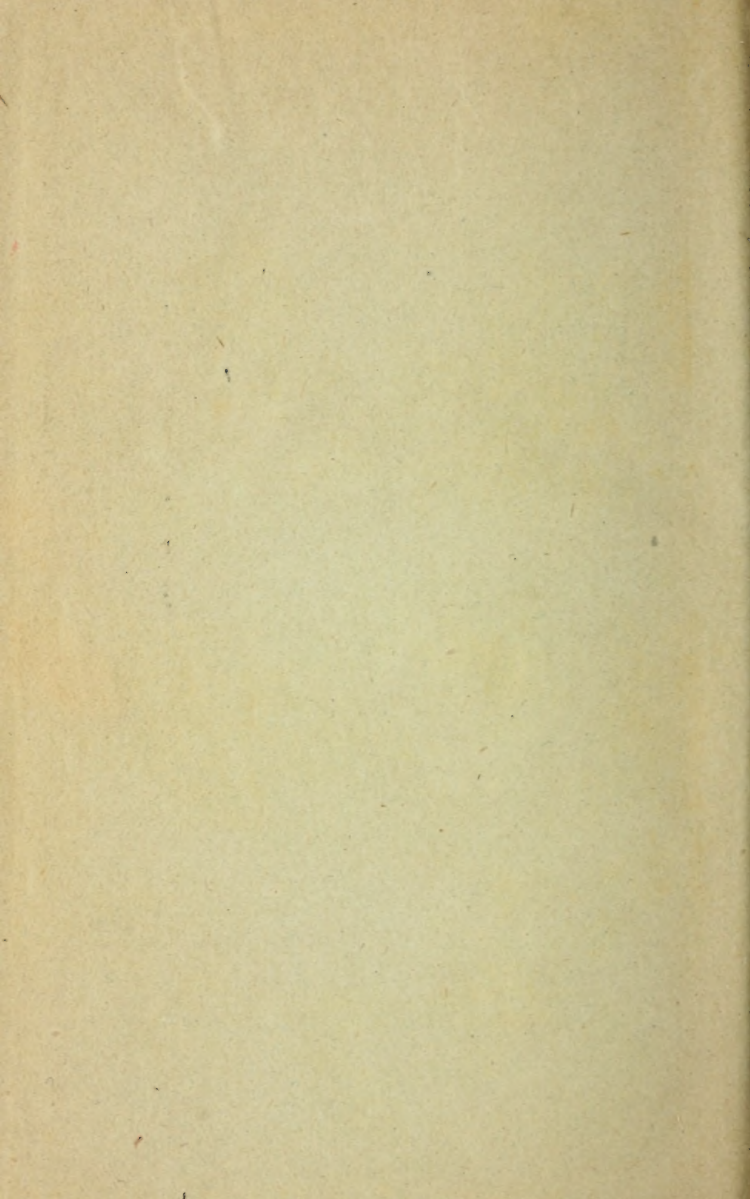
O Castello de Faria..... 215

(1373)

A abobada

(1401)

I -- O cégo	229
II -- Mestre Ouguet	247
III — O auto	258
IV — Um rei cavalleiro	276
V — O voto fatal	291



PQ
9261
H5L4
1918
t.1

Herculano de Carvalho e
Araujo, Alexandre
Lendas e narrativas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 14 003 7